



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



**MARILENE FERREIRA LOBO**

**PADRE CÍCERO NO CARIRI: A PRÁTICA RELIGIOSA DA RENOVAÇÃO AO  
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM JUAZEIRO DO NORTE – CE COMO  
IDENTIDADE CULTURAL DO LUGAR**

**MANAUS**  
**2022**

**MARILENE FERREIRA LOBO**

**PADRE CÍCERO NO CARIRI: A PRÁTICA RELIGIOSA DA RENOVAÇÃO AO  
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM JUAZEIRO DO NORTE – CE COMO  
IDENTIDADE CULTURAL DO LUGAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira – PPGGEOG - UFAM

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Wendel Alves de Oliveira – DEGEO - URCA

**MANAUS**

**2022**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L799p Lobo, Marilene Ferreira  
Padre Cícero : a prática religiosa da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus em Juazeiro do Norte – CE como identidade cultural do lugar / Marilene Ferreira Lobo . 2022  
189 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Amélia Regina Batista Nogueira  
Coorientador: Paulo Wendell Alves de Oliveira  
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Renovação. 2. Sagrado Coração de Jesus. 3. Devoção. 4. Identidade cultural. I. Nogueira, Amélia Regina Batista. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

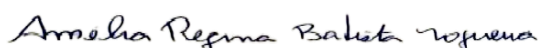
MARILENE FERREIRA LOBO

PADRE CÍCERO NO CARIRI: A PRÁTICA RELIGIOSA DA RENOVAÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM JUAZEIRO DO NORTE – CE COMO IDENTIDADE CULTURAL DO LUGAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em: 21/01/2022

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)  
Orientadora



---

Prof. Dr. Paulo Wendell Alves de Oliveira (Orientador)  
Universidade Regional do Cariri (URCA)  
Coorientador



---

Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva  
Membro externo  
Universidade Regional do Cariri (URCA)



---

Prof. Dr. Nelcionei José de Souza Araújo  
Membro do PPGGEOG - UFAM  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Dedico este trabalho a minha família e amigos...  
Às pessoas que permitiram serem entrevistadas para que esse trabalho fosse  
realizado.

## AGRADECIMENTOS

Começo os meus agradecimentos com a letra da música “pra chegar até aqui” lançada no ano de 2018 pelo cantor e compositor Fábio Carneirinho. Essa música parece retratar a minha trajetória. O ano de lançamento desse álbum coincidiu com mais um ano de luta na minha vida, e assim como todos os outros, esse ano também foi cheio de percas e ganhos, ano de tomada de decisões muito fortes. Foi também o ano que passei na seleção do mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

### **Pra chegar até aqui**

*Pra chegar até aqui  
Eu fui pisado feito um pano de chão  
Fui humilhado pra poder ganhar o pão  
E muita gente pensou que eu era brinquedo*

*Pra chegar até aqui  
Tive coragem de vender tudo que eu tinha  
E muitas vezes comi ovo com farinha  
Da minha vida eu nunca guardei segredo*

*Pra chegar até aqui  
Eu viajei por esse mundo de meu Deus  
Vi muitos erros também cometi os meus  
Mas acredite eu tô vivendo bem melhor*

*O nosso Deus é bom  
É bom é bom  
De mim teve dó*

*Confesso que caí  
Mas levantei e dei a volta por cima  
Em alto astral levantei a baixa estima  
Eu vou pra o topo já sacudi a poeira  
Fazer da minha história  
Enciclopédia de um grande vencedor  
Cantando a vida eu vou semeando amor  
Ganhar um óscar pelas mãos do Criador*

A Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas da minha vida. Primeiramente gostaria de agradecer ao meu DEUS por me permitir experienciar toda essa trajetória para chegar até aqui com um desfecho feliz.

Ter a iniciativa e ousadia de iniciar e concluir um objetivo de vida não é uma tarefa fácil, mas encontrei muita ajuda durante a caminhada, portanto essa

dissertação não foi feita apenas por mim, mas por todas as pessoas que contribuíram de maneira direta ou indireta para o resultado satisfatório ao final deste trabalho.

Nessa empreitada encontrei pessoas que compartilharam comigo, ansiedades, angústias, alegrias, histórias e descobertas, além de tantos outros sentimentos. Estiveram comigo me apoiando e me fortalecendo. Por esse motivo, esse trabalho é resultado de um esforço e participação coletiva, uns mais, outros menos, mas todos com a sua significância.

Uns eu irei mencionar aqui, outros não. Mas saibam que todos vocês foram elementos essenciais para a conclusão desse mosaico. E mesmo aqueles que eu não citar saberão onde e quando foram participativos na minha vida durante essa trajetória.

Quero agradecer a minha família que de longe ou de perto sempre me apoiou nas minhas decisões, na maioria das vezes ficam calados, mas eu entendo que o silenciar é uma maneira de concordar. Agradeço a minha mãe Maria, mas conhecida como Têê, eu acho que as vezes ela não sabe demonstrar seus sentimentos, isso não quer dizer que não sinta. Infelizmente a minha criação e a dela foram assim, vazias de demonstração de palavras e gestos de carinho. Mas sei que ela fica feliz com a minha conquista e torce para que eu continue a minha caminhada, sei que se preocupa comigo e que reza todos os dias pedindo a Deus a minha proteção. Por isso nos amamos, do nosso jeito.

Agradecer ao meu pai Paulo, que embora analfabeto sempre nos incentivou a estudar para não trabalhar na roça igual ele. Esse era o estímulo que ele nos dava e que de certa forma impulsionou a mim e aos meus irmãos. Agradecer a ele pelas orações diárias de proteção dirigida a Deus em nosso auxílio.

Quero agradecer a minha irmã Telma que de certa forma foi parceira nessa pesquisa quando me emprestou a moto dela por quase seis meses para que eu rodasse o Juazeiro de ponta a ponta, visitando as famílias e colhendo informação para enriquecer esse trabalho.

Quero agradecer ao meu amigo Marcos Alan que foi a primeira pessoa que me incentivou e me encorajou a fazer uma seleção de mestrado, ele sempre dizia que eu era capaz. Foi ele também a primeira pessoa que me ajudou e me orientou no pré-projeto quando decidi fazer a seleção de mestrado o qual hoje estou concluindo. Foi através dele que descobri que tem uma grande guerreira dentro dessa minha aparente pequenez.

Quero agradecer a minha amiga Ana Cláudia, que durante um momento muito conturbado da minha vida em 2018 ano que me submeti a seleção de mestrado me apoiou, me incentivou e me fortaleceu. Me orientou na escrita final do pré-projeto, me acalmou no dia da apresentação e entrevista do pré-projeto. Foi ela também que me alegrou ao ser a primeira pessoa a me ligar e me parabenizar por ter passado com uma boa nota na prova escrita.

Agradecer as minhas amigas Amanda e Luana que dividiram comigo muitos momentos tristes e alegres durante essa trajetória. Por terem sido um grande suporte quando eu precisava de um colo e de um ombro para chorar. Sou grata pela preocupação, amor, carinho e diversão...

Agradeço ao ex-diretor da escola E.E.T.I Bilingue professor Djalma da Cunha Batista, o senhor Orlando Moura e a pedagoga Marcia Dolzano que durante o ano de 2019 organizou o meu horário de trabalho de maneira que eu cumprisse todas as minhas aulas na escola na parte da manhã e no primeiro tempo da tarde, dessa maneira eu consegui cursar as disciplinas mínimas obrigatórias para cumprir os créditos necessários exigidos no currículo do mestrado. A ajuda do Orlando e da Márcia foi de fundamental importância quando eu não sabia o que fazer devido o meu direito de licença para estudo ter sido negado pela Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas – SEDUC -AM

Quero agradecer ao meu amigo Alcenir, que sempre me incentivou, me apoiou, e me deu forças em todas as minhas decisões, sempre massageou meu ego apontando e exaltando as minhas qualidades. Me ouviu e por muitas vezes me orientou quando eu me encontrava perdida. Me encorajou para que eu fosse em busca desse desafio.

Quero agradecer ao meu amigo Osvaldo, pelas dicas, pelo direcionamento, pelas orientações quanto a pesquisa, por dispor de tempo para me acompanhar várias vezes no campo enquanto eu realizava as entrevistas.

Agradecer ao meu amigo Francisco Marciano e a minha amiga Maria Daniele que elaborarem os mapas necessários utilizados nesse trabalho.

Quero agradecer aos meus amigos que separaram um tempinho e se fizeram presente, me prestigiando e me encorajando no dia da qualificação que aconteceu de maneira remota. Agradecer ainda aqueles que se dispuseram estar comigo à noite logo após a qualificação para brindarmos por mais um passo dado, e uma conquista



alcançada. Agradecer também a todos aqueles que sempre me perguntam como anda a pesquisa e a dissertação. Para mim isso demonstra uma preocupação.

Agradeço a todos que deram voz e sentido à pesquisa, a todos aqueles que se permitiram compartilhar comigo suas histórias, enriquecendo cada vez mais esse trabalho. Aqueles que me receberam em suas casas mesmo diante de um período crítico de pandemia a qual estamos atravessando. Mesmo assim me receberam de braços abertos com muito carinho e respeito.

Agradeço aqueles que não puderam me receber, mas que se permitiram conversar comigo através de E-mail ou telefone, oferecendo assim a sua contribuição para o trabalho. Agradeço aqueles que mesmo depois da visita, da conversa, da entrevista ainda mantém contato comigo, me passando mensagem de encorajamento. Com alguns, esses laços foram estreitados restando uma boa amizade como é o caso de Socorro Beserra e Mestra Marina.

Agradeço a todos aqueles que se importaram, se preocuparam em me ajudar, indicando pessoas para eu entrevistar e até mesmo se dispondo a ir comigo nessas visitas, como foi o caso do meu ex aluno Valter, da minha amiga Reubéria e do meu primo Júnior.

Por fim e não menos importante, gostaria de agradecer aos meus orientadores Amélia e Paulo Wendel. A Amélia essa pessoa abençoada que Deus colocou na minha vida que tem me apoiado, me dado força, me incentivado desde o começo quando tudo ainda era apenas um sonho, uma ideia, essa pessoa por quem tenho um enorme carinho, respeito e admiração, e hoje posso chamá-la de amiga, pois trabalharmos juntas rendeu uma amizade que foi além das orientações acadêmicas.

Paulo Wendel, reencontrei no meio da trajetória, embora tenhamos sido colegas de sala na graduação a vida nos levou por caminhos diferentes, no entanto nos reencontramos no ano de 2020 enquanto estava a escrever a qualificação. Ele me ajudou bastante, me orientou na escrita do primeiro capítulo da dissertação para a qualificação. Foi a partir daí que o convidei para ser meu coorientador com o aval da minha orientadora Amélia.

Agradeço a justiça terrena, a justiça do homem, que me assegurou o direito de ter a minha licença para estudo concedida a partir de março de 2020 foi quando já podia viajar para realizar a pesquisa de campo, porém a viagem só aconteceu em outubro de 2020 devido os momentos de lockdown vividos pelos estados e municípios.

Quero agradecer a vida por me proporcionar esse momento durante nove meses na minha terra, minha casa, meu lugar, com a minha família e amigos. Vivendo as minhas raízes, presenciando momentos importantes, significativos que fizeram parte da minha infância e adolescência que são as Renovações ao Sagrado Coração de Jesus.

Agradeço às boas energias que estão sempre comigo, me protegendo dos maus caminhos, dos maus pensamentos e das pessoas más.

Agradeço ao padre Cícero, o Santo do sertanejo nordestino, que eu também o considero santo, acredito que foi por intermédio dele que tudo foi dando certo ao longo desse trabalho, pois sempre pedia a sua proteção e quando algo parecia dar errado eu falava: “valei-me meu padim Çiço!”

Sou grata a todos aqueles que fazem pesquisa e que permitem ser pesquisados, agradeço a todos e todas que encontrei no caminho para chegar até aqui. A todos que fizeram parte desse trabalho, minha eterna gratidão!

## RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo Compreender como a prática religiosa da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus está associada a identidade cultural e territorial da sociedade cariense, especificamente em Juazeiro do Norte-CE. Partimos do pressuposto de que toda identidade territorial é também uma identidade social definida através do território, esse território do poder simbólico, da fé e devoção. Devido à escassez de bibliografia referente ao tema, o trabalho se desenvolverá em sua grande parte através das narrativas dos sujeitos do lugar. Essas narrativas são essenciais para compreendermos a fé e devoção de um povo, assim como também como essa tradição foi se fortalecendo a cada dia, até mesmo nos dias de hoje com o processo de globalização essa tradição se apropriou de novos elementos e continua sendo passada de geração em geração fortalecendo a cada dia a identidade coletiva da sociedade católica juazeirense.

**Palavras-chaves:** Renovação; Sagrado Coração de Jesus; Devoção; Identidade cultural.

## **ABSTRACT**

The present dissertation aims to understand how the religious practice of the Renewal to the Sacred Heart of Jesus is associated with cultural and territorial identity of the Cariense society, specifically in Juazeiro do Norte-CE. We start from the assumption that every territorial identity is also a social identity defined through territory, this territory of symbolic power, faith and devotion. Due to the scarcity of bibliography on the theme, the work will be developed largely through the narratives of the local people. These narratives are essential for us to understand the faith and devotion of a people, as well as how this tradition was being strengthened every day, even nowadays, with the globalization process, this tradition appropriated new elements and continues being passed on from generation to generation, strengthening every day the collective identity of the Catholic society of Juazeirense.

**Key-words:** Renewal; Sacred Heart of Jesus, Devotion, Cultural identity

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Região Metropolitana do Cariri.....	17
Figura 2: Visita a casa de dona Joana Duda.....	21
Figura 3: Entrevista com o Bispo Dom Gilberto.....	21
Figura 4: Pontos visitados na pesquisa de campo .....	23
Figura 5: Imagem do Sagrado Coração de Jesus na Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores.....	54
Figura 6: Livreto da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus .....	55
Figura 7: Sala do santo .....	57
Figura 8: Terreiro da casa .....	66
Figura 9: Forno a lenha .....	69
Figura 10: Fogão a lenha .....	70
Figura 11: Cajuína São Geraldo.....	73
Figura 12: Almoço ou jantar da Renovação .....	74
Figura 13: Sala do santo da casa de dona Maria Lobo .....	78
Figura 14: Sala do santo da casa de Raimundo Macêdo.....	79
Figura 15: Sala do Santo com a imagem do padre Cicero.....	84
Figura 16: Sala do santo com a imagem do padre Cicero e Frei Damião .....	85
Figura 17: Devoto diante do sagrado .....	86
Figura 18: Modelos de toalhas da mesa do santo.....	87
Figura 19: Modelos de quadros antigos do SCJ.....	88
Figura 20: Floristas na rua Santa Luzia.....	89
Figura 21: Luz do santo.....	90
Figura 22: Café do santo ao modelo mais antigo .....	95
Figura 23: Bateria para guardar panelas .....	117
Figura 24: O refrigerante cajuína durante a partilha.....	120
Figura 25: Certificado entregue para as rezadeiras .....	123
Figura 26: Renovação com acompanhamento de instrumentos musicais .....	127
Figura 27: Jornalzinho com as letras dos cânticos.....	128
Figura 28: Rezadores rezando a Renovação sem dar as costas para a assembleia .....	129
Figura 29: Rezador utilizando o celular para a leitura das orações.....	130
Figura 30: Nova posição do quadro na sala do santo .....	131
Figura 31: Modelos de imagens do SCJ .....	132
Figura 32: Momento de partilha na Renovação durante a pesquisa .....	133
Figura 33: Kit lanche servido nas Renovações .....	133
Figura 34: Lembrancinhas entregues nas Renovações .....	136
Figura 35: Convites virtuais das Renovações .....	137
Figura 36: Renovação celebrada junto com aniversário de casamento .....	138
Figura 37: A presença de alguns homens na hora da reza.....	139
Figura 38: Criança durante o momento da reza .....	139
Figura 39: Renovação virtual na casa da minha mãe em 2020 .....	142
Figura 40: Renovação na casa do pai João .....	154

## **LISTA DE SIGLAS**

SEDUC -AM - Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas

SCJ – Sagrado Coração de Jesus

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CRAJUBAR – Crato, Juazeiro e Barbalha

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

OMS - Organização Mundial da Saúde

UTI – Unidade de Tratamento Intensivo

RCC – Renovação Carismática Católica

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. FÉ CATÓLICA POPULAR: TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS, SIMBOLOGIAS E (RE)SIGNIFICAÇÕES DO SAGRADO.....	27
2.1. Geografia humanista-cultural e a perspectiva fenomenológica.....	28
2.2. Geografia cultural humanista e a geografia da religião.....	33
2.3. “Lugar” o espaço sagrado das experiências vividas.....	36
2.4. Território e territorialidade: o lugar demarcado pelo Sagrado Coração de Jesus.....	39
2.5. Catolicismo popular e as Renovações ao Sagrado Coração de Jesus em Juazeiro do Norte-CE.....	41
2.6. Ritos, rituais, costumes e tradições o que define a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus.....	44
3. A PERCEPÇÃO DOS DEVOTOS: A PRÁTICA DA RENOVAÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM JUAZEIRO DO NORTE-CE.....	48
3.1. Estar em campo.....	49
3.2. A devoção e a tradição da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus.....	49
3.3. A casa como lugar de devoção: Entronização ao Sagrado Coração de Jesus.....	57
3.4. Labirinto das memórias.....	63
3.4.1. (RE)mexendo as memórias.....	64
3.4.2. A preparação da casa e do banquete.....	73
3.5. Símbolos e práticas religiosas na cerimônia.....	76
3.5.1. Os elementos sacros.....	77
3.6. Renovação ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria.....	96
3.7. Um momento de prosa - narrativas pessoais das rezadeiras e rezadores.....	99
3.8. Renovação ao Sagrado Coração de Jesus como identidade cultural do povo juazeirense.....	110
4. ENTRE SERTÕES E RENOVAÇÕES, O ANTES O AGORA E O DEPOIS: O (RE)SIGNIFICAR DA RENOVAÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS NO CAMPO E NA CIDADE.....	115
4.1. O ritual da Renovação no campo e na cidade.....	116
4.2. A Renovação vista pela igreja católica e suas ações para a manutenção da tradição.....	121
4.3. Renovação contemporânea: resistindo ao tempo.....	124
4.4. Renovação e pandemia, outros arranjos espaciais.....	141
4.5. A Renovação ao Sagrado Coração de Jesus e a religiosidade de matriz africana em Juazeiro do Norte-CE.....	149
4.6. A Renovação ao Sagrado Coração de Jesus ultrapassando o tempo.....	156
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
ENCERRAMENTO.....	168
REFERÊNCIAS.....	169
ANEXOS.....	176

## 1. INTRODUÇÃO

*Os outros nunca sentem.  
Quem sente somos nós,  
Sim, todos nós,  
Até eu, que nesse momento já não estou sentindo nada.  
Nada? Não sei...  
Um nada que dói...  
(Fernando Pessoa)*

Início esse trabalho com uma reflexão de Barros (2014), onde ela fala que a religião é uma forma específica de ideologia pois é parte integrante da estrutura social e das relações sociais presentes no pensamento e nas ações simbólicas do homem, especificamente o sertanejo nordestino.

Esta pesquisa versa, sobre temas de política, natureza, economia, sociedade e cultura, tendo como objeto de pesquisa as Renovações ao Sagrado Coração de Jesus- (SCJ) em Juazeiro do Norte-CE. Falar sobre religião em um país com uma vasta diversidade étnico-cultural religiosa não é nada fácil. No último censo brasileiro, em 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a religião Católica Apostólica Romana foi apontada como a religião mais praticada no país, seguida dos evangélicos, não religiosos/Ateus, Espíritas e Religiões Afro-Brasileiras, respectivamente.

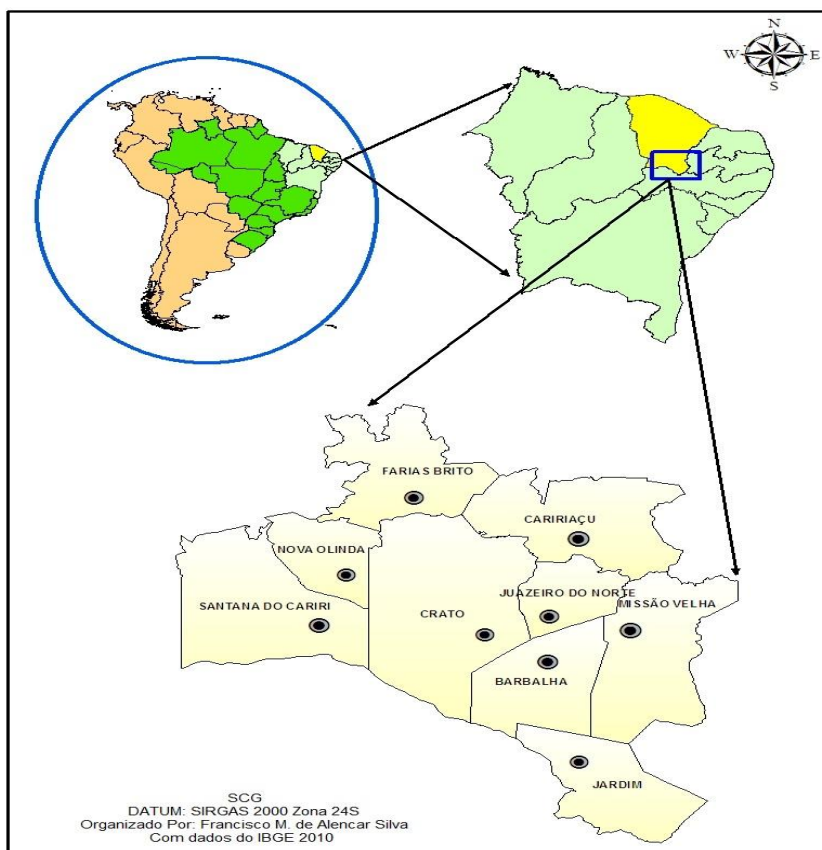
É justamente sobre a religião católica, sobre as práticas religiosas popular do sertanejo nordestino, mais precisamente, objetivando compreender como a prática religiosa da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus está associada a identidade cultural e territorial da sociedade cariariense, especificamente em Juazeiro do Norte-CE, que esta pesquisa refletiu.

Situada ao sul do Ceará, ocupando uma área de 248 km<sup>2</sup>, com população de quase 250 mil habitantes segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, num raio geográfico de enorme privilégio pela sua boa posição de equidistância no Nordeste que está localizada a cidade de Juazeiro do Norte.

A cidade tem como municípios vizinhos, a leste a cidade de Missão Velha, a oeste a cidade do Crato, ao norte a cidade de Caririáçú e ao sul a cidade de Barbalha (Figura 1). Sendo que as cidades de Crato e Barbalha são as principais vias de acesso à cidade, formando assim o chamado Triangulo CRAJUBAR (Crato, Juazeiro e Barbalha).



Figura 1: Mapa da Região Metropolitana do Cariri



Fonte: Silva (2015).

No Ano de 1911 sob a Lei 1.028 foi criado o município de Juazeiro do Norte-CE – IBGE. A cidade cresceu, e cresce associada à imagem do padre Cícero Romão Batista. Seu nome foi dado por ser marcante na paisagem do lugar a presença de uma árvore frutífera da caatinga nordestina, o “Joazeiro”, que recebeu como nome científico *Zizyphus joazeiro*. Segundo as narrativas dos moradores, embaixo da sua frondosa sombra se dava o encontro de transeuntes que vinham da cidade de Missão Velha para o Crato. Lá aconteciam as negociações comerciais, que foi dando origem, a hoje cidade de Juazeiro do Norte. Lembro-me que escutei por várias vezes o meu avô citar esse episódio nas histórias que nos contava.

Quando o padre Cicero chegou naquele pequeno povoado em 1872, era apenas um vilarejo conhecido como “fazenda tabuleiro grande” pertencente ao município do Crato. Naquela época havia apenas algumas casas de tijolos bem rústicas, algumas famílias de camponeses e uma capela que na época já era dedicada à Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade.

O marco da transformação socioespacial da cidade aconteceu em 1889 durante uma missa, a Beata Maria de Araújo ao receber a hóstia consagrada das mãos do

padre Cicero, aquele símbolo sagrado se transformou em sangue na sua boca. O fenômeno aconteceu por várias vezes e quando chegou ao conhecimento dos fiéis, foi tido como milagre. A partir daí muitos fiéis passaram a visitar o vilarejo em busca de conselhos e benção do “Padim Ciço (LIRA NETO, 2009). Devido o acontecido, o vilarejo cresceu em torno da fé popular, hoje é considerado um dos maiores centros de religiosidade popular da América Latina, e do Brasil.

Economicamente a cidade desenvolve-se em grande parte através das romarias e do turismo religioso alicerçado na crença ao padre Cicero. Ele incentivou muitos rituais religiosos que são praticados até os dias atuais, como por exemplo: a devoção a Nossa Senhora das Dores, o hábito de rezar o terço ou rosário todos os dias em casa, assim como também rezar anualmente a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus.

Os ensinamentos deixados pelo padre Cícero se perpetuam de geração a geração, apesar de guardarem uma ancestralidade, esses costumes atualizam-se de tempos em tempos acompanhando as mudanças contemporâneas e se adequando aos hábitos de uma nova geração. Porém, permanece como parte da memória da cidade e identidade cultural de um povo.

A Renovação ao SCJ é uma expressão tradicional de religiosidade popular em Juazeiro do Norte-CE, deixada pelo padre Cicero. Ele incentivou os primeiros moradores da cidade a iniciarem a demonstração de fé e devoção. Ao fixar morada em Juazeiro o padre ensinou os moradores a entronizar a imagem do Sagrado Coração de Jesus em suas casas e fazer a reza anualmente a ele dedicada. Essa forma de devoção e a manutenção da tradição até os dias atuais deixa bem claro a relação cultural espacializada da população juazeirense com um dos seus maiores símbolos da religiosidade popular do lugar, o padre Cicero Romão Batista.

A Renovação ao SCJ ou simplesmente Renovação como é chamada na região, é considerada pelo sertanejo nordestino um patrimônio imaterial<sup>1</sup> da sua cultura, sendo uma expressão simbólica da sua cultura e religião. Até então esse ritual era realizado somente na região do Cariri, porém hoje já com irradiação por vários estados

---

<sup>1</sup> A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) definem como patrimônio imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural." Porém as Renovações ao sagrado Coração de Jesus é apenas considerado pelo sertanejo nordestino e não legalizado conforme Decreto Nº 3.551, de 04 de agosto de 2000.

brasileiros onde moram atualmente algumas pessoas que migraram da região do cariri cearense.

O objeto desta investigação é o ritual da Renovação ao SCJ, que é um fator importante na correlação dos costumes deixados pelo padre Cícero com a identidade do povo juazeirense, uma vez que essa tradição gera ação (re)construindo e (re)significando aquele espaço geográfico através das experiências e ações do homem religioso com as dimensões físicas e simbólicas do lugar.

A pesquisa mostrou a relação existente entre a cultura religiosa popular e a propagação da fé presente nos hábitos religiosos da população juazeirense ainda presente até dias atuais, onde a relação com o sagrado torna aquele espaço um território identitário carregado de simbologias e significações.

Desta forma foi possível compreender como a prática religiosa da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus está associada a identidade cultural da sociedade juazeirense e como se materializa na paisagem do lugar.

Esse contexto regional e cultural faz parte da minha trajetória de vida uma vez que nasci e me criei na cidade de Juazeiro, venho de família tradicional católica praticante dos costumes deixados pelo padre Cícero. Participar do ritual da Renovação foi algo que sempre gostei, carrego até hoje lembranças muito fortes desses momentos vividos.

Descobrir-me uma pesquisadora desafiadora, é que me senti atraída em empreitar essa pesquisa ligada a geografia da religião, mas, precisamente a religião católica, seus ritos, costumes e devoções. Essa vontade de pesquisar sobre as Renovações foi atizada ao longo do período que cursei a disciplina de paisagem, território e cultura durante o segundo semestre de 2019 na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, ofertada pela minha orientadora Amélia Batista, o qual foi feito uma abordagem sobre paisagem a partir das obras de Simon Schama, “Paisagem e Memória” (1995) e Yi-Fu Tuan, Paisagens do Medo (2005).

A partir desse momento percebi que poderia escrever algo iniciando-se pelas minhas experiências vividas enquanto sujeito do lugar, que a minha memória poderia ser o pontapé inicial do trabalho, pois mantenho até hoje uma relação de afetividade com o ritual e com o lugar. E que ao longo do desenvolvimento do trabalho poderia ouvir as narrativas de outros sujeitos que mantêm até hoje essa relação com a paisagem e o lugar.

Percebi também que essa temática é de relevância para a geografia, uma vez que aprofundaria as categorias de paisagem, território e lugar, esse lugar que vai além da localização geográfica e que mantém uma forte ligação com a figura do padre Cicero Romão Batista, atribuindo aos sujeitos uma identidade cultural. Esse lugar que é considerado sagrado pelos devotos devido a relação de afetividade e memória da manifestação. Essa paisagem que vai além do visível pois está associada aos seus signos e significados

Desde criança me intrigava a curiosidade sobre o ritual das Renovações ao SCJ, como surgiu, por que se apresentava daquele jeito, no que as pessoas acreditavam, por que quase todas as famílias que eu conhecia rezavam a Renovação ao SCJ, dentre tantas outras indagações.

Cada vez que retornava para o Juazeiro do Norte-CE, observei que parecia haver uma diminuição na quantidade de Renovações, assim como também na quantidade de pessoas presentes no ritual, observei que havia mudanças significativas tanto no campo como na cidade na forma como o ritual se apresentava e isso foi me chamando atenção.

Nesse sentido senti a necessidade de iniciar essa pesquisa, buscando entender também a produção dos territórios identitários e a significação simbólica do sagrado, assim como também a (re)significação do espaço através do evento da Renovação ao SCJ. Estas e várias outras questões podem ser discutidas e apresentadas ao longo do trabalho para que a sociedade possa entender a influência da religião, fé, crenças e devoções como fenômeno caracterizador do espaço territorial.

A minha estadia em campo se deu no período de outubro de 2020 a julho de 2021, enfrentei muitos desafios para observar e iniciar a escrita dos resultados da pesquisa, uma vez que se trata acerca de um tema tão cheio de vida e particularidades, era também a primeira vez que me encontrava diante daquela circunstância de me colocar como pesquisadora e não como sujeito/devoto diante das rezadeiras e rezadores, assim como também das famílias que mantêm a devoção e a tradição de rezar as Renovações ao SCJ.

Romper com a barreira da familiaridade com o fenômeno e ocupar o lugar de pesquisadora não foi uma tarefa fácil, talvez encontremos ao longo do texto algum discurso alinhado a devota e não a pesquisadora o que torna de certa forma esse trabalho a minha cara, a minha identidade e a identidade de cada um dos sujeitos participantes dessa pesquisa. Durante a investigação me dispus a ouvir e escrever os

relatos de cada um dos voluntários, detalhando essa relação subjetiva do sujeito com o fenômeno. Tentado ao máximo não influenciar nas respostas obtidas pelos entrevistados.

Outra dificuldade encontrada foi realizar algumas visitas no momento que vivíamos a pandemia por covid-19 que ainda estamos atravessando. Com todas as restrições de distanciamento social, porém tomando todos os cuidados necessários, orientados pela Organização Mundial da Saúde – OMS as famílias/pessoas concordaram em me receber em suas casas (Figuras 2 e 3).

Figura 2: Visita a casa de dona Joana Duda



Fonte: Registro da autora (2020)

Figura 3: Entrevista com o Bispo Dom Gilberto



Fonte: Registro da autora (2020).

Embora com muitas dificuldades consegui acesso a algumas celebrações de Renovações ao SCJ, assim como também consegui conversar com as pessoas que havia previamente agendado para entrevistar.

Durante o período que estive em campo que foi de aproximadamente 270 dias, andei a pé, de moto, de carona, de ônibus, de Uber, por toda a cidade, tanto na zona urbana como na zona rural para entrevistar as pessoas e acompanhar algumas Renovações ao SCJ que estavam acontecendo.

Mesmo com restrição de pessoas nas celebrações, algumas famílias permitiram que eu participasse. Durante o período da pesquisa em campo, passei por diversas situações: enfrentei o medo, o sol escaldante, o calor, a poeira, a fome, a sede, a ansiedade... e tantos outros sentimentos.

Por isso considero exitoso o trabalho realizado, uma vez que foram muitos os conhecimentos adquiridos ao longo da pesquisa. Eu achava que sabia sobre Renovação ao SCJ, mas quando iniciei a pesquisa e me deparei com as primeiras narrativas, comecei a perceber que meu conhecimento e entendimento era muito pequeno e limitado, diante da grandiosidade do tema. Me deparei com situações que eu desconhecia totalmente, como por exemplo a prática da celebração da Renovação ao SCJ por parte das pessoas de religiosidade de matriz africana, assim como também me deparei com a celebração das Renovações ao SCJ nas residências das famílias homossexuais e também nas casas de pessoas solteiras.

Estar em campo foi estar de volta para minha casa, meu lugar, minha cultura, minhas raízes. Voltar não me exigiu muito esforço, ao contrário me causou uma alegria e satisfação imensa por poder estar de volta para participar e observar o fenômeno das Renovações ao SCJ agora com uma visão de pesquisadora. A observação em campo estava programada para março 2020, porém devido a pandemia da covid-19 e o isolamento social que se iniciou no Brasil desde o dia 16 de março de 2020 não consegui viajar para cumprir o cronograma apresentando no projeto.

Em outubro de 2020 iniciei as minhas caminhadas pela cidade, efetivamente o meu campo, o horto do padre Cicero<sup>2</sup>, foi o primeiro lugar que procurei assim que cheguei na cidade, porém, não encontrei muita coisa para agregar a pesquisa, apenas

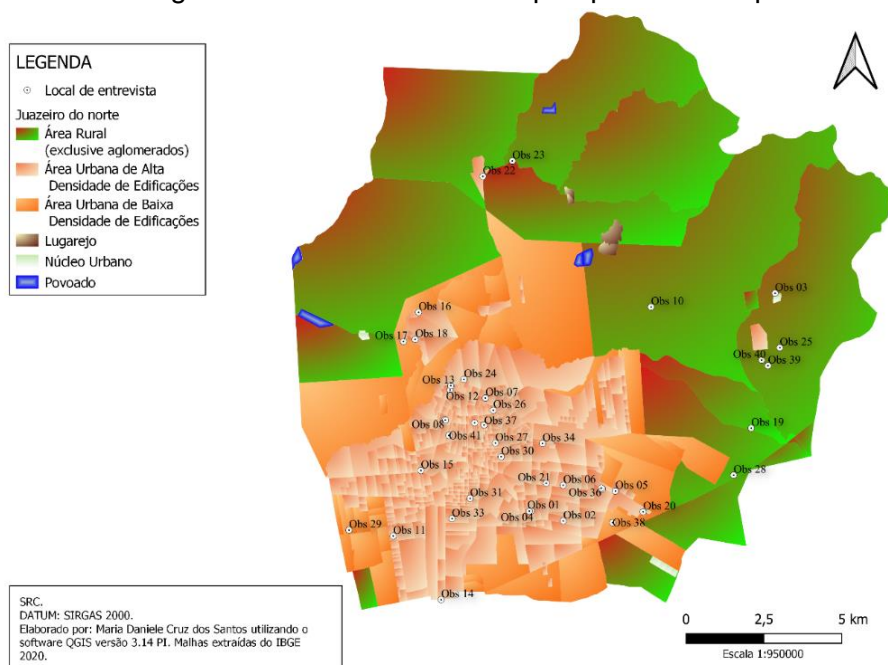
---

<sup>2</sup> Monumento em homenagem ao padre Cícero Romão Batista, inaugurado 01/11/19, no alto da Serra do Catolé ou, como é mais conhecida, Colina do Horto. De um lado fica o Museu Vivo, do outro, enorme quadro da ceia larga com 17x4m, enquanto há alguns metros está sendo construída a Igreja de Bom Jesus do Horto. A partir da estátua é possível avistar a cidade e a Chapada do Araripe.

a orientação de buscar informações na paróquia do Sagrado Coração de Jesus. A partir daí, consegui alguns contatos de pessoas que entrevistei posteriormente.

Fui procurando algumas rezadeiras antigas que já conhecia e através delas fui chegando a outras pessoas. Procurei também a assessoria de imprensa da Basílica menor de Juazeiro<sup>3</sup> e através desse contato também consegui marcar horário com o padre Cicero José, com o bispo da cúria diocesana do Crato, e com o historiador Renato Dantas e Armando Rafael. Através dessas pessoas fui aumentando a minha rede de contatos. Nesse sentido a pesquisa foi guiada por informações, em uma conversa eu sempre obtinha informação de outra família, outra rezadeira e assim consegui fazer o trajeto em quase todos os bairros da cidade (Figura 4).

Figura 4: Pontos visitados na pesquisa de campo



Fonte: Santos (2021).

Nessas conversas sabia das datas das Renovações ao SCJ e mesmo sabendo que havia restrição de pessoas, eu perguntava se podia participar. Das vezes que pude participar da celebração sempre tomei todos os cuidados necessários e

<sup>3</sup> Construída em 1875, pelo padre Cícero Romão Batista, sendo a paróquia da Padroeira de Juazeiro do Norte. Foi nesse templo onde ocorreu o primeiro milagre da transformação da hóstia em sangue na boca da Beata Maria de Araújo, no dia 1º de março de 1889. No seu entorno está a Praça dos Romeiros, onde ocorrem grandes concentrações de fiéis. Basílica menor ou Basílica é um título honorífico concedido pelo Papa a igrejas em diversos países do Mundo consideradas importantes por diversos motivos. A elevação do Santuário à condição de Basílica Menor, realizada em 15 de setembro de 2008, é uma grande oportunidade para uma maior aproximação da Igreja com a grande nação romeira.

procurava sempre cumprir a rigor as normas estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde - OMS.

Durante todo o campo estive morando na casa dos meus pais que residem na cidade desde que nasceram. Assim, dei início a pesquisa uma vez que a minha família é católica e celebra a Renovação ao SCJ anualmente, sendo que minha mãe é rezadeira de Renovação no bairro em que mora e em outros bairros vizinhos.

Nesses percursos de idas e vindas, caminhos e movimentos tive nos dois primeiros meses, muitos trabalhos a serem realizados, quase todos os dias tinha duas pessoas para visitar, uma pela manhã outra pela tarde, e na maioria das vezes, em lugares bem opostos. Estava em campo para pesquisar, então não escolhia lugar nem horário, estava disponível no dia e horário que a pessoa pudesse me receber.

Sempre que entrevistava alguma pessoa, ou participava de alguma Renovação ao SCJ, procurei fazer a pesquisa participante, fazendo registro fotográfico, anotações, e gravações no celular. Todo esse trabalho rendeu 49 entrevistas, que durante a escrita do texto foi utilizado boa parte das narrativas cedidas por esses sujeitos. Consegui participar de algumas celebrações e organizar um acervo fotográfico o qual vou mostrando algumas imagens ao longo do texto.

Além das narrativas, recebi também das pessoas, material referente as Renovações ao SCJ, como o livreto da Renovação, algumas lembrancinhas que são entregues após a celebração, e jornalzinho impresso com o material de apoio utilizado na celebração. Tentei ao máximo adquirir todo e qualquer material que me ajudasse na pesquisa, pois a bibliografia é escassa, por esse motivo o trabalho será basicamente desenvolvido através das narrativas dos sujeitos.

Assim, segui o princípio fenomenológico da descrição, busquei, portanto, fazer uma etnogeografia, uma vez que essa proposta versa sobre uma reflexão sobre os fenômenos da consciência e a descrição detalhada do fenômeno. Na concepção husserliana, a fenomenologia é o estudo de tudo aquilo que se apresenta à consciência, ou seja, os fenômenos (LIMA, 2014). Já “a etnogeografia se ocupa das representações que uma sociedade faz do mundo, da natureza, das espacialidades e das relações culturais e identitárias” (FEITOSA, 2017, p. 36).

O trabalho além do conteúdo etnográfico sobre as Renovações ao Sagrado Coração de Jesus, buscará compreender os sentimentos dos sujeitos diante do lugar por ele considerado sagrado, onde ele fortalece sua fé em busca de uma vida melhor,



conforme citação da Bíblia Sagrada. “A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê” (HEBREUS, 11: 3).

Segundo Paul Claval (1999) a etnogeografia é uma expressão pouco utilizada que passou a ganhar espaço a partir dos anos 1957-1968 com os trabalhos de Xavier de Planhol quando o mesmo mostrou o peso das ideologias religiosas que valorizaram um ou outro gênero de vida no mundo mulçumano. Sendo assim, será relevante trabalhar com a importância das ideias que a sociedade juazeirense tem com seu meio ambiente e com as relações sociais e culturais do lugar.

A fenomenologia transformou a perspectiva de muitos geógrafos, pois percebem que o lugar não é um ponto anônimo no espaço. Estes lugares foram construídos e são dotados de interação social. Os nossos sentimentos falam dos lugares, do nosso lugar, das nossas raízes, dos nossos costumes, tradições e da nossa identidade.

O método fenomenológico exige que se inicie uma pesquisa a partir daquilo que se vê diretamente, sem se deixar desviar-se do fenômeno. Trata-se de voltar às próprias coisas, observar, interrogar, compreender na sua própria maneira de se nos oferecerem. Pois todo fato apresenta uma essência, nenhum fato pode ser apresentado sem levar em conta a sua essência. É nesse sentido que será observado e descrito com rigor as Renovações ao SCJ, fenômeno de estudo dessa pesquisa. Podemos chamar de 'fenômeno' tudo aquilo que é vivência dentro daquele espaço de vivência de um eu.

Numa visão fenomenológica espaço não é exatamente o perceptível, sensorial ou representacional: ele é vivido (MARANDOLA JR, 2016), e sendo vivido, haverá diversidade de espaços enquanto existir experiências espaciais. Nesse sentido, nos deparamos com essa diversidade de espaços quando vivenciamos o visível, o palpável, o espaço físico sagrado, representado pelos símbolos. Assim como também é manifestado e vivenciado toda a emoção, imaginação e representatividade dos signos para cada sujeito que vive ou visita o espaço considerado sagrado.

Sendo assim a presente dissertação está estruturada em três capítulos, onde o primeiro capítulo foi construído apresentando a base literária sobre a Geografia Cultural, geografia da religião, o método fenomenológico, os conceitos de território e lugar, além de apresentar a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus, fenômeno que faz parte da construção etnogeográfica identitária do povo Juazeirense. “A Geografia Cultural fornece suporte teórico, epistemológico para o método da etnogeografia.

Imprescindível nos estudos territoriais, o geógrafo deve analisar sob o ponto de vista da cultura e da identidade os sujeitos em suas territorialidades sob os aspectos subjetivos e imateriais da cultura” (FEITOSA, 2017, p. 31).

O segundo capítulo apresenta o surgimento da devoção ao SCJ, faz uma descrição do rito da Renovação ao SCJ da maneira mais tradicional, assim como também narra as histórias e lembranças dos devotos diante da tradição e dos objetos por eles considerados sacros, fortalecendo o sentimento de identidade cultural daquele povo.

O terceiro e último capítulo apresenta a diferença do ritual no campo e na cidade, fala sobre a visão da igreja quanto ao ritual, e versa sobre a nova roupagem do ritual na vida contemporânea mostrando a perspectiva de continuidade e permanência da tradição.

## 2. FÉ CATÓLICA POPULAR: TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS, SIMBOLOGIAS E (RE)SIGNIFICAÇÕES DO SAGRADO

*Eu sou aquela mulher  
quem o tempo muito ensinou  
ensinou a amar a vida  
e não desistir da luta,  
recomeçar na derrota,  
renunciar a palavras  
pensamentos negativos.  
Acreditar nos valores humanos,  
e ser otimista.  
(Cora Coralina)*

Os estudos sobre religião, relacionado com a ciência geográfica são considerados pesquisas recentes. Embora já houvesse trabalhos relacionados à religião, foi somente a partir da década de 1960 e 1970 que esse subcampo da geografia ganhou destaque juntamente com a eclosão da geografia humanística cultural, influenciada por Carl Sauer e a escola de Berkeley. Foram especificamente os geógrafos americanos que desenvolveram a ideia de uma geografia cultural como sendo um ramo distinto da geografia, embora não haja nenhum trabalho elaborado que comprove tal feito.

Quando nos referimos a cultura, nos referimos a todos os significados e representações materiais e imateriais, elaboradas e (re)laborada por determinada sociedade para dar sentido as ações e comportamentos dos indivíduos durante a vida.

A cultura é o reflexo de um povo, é “o que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens”. (CLAVAL, 2014, p. 43) é como um determinado grupo social é visto por outra sociedade, ou como cada indivíduo se identifica dentro da sua cultura e grupo social. Essa cultura está relacionada com a religião e pode ser trabalhada em vários contextos e viés, pode estar ligada ao poder, status e a própria identidade de um povo.

A geografia do sagrado ou geografia da religião está ligada aos lugares santos e sagrados. Estes lugares podem ser de grande dimensão territorial geográfica como também pequenos espaços como a sala da casa. É sobre esses pequenos espaços considerados sagrados que trataremos nessa pesquisa.

É a motivação religiosa que leva o homem religioso a criar e transformar o espaço por ele considerado sagrado, dando-lhe uma nova significação e

apresentando uma nova paisagem nem que seja de forma temporária para expressar sua fé.

Nesses espaços a sociedade desenvolve seus ritos e rituais, imprimem nos lugares suas marcas, suas identidades, determinam seus espaços, territórios, seus símbolos e seus significados, pois de acordo com Nogueira (2013), são os homens que constroem e dão significados aos lugares.

Para que possamos entender a dinâmica da fé de um povo, é preciso antes de tudo, entender, interpretar e investigar as manifestações materiais e imateriais dos ritos e rituais da cultura desse povo. Pois, existe uma ligação secreta que une o sujeito a sua terra, aos seus costumes, tradições, religião, gerando assim sua identidade cultural.

Neste primeiro capítulo da pesquisa iremos apontar o pensamento de alguns geógrafos humanistas culturais que desenvolveram suas pesquisas na perspectiva fenomenológica norteadas pelas categorias lugar, território, paisagem e identidade cultural.

### **2.1. Geografia humanista-cultural e a perspectiva fenomenológica**

Foi nos Estados Unidos, mais precisamente na Escola de Berkeley, fundada por Sauer, que a geografia cultural foi disseminada, embora já existissem trabalhos semelhantes na França e na Alemanha (CLAVAL, 2014). David Lowenthal discípulo de Sauer foi o idealizador da chamada Geografia Cultural-Humanista. Para Corrêa e Rosendahl (2012), a geografia humanista constitui um campo muito próximo ao da geografia cultural pós-1980, levando alguns autores a considerar a geografia humanista como sendo uma variante da geografia cultural. Há uma discordância desse discurso por parte do Werther Holzer, pois para ele a geografia humanista tem sua própria identidade (SUESS, 2017).

Apresentaremos aqui um breve histórico da geografia cultural tradicional para chegarmos na geografia cultural humanista com enfoque no método fenomenológico, a qual este trabalho está relacionado.

A Geografia Cultural Tradicional tem como conceito de cultura, "... aquilo que se interpõe entre o homem e o meio, e humaniza as paisagens [...] uma estrutura geralmente estável de comportamento que interessa descrever e explicar" (CLAVAL, 2014, p. 43). Essa cultura era entendida apenas como a relação ou contato do homem com o meio ambiente, ou seja, uma relação direta com o conjunto de utensílios, técnicas, hábitos, costumes, padrões de habitação que produziam uma paisagem

cultural única. A preocupação era com os aspectos materiais da cultura e dava ênfase a essa percepção ambiental ignorando a relação afetiva do sujeito com o universo vivido.

A Geografia cultural tem mais de cem anos e apresenta dois caminhos principais: a geografia cultural saueriana e a nova geografia cultural ou geografia cultural pós-1980, ambas se distinguem, sobretudo, pela gênese, pelo discurso de cada uma e pelo conceito de cultura (SUESS, 2017, p. 95).

A partir dos anos de 1960, a Geografia Cultural tradicional entra em declínio, pois suas propostas não conseguiram resistir às mudanças epistemológicas que surgiam com a Geografia Humanista. Surge então a partir dos anos 1970 uma nova reflexão epistemológica chamada de pós-moderna, ou mesmo de “virada cultural” é assim que o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan o conceituou.

Essa tendência privilegia o espaço como categoria primordial para as discussões, esse espaço como sendo o locus das transformações o que é chamado de espaço vivido, que podem e devem ser associados à memória e ao “mundo vivido”.

Para Hall (1997) cultura se define como um campo que permeia em torno do significado e não mais como um conjunto de hábitos, costumes, utensílios e tradições de um povo, que é transmitida de geração em geração conforme era trabalhado na geografia cultural tradicional. Com a virada cultural descobriu-se que os significados não são fixos, mas fixados por discursos que se realizam dentro de relações de poder. Este poder subjetivo que nos remete a uma nova classificação do território, com isso:

A cultura entra em uma perspectiva interpretativa, composta de significados criados e recriados por grupos sociais que refletem as diversas esferas da vida e suas espacialidades. Trata-se de uma noção de cultura bem próxima a adotada na Geografia humanista (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011, 2012b apud SUESS, 2017).

Pode-se acrescentar que essa virada cultural permeia em torno da aproximação entre a subjetividade e a objetividade, quando se trata da questão cultural e que complementa a formação das nossas identidades que se formam culturalmente.

Para entendermos melhor as ideais da abordagem de pensamento da Geografia Humanista, podemos dizer que ela é definida por bases teóricas onde são ressaltados e valorizados as experiências, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o ambiente que habitam,

buscando compreender, descrever e valorizar esses aspectos. Sobre a geografia humanista, Tuan descreve:

A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1982, p. 43).

Ao nos depararmos com essa fala do Tuan temos a compreensão que na geografia cultural humanista existem vários mundos, os mundos vividos pelos sujeitos através das suas sensibilidades e interpretações espaciais, e não apenas o mundo físico e estático o qual nos foi apresentado por várias ciências, inclusive pela geografia clássica.

Foi somente nos anos 1970 que elementos da fenomenologia ganharam importância na geografia cultural, quando foi resgatada a obra do Eric Dardel “O homem e a terra” pela geografia norte americana, através do Edward Relph em que essa obra nos apresenta uma viagem fenomenológica sobre os estudos das realidades culturais e das experiências de mundo o qual o homem dar significado as coisas da terra. “...a ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que os homens se sintam ligados à terra como se chamados a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 1990, p. 33).

Relph foi o primeiro geógrafo a colocar em um artigo as possibilidades da fenomenologia de Husserl ser o suporte filosófico capaz de unir todos os geógrafos ocupados com aspectos subjetivos da espacialidade, mas que não desejavam ser identificados como comportamentalistas. Sua proposta era, explicitamente, de “desenvolver uma bagagem filosófica para as aproximações humanistas na geografia” (HOLZER, 2008, p. 140).

Essa geografia humanista surgiu na década de 1970 quando os geógrafos já não conseguiam responder os questionamentos da relação do homem com o espaço, levando em conta os aspectos subjetivos dessa relação para conhecimento científico. “Embora a fenomenologia tenha sido um termo já referenciado pelo precursor da geografia cultural, Carl Sauer, em seu famoso artigo ‘A morfologia da paisagem’ (SAUER, 2012), um interesse maior por esse método é evidente na fase pós-1980 (SUESS, 2017, p. 95).

A geografia humanista ao se firmar, buscou na fenomenologia o seu aporte filosófico e conceitual para seus estudos, a fim de entender como as atividades e os

fenômenos geográficos se revelam a partir da consciência humana conforme afirma Holzer (2016) quando diz que a geografia passa a ter a fenomenologia como um suporte para estudos geográficos com aspectos subjetivos da espacialidade.

Edward Relph, (1979) Reforça que o método fenomenológico seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido, da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade, reconhecer as 'essências' da estrutura perceptiva. Suess (2017) reforça essa afirmação de Relph apontando Merleau-Ponty (1999):

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: as essências da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1-2).

Rocha (2007) afirma que os primeiros trabalhos envolvendo a fenomenologia surgem entre o final do século XIX e início do século XX, tendo como idealizador Edmund Husserl, essas reflexões procuravam estabelecer uma nova forma de pensamento sobre a lógica, cujo princípio fundamental era as experiências básicas da consciência não interpretadas, tomando como máxima o compreender as coisas em si mesmas.

Diante dessa descrição sobre fenomenologia, podemos compreender que se trata de uma nova tarefa, a de revelar as intenções, não apenas a experiência de si próprio, mas também a experiência da sociedade. Portanto esse método procura encontrar nas aparências, facilmente detectadas na experiência e no mundo vivido das pessoas, definir as essências (SUESS, 2017).

Por fim, podemos entender que a geografia humanista tem como objetivo de estudo, relacionar de uma maneira geral o homem e seu ambiente, ou melhor, o sujeito e o objeto, fazendo uma ciência fenomenológica que extraia das essências a sua matéria-prima (HOLZER, 1997). Portanto a pesquisa fenomenológica tem como objetivo mostrar o fenômeno na sua essência e não os fatos, conforme aponta Merleau Ponty:

A fenomenologia "é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e as explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dele possam fornecer" (MERLEAU PONTY, 1999, p. 09-10).

Ou seja, a fenomenologia é o eixo filosófico que procura compreender as essências dos fenômenos vividos de cada indivíduo ou grupo, considerando o

imaginário dos sujeitos, suas fantasias, representações, percepções e tudo aquilo que foi vivido e experimentado, apresentando assim uma leitura aprofundada do espaço que vai além do físico natural.

Observando o termo fenomenologia iremos perceber que a palavra deriva de fenômeno, que está ligada a expressão grega *phainomenon*, que vem do verbo *phainestai* que quer dizer “mostrar-se a si mesmo”, representando “(...) tudo aquilo que, do mundo externo, se oferece ao sujeito do conhecimento, através das estruturas cognitivas da consciência” (GARNICA, p. 112, 2017).

A Fenomenologia é uma filosofia que surgiu no início do século XX e se propõe ajudar a entender as relações entre sujeito e objeto. Ela não separa a área física da área humana, ao contrário, busca entender cada vez mais como essas relações são vividas e experienciadas no cotidiano dos sujeitos. Estuda como os fenômenos acontecem ou aparecem para as pessoas que estão intrinsecamente envolvidas nesse processo.

A introdução da fenomenologia na Geografia descreve uma abordagem do espaço a partir da percepção do sujeito como ser integrante desse espaço e em constante interação com o mesmo, considerando assim o mundo vivido e a subjetividade, que são fatores importantes para compreensão do espaço nos estudos geográficos dentro dessa corrente filosófica.

Garnica (1997), afirma que o método fenomenológico busca a compreensão do fenômeno no mundo vivido por cada um dos sujeitos. O “voltar-se às coisas mesmas”, busca promover reflexões sobre a importância das experiências vividas onde o pesquisador se desprende de todos os referenciais teóricos para ficar mais próximo do pesquisado e com isso obter uma neutralidade na pesquisa.

Quando o pesquisador se dispõe a estudar e compreender tal fenômeno é necessário destacá-lo para procurar entender e interpretar a essência do mesmo, sendo assim, o pesquisador fará sua percepção do fenômeno a partir dos discursos descritivos da percepção dos sujeitos. Essas compreensões nunca serão definitivas, mas formam-se cada vez mais de maneira bem elaborada a partir da interação do pesquisador com o mundo do sujeito.

Desse modo, suspende a realidade, fato conhecido como *époché* ou redução fenomenológica. Onde o pesquisador precisa eliminar todas as afirmações, conceitos e preconceitos a respeito do mundo, para ver o mundo assim como ele é, dando-lhe um estatuto filosófico (SUESS, 2017).



Os trabalhos da ciência geográfica, pautados nas concepções filosóficas da fenomenologia surgiram como forma de reação ao objetivismo positivista, o excesso de racionalismo, a materialização, a teorização, a instrumentalização, a ideologia e o dogmatismo apresentado pela racionalidade científica, (PEREIRA et al, 2010, p. 175). A ciência geográfica se apropriou do método fenomenológico utilizando assim um desdobramento interdisciplinar para melhor compreender o espaço e as relações nele existente.

Todos nós somos geógrafos baseados no fato que, tudo aquilo que vemos definimos seu significado particular, seja pela forma, pelo conteúdo ou pelo seu significado. Esse método busca revelar as essências, uma vez que o palpável sempre existiu e esteve ali. No entanto para definirmos a subjetividade é preciso ver e ultrapassar além da aparência do palpável, é necessário vivenciar o lugar, escavar o sentido dos fenômenos, pois eles vão além do visível.

Sendo assim a pesquisa aqui apresentada, não tem interesse apenas de descrever a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus, realizada nos lares das famílias católicas juazeirense, mas de fazer um estudo etnogeográfico na busca de compreender como essas famílias enxergam, sentem, vivenciam e se identificam com esse fenômeno.

## **2.2. Geografia cultural humanista e a geografia da religião**

A geografia da religião foi fortalecida a partir da ascensão da geografia cultural. A geografia da Religião, tem seus primórdios na chamada geografia bíblica. Há discussões que acreditam que poderia ser uma ciência própria com seus métodos e técnicas, uma vez que ela age de maneira específica nos fenômenos.

Fenômenos religiosos e seus desdobramentos geográficos têm atraído um número cada vez maior de pesquisadores nas últimas décadas, isto é, as dinâmicas simbólicas-devocionais estão fortalecendo sua presença (já bem estruturada) nas análises das ciências sociais, inclusive da ciência geográfica, uma vez que a religião é, em consonância com as palavras de Sahr (2001, p. 57), “uma interpretação do mundo” e que também “representa uma forma de conhecimento” (OLIVEIRA et al, p. 15, 2020).

A geografia como ciência humana tende a explicar os fenômenos humanos e um desses fenômenos é a religião, o espaço mítico, sagrado, transcendental. No tocante, trataremos aqui da religião católica alinhada ao catolicismo popular existente na cidade de Juazeiro do Norte-CE que poderemos encontrar presente nas Renovações ao SCJ.

A religião sempre fez parte da vida dos indivíduos desde os primórdios, é um objeto de estudo de interesse de várias ciências, porém desde a geografia clássica que esta ciência começou a se preocupar em explicar a religião no âmbito da cultura, porém de maneira muito singela e superficial.

Na primeira metade do século XX a geografia não estava muito preocupada em estudar a religião, enquanto isso outras ciências sociais como a sociologia através do pensamento de Émile Durkheim e Max Weber e a antropologia, através das teorias de Evans-Pritchard e James Prazer já o faziam (ROSENDALH, 1995).

Quando a geografia se interessa pelo estudo da religião, ela vem apoiada na geografia cultural e harmonizada nas teorias daquele período, as quais não priorizava o simbolismo. Os primeiros estudos da geografia da religião com cunho fenomenológico foram apresentados na década de 1970 e ganhou espaço a partir da década de 1990, quando também começou a ser trabalhado pelos geógrafos brasileiros.

Aparentemente geografia e religião são dois temas que não apresentam nenhuma ligação. Porém, abordam as relações sociais que acontecem no espaço, e é justamente nesse ponto de entrelace que esse assunto ganha força e aporte filosófico para ser trabalhado dentro da ciência geográfica com muita responsabilidade.

Neste contexto a geografia da religião tem uma abordagem importante na perspectiva humanista, pois tem por objeto de estudo o fenômeno religioso visto como um espaço de relações objetivas e subjetivas, reunindo as formas simbólicas mediadas pela religião, dentro de um espaço considerado pelo sujeito como espaço sagrado e que pode ser situado entre o espaço sensível de expressões e o espaço das representações (GIL FILHO, 2007).

A geografia da religião busca estudar a motivação religiosa na criação e transformação do espaço pelo homem religioso, este é o agente responsável por essas transformações através dos impulsos religiosos que o leva a agir sobre o seu ambiente de maneira ou forma que atenda suas necessidades.

Em se falando de geografia e religião, podemos dizer que essa trajetória se apresenta em três períodos: o primeiro abrange a Geografia pré-científica e vai até o início do século XX; o segundo período tem início após a I Guerra Mundial e persiste até o final da década de sessenta; e o terceiro período, por sua vez, tem início nos anos setenta e estendendo-se até os dias atuais (ROSENDALH, 1995). Será abordado

neste trabalho apenas esse último período o qual a geografia começa a trabalhar com os significados simbólicos, com a reciprocidade das relações entre o sujeito e o espaço.

A geografia da religião procura analisar a ação do sujeito desempenhada pela motivação da fé e as transformações no espaço geográfico habitado por ele. O sagrado se manifesta no espaço, esse espaço considerado sagrado pelo homem religioso é uma realidade física carregada de significados.

É a produção do espaço que o qualifica como espaço sagrado. Este sagrado também tem o sentido de poder, o que diz respeito a separação, de separar o que é sagrado do que não é sagrado. Ou melhor, separar o sagrado do profano (MIRCEA ELIADE, 2001). E de definir no espaço essa trajetória ou caminho do espaço sagrado ou lugar sagrado.

A manifestação da religião no espaço, através dos seus símbolos e seus significados qualifica esse espaço em um lugar sagrado, tornando ele o locus da manifestação da hierofania (ROSENDAHL, 1995) onde os sentimentos despertados nos sujeitos ao entrar em contato com os símbolos ou lugares sagrados proporciona ao homem um contato direto e transcendental com sua divindade.

A fé surge como uma onda suave da vida, induzindo o devoto ao conforto espiritual, um sentimento de serenidade, um bem-estar no contexto social, isso ocorre na pluralidade religiosa de diferentes culturas sejam elas tradicionais ou pós-moderna. Hoje já é falado sobre uma diferença entre o devoto tradicional e do devoto pós-moderno, porém não há nada que impeça que o devoto pós-moderno não transpareça tradicionalismo e vice-versa.

Para o devoto tradicional o poder do milagre se apresenta no espaço sagrado e é revelado em formas religiosas, o devoto vai ao espaço sagrado em busca de ser atendido quanto as suas necessidades. Já na concepção do religioso pós-moderno o poder religioso estaria dentro do devoto, e esse poder só se manifesta no espaço sagrado, ou seja, a transcendência seria no lugar. O devoto pós-moderno acredita que o sagrado existe dentro dele e pode ser manifestado em qualquer lugar. Este lugar da manifestação ele o chama de lugar sagrado.

Independentemente de ser um devoto tradicional ou pós-moderno podemos observar que o locus da hierofania ocorre no espaço, no lugar, e cabe ao geógrafo interpretar esse arranjo espacial que o sagrado domina nesse espaço, buscando

interpretar o fenômeno a partir da manifestação do sujeito em busca do sagrado, em busca do conforto da alma e do espírito.

O tema religião pode ser abordado de maneira interdisciplinar, pois nos permite trocas de ideias que permeiam por várias ciências humanas como a sociologia, antropologia, história, filosofia e a própria geografia. A ciência geográfica tem algo a dizer sobre a religião que as outras ciências não têm, pois o seu olhar é específico, visto apenas pelos geógrafos que conseguem fazer a interlocução com outras áreas da geografia a fim de obter melhor resultado na pesquisa.

Quando a geografia resolve explicar um fenômeno religioso ela o faz através das suas categorias de análise. O qual este trabalho se refere mais intensamente a categoria de paisagem, território e lugar. Não é pelo fato de tratarmos de religião que estes conceitos irão perder o sentido, ao contrário, ganham força e uma nova significação.

Dentro do espaço considerado sagrado pelo homem religioso o geógrafo precisa se apoderar da geografia dos sentidos, ou geografia da percepção para a realização da sua pesquisa, pois precisa identificar no sujeito como ele vê, sente e percebe o sagrado, precisa compreender a dimensão do sagrado, interpretar o significado e importância simbólica dos objetos sagrados para o sujeito que vivencia aquele fenômeno.

### **2.3. “Lugar” o espaço sagrado das experiências vividas**

A geografia cultural humanista no Brasil é associada aos estudos da percepção, essa percepção dos lugares. Procurando entender a relação próxima que o sujeito tem com o lugar. Com a condição vivida no espaço, com a condição identitária, e com a singularidade cultural do sujeito presente naquele espaço, mostrando suas características próprias (TUAN, 1982).

A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1982, p. 143).

Existem várias definições e explicações sobre o lugar, mesmo dentro de uma abordagem cultural existe uma diversidade conceitual. Segundo Relph (1979, p. 5) o lugar talvez seja o mais fundamental das categorias geográficas, pois focaliza o espaço e a paisagem em torno das intenções e experiências humanas.

Lugar, espaço dotado de singularidade, particularidade, de características próprias. Embora não sejam os fenômenos exclusivos do lugar que o torna único, mas sim as combinações desses fenômenos a partir da sua especificidade de elementos entre si que atribuem ao lugar essa particularidade. Com isso vários autores humanistas defendem a ideia de lugar como sendo o “espaço percebido e vivido”. Ou sendo o ponto o qual planejamos nossas ações para conviver no espaço geográfico (HOLZER, 2019).

O lugar se refere ao local, mas especificamente a valores associados aquele local. São inúmeros os laços psicológicos e emocionais que se formam entre as pessoas e os lugares que elas experimentam ou vivenciam. Podemos comparar a ideia de lugar como sendo as raízes de uma planta característica que nos une e nos dá uma identidade locacional.

O sujeito não é importante no lugar, é o lugar que é importante para o sujeito, pois aquele espaço proporciona ao sujeito lembranças das vivências, proporcionando-lhe assim um sentimento de pertencimento e identidade. Segundo Holzer, (1999) nos referimos ao lugar como sendo um modo particular de relacionar as diversas experiências vividas pelo sujeito em um determinado espaço. Esse espaço tornou-se o centro da atenção da geografia humanista onde foi construído o conceito humanista de lugar. Essa categoria é privilegiada para a abordagem de fenômenos geográficos em sua dimensão vivida.

Lugar, é a categoria essencial em uma Geografia de abordagem fenomenológica. Esse método aprofunda principalmente, os conceitos de “mundo vivido” (Lebenswelt) e de “ser-no-mundo”, que na geografia seria identificado com o conceito de “lugar (HOLZER, 2008). Esse lugar intuitivo, eidético e inerente à nossa situação de ser-no-mundo.

Não basta entender somente a estética, é preciso entender os sentimentos presentes no sujeito com relação ao espaço vivido. Pois o lugar faz parte do sujeito, assim como o sujeito faz parte do lugar e os significados são diferentes para cada sujeito, embora encontremos sempre a relação de pertencimento em cada um deles. Assim explica Nogueira (2013):

Os homens constroem e dão significados aos lugares. Significados que para alguns parecem invisíveis, mas para outros carregados de histórias e de emoções, o lugar é um mundo de significados organizados, adquiridos pela experiência humana, o lugar se mostra a partir do que eu experiencio e que é experienciado pelo outro (NOGUEIRA, 2013, p. 84).

Yi-Fu Tuan (1982) dentro de uma perspectiva humanística e ancorada na fenomenologia afirma que o lugar compreende o espaço das experiências humanas dotadas de significados e valores, a porção do espaço conhecida intimamente, onde se desenrola as práticas socioespaciais rotineiras ou especiais.

Tuan (1980) apresenta o espaço como sendo o lugar que define a natureza da geografia. Sob a perspectiva humanista eles deviam ser estudados a partir dos sentimentos e das ideias de um povo, a importância do “lugar” para a geografia cultural humanista é, ou deveria ser, óbvia... Como em um único e complexo conjunto enraizado no passado e incrementando-se para o futuro.

O autor faria outra investida na caracterização do lugar preocupando-se com a perspectiva da experiência e com as várias escalas que o lugar pode ter: o lar, a vizinhança, a rua, o bairro, a cidade, a região e o Estado Nação (TUAN, 1982).

Sendo assim, a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus, fenômeno observado e estudado por esta pesquisa que estará averiguando a importância do lugar enquanto essência do espaço, este vai além da localização geométrica da casa, uma vez que um “único lugar, tem múltiplos sentidos e significados que vão da relação individual à coletiva, além de serem constituições materiais são também simbólicas” (NOGUEIRA, 2013, p. 87).

Pensar ainda os lugares para além da localização nos permite entender os lugares do outro, pelo outro. Ver o lugar a partir dos olhos de quem viveu, vive e experiencia o lugar, desta forma não corremos o risco de ver a partir dos nossos valores, do nosso “estado de espírito”, de nossa visão de mundo, correndo o risco de construir uma imagem distorcida dos lugares. O lugar deve ser compreendido na sua dimensão não apenas material, mas também simbólica, compreender que os lugares expressam a relação entre estes e seus habitantes, esta relação tem uma dimensão psicológica e sociopsicológica (NOGUEIRA, 2013, p. 88).

Diante do exposto entendemos que essa relação do sujeito com o lugar, esses significados simbólicos, míticos, dão ao sujeito uma identidade histórico-cultural demarcada pelas festas tradicionais religiosas, no caso aqui apresentada a Renovação ao SCJ. Além de entender Juazeiro como sendo o lugar de existências materiais e simbólicas, procuramos compreender que esse lugar é delimitado territorialmente pelas práticas culturais religiosas, particularmente as que ainda vivem a presença do padre Cícero, assim entendemos que há uma territorialidade simbólica que delimita como é a vida nesse lugar, chamado Juazeiro.

## **2.4. Território e territorialidade: o lugar demarcado pelo Sagrado Coração de Jesus**

Foi na etologia, por volta de 1920 que surgiu o conceito de território no meio científico (BONNEMAISON, 2002, p. 97). Dentro da geografia clássica, definimos território como sendo uma área delimitada de poder, cercada por fronteiras e que está relacionado ao Estado-Nação.

Porém na geografia cultural enxergamos o território como sendo um conjunto de lugares hierarquizados e conectados através de uma cultura. É pela existência de uma cultura que se cria um território, e é pelo território que se fortalece e se expressa a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço. Mas é necessário existir uma cultura, uma simbologia para que esse sentido de território seja identitário do poder simbólico (BONNEMAISON, 2002).

No Brasil, Werther Holzer em 1997 foi um dos primeiros teóricos a tratar o conceito de território dentro de uma perspectiva fenomenológica (F. PAULA, 2011, p.116). O autor dialogando com os trabalhos de Joël Bonnemaïson e Jean-Paul Lacasse baseado na visão fenomenológica, aponta que territórios não são constituídos apenas pelo espaço sob ação direta de um grupo, mas sim desenvolvido em função da dimensão vivida, é constituído essencialmente por lugares (HOLZER, 1997).

Dentro da perspectiva humanista cultural no Brasil nas últimas décadas surgiram significativas pesquisas sobre o território, embasado na dimensão do espaço vivido, sendo observado o vínculo afetivo e simbólico do sujeito com o lugar, a apropriação simbólica, a subjetividade, assim como também a sua identidade. São essas características próprias do homem, que norteiam o conceito de território dentro da geografia cultural humanística sob a perspectiva fenomenológica.

O importante é ressaltar que o território é diretamente relacionado com o poder, sendo, portanto, fundamental analisá-lo para além do substrato espacial material, englobando processos e dimensões que vão desde a econômica, a cultural e, sobretudo a política (PEREIRA, 2013, p. 327).

Território é uma das categorias geográficas mais exploradas tanto na ciência geográfica como nas demais ciências. O Brasil vem aumentando os estudos relacionados a esta categoria nas últimas duas décadas. Porém esse aumento não está associado exclusivamente à definição clássica do território, mas sim a uma nova abordagem geográfica ligada a fenomenologia a qual percebe o território como sendo

um espaço vivido, palco das experiências dos sujeitos que se manifestam na vida cotidiana (HOLZER, 2013).

Território tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido de dominação, quanto ao poder no sentido simbólico de apropriação (HAESBAERT, 2007). Podemos assim entender o território no sentido cultural como sendo o espaço delimitado o qual determinada cultura o abrange. Com isso pode-se fazer a tradução de elementos culturais de uma maneira muito própria dentro daquele espaço.

Para Claude Raffestin (1993), território é primeiramente, uma determinada maneira de viver com os outros; em inúmeros casos seus limites geográficos são os das relações cotidianas. Podemos dizer assim que o território é antes de tudo uma convivibilidade, lugar de mediação entre os homens e sua cultura. “A ideia de cultura, traduzida dentro do espaço, não pode ser separada da ideia de território”, pois é pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se expressa a relação simbólica existente entre cultura e espaço” (BONNEMAISON, 2002, p. 101).

O território está dividido em lugares cosmos, composto de matéria e energia e pelo domínio do sagrado que é marcado por signos e significados. Esta relação é perceptível na manifestação da fé dentro da cidade de Juazeiro do Norte-CE ao acompanharmos a celebração da Renovação ao SCJ.

O território é, ao mesmo tempo, “espaço social” e “espaço cultural”: ele está associando tanto a função social quanto a função simbólica (BONNEMAISON, 2002, p. 103). Ao acompanharmos a celebração da Renovação ao SCJ podemos perceber nitidamente esta distinção dentro das ações desenvolvidas pelos sujeitos naquele processo.

“A cultura e a sociedade são duas faces de uma mesma realidade: uma explica a outra” (BONNEMAISON, 2002, p. 104). São essas relações sociais, a familiaridade, a cultura existente entre as pessoas que habitam um determinado espaço que formam o território e vão dando sentido a territorialidade.

A territorialidade é compreendida como sendo a relação social e cultural que o sujeito mantém com o lugar é a expressão de um comportamento vivido. A abordagem territorial é percebida tanto por sua dimensão territorial, como por sua dimensão histórica. É por meio de sua territorialidade, que um povo expressa sua “concepção



de mundo, sua organização suas hierarquias, e funções sociais” (BONNEMAISON, 2002, p. 124).

Raffestin (1993), observa que a noção de territorialidade é complexa e que a história deste conceito em geografia humana ainda está sendo construída. Este conceito veio dos naturalistas, que sempre abordaram a territorialidade animal e não a humana. Embora tenha sido sondada a mais ou menos três séculos, a noção de territorialidade só foi explicitada em 1920, por H. E. Howard que a definiu como: "A conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo contra os membros de sua própria espécie" (RAFFESTIM, 1993, p. 159).

A territorialidade está ligada as características e dinâmicas daqueles que vivem no território, como: apropriação, desenvolvimento de identidades, sentimento de pertencimento (BRUNET; FERRAS; THERY, 1993). "O enraizamento do homem com o lugar produz uma territorialidade que é refletida no corpo" (NOGUEIRA, 2013, p. 88). Assim, territorialidade diz respeito à dimensão vivida na medida em que denota fatores que acontecem nas relações mais diretas entre as pessoas e o espaço (PAULA, 2011, p. 109).

Dentro de um debate epistemológico as definições de território e territorialidade embora se conectem, mesmo assim ainda se confundem. Haesbaert (2007), explica que a territorialidade pode ser tratada num sentido mais amplo do que território, visto que, embora ambos contenham uma dimensão simbólica, a territorialidade não necessariamente está condicionada a uma dimensão material-concreta, condição que se verifica no caso do território.

Sendo assim a territorialidade acompanha o sujeito e o mantém fiel aos seus costumes e tradições através dos tempos, não importando a construção territorial concreta que ele o habite. Nesse sentido, entendemos que as concepções de territorialidade devem e estão sempre associadas a ideia de território correspondente, e podemos acompanhar essa territorialidade quando nos referimos a alguns sujeitos da cidade de Juazeiro do Norte-CE que migram para outros lugares e carregam consigo a prática da Renovação ao SCJ. Desta forma, nessa pesquisa, partimos do pressuposto de que Juazeiro é um lugar reconhecido pelas suas territorialidades associadas a presença do padre Cicero, e simbolicamente compreendido como lugar sagrado.

## **2.5. Catolicismo popular e as Renovações ao Sagrado Coração de Jesus em Juazeiro do Norte-CE**

O trabalho aqui apresentado teve como principal objetivo compreender e discorrer a respeito de uma manifestação da fé praticada dentro da religião católica. Essa prática está ligada à igreja católica romana, porém, quando trazida para Juazeiro do Norte-CE pelo padre Cícero Romão Batista foi modificada e (re)significada, pelos habitantes do lugar, aproximando-se do catolicismo popular sertanejo que já era disseminado na região.

Não faremos aqui uma abordagem histórica detalhada sobre o catolicismo popular, nem sobre a figura do padre Cícero Romão Batista que foi o responsável por essa prática religiosa. Entendemos que já existe uma vasta literatura sobre essas temáticas a qual não é o nosso objeto de estudo, desta forma, faremos uma breve discussão com intensão de que o leitor entenda o que estamos compreendendo por catolicismo popular e quem foi o padre Cícero Romão Batista.

Sendo assim, faremos uma abordagem da religião católica alinhada ao catolicismo popular para tentar descrever e explicar o fenômeno da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus, trazida pelo padre Cícero e celebrada até os dias atuais pelas famílias católicas juazeirenses.

Explicando o sentido de popular, Lopes (2008) apresenta:

O popular tem seu sentido atrelado aos espaços sociais onde seus agentes estão inseridos. Tal como afirma Vovelle (1985), ao nos depararmos com a religião popular, estamos lidando com um universo cultural dinâmico, por esta não se encontrar desvincilhada de outras práticas culturais, naquelas em que as práticas culturais e religiosas locais influenciam e são influenciadas pela religião ensinada (LOPES, 2008, p. 232).

O catolicismo popular nos apresenta uma das vertentes da igreja católica, trazida pelos portugueses pobres e que começou a penetrar no Brasil a partir da colonização. Além desses portugueses, faziam parte também desse grupo alguns pequenos proprietários, os nativos colonizados, e os negros escravos que tiveram seus sistemas de crenças religiosas negadas e foram obrigados a se converterem para o catolicismo cristão (OLIVEIRA, 2019).

Esse catolicismo popular do povo sertanejo surge a partir da cultura e dos movimentos presentes naqueles espaços. Movimentos esses que permitiu a justaposição dos diferentes tipos de crenças dada a cultura popular que foi sendo forjada no sertão brasileiro, e com isso permitiu a existência de um catolicismo diferente do português, e que ganha força e importância no sistema simbólico,

ritualístico, de signos, para os sujeitos pertencentes a esse sistema religioso (OLIVEIRA, 2019).

O catolicismo sertanejo permitiu que o povo se apoderasse de símbolos e imagens trazidas pelos missionários e dessem a esses objetos novos significados. (OLIVEIRA, 2019) com isso foram re(significando) tanto os objetos como os espaços onde estes eram colocados, e assim consequentemente foram (re)significados os ritos, os signos e as crenças.

Diante de toda história do catolicismo popular nordestino o padre Cícero, e outras figuras nordestinas foram peças fundamentais na disseminação e fortalecimento da fé daquele povo sofrido que buscava na religião uma esperança de vida.

O padre Cícero é filho do Crato, mas foi no lugarejo chamado Joaseiro, na época, ainda província do município do Crato que dar-se início a sua história de vida sacerdotal. Podemos acompanhar a história do padre Cicero Romão Batista em várias literaturas, porém para elaboração deste trabalho foi consultada as obras de Lira Neto (2009) e Della Cava (1976) onde é relatada em detalhes a vida do padre Cícero.

Foi a partir do “Milagre da hóstia” evento acontecido na cidade de Juazeiro do Norte-CE, segundo os relatos da literatura, a hóstia se transformou em sangue na boca da Beata Maria de Araújo durante várias vezes quando era ministrada pelo padre Cicero. Foi a partir daí que a história do padre Cicero ganhou grandes proporções repercutindo-se até os dias atuais.

Sucedendo-se ao milagre, o sacerdote sofreu várias sanções religiosas por parte da igreja católica, restrições, humilhações... foi rejeitado e desautorizado a celebrar e realizar sacramentos. Porém, nada abalava a sua fé, e nem a fé do povo que os seguiam, ele permaneceu firme na caminhada sempre com o apoio do povo que o admiravam e o considerava santo daquele lugar.

Se não fosse o milagre da hóstia Juazeiro seria apenas mais uma cidade do interior cearense assim como tantas outras, mas teve o padre Cícero como o alicerce da transformação do lugarejo na maior cidade turística religiosa do Nordeste, também considerada o maior centro de catolicismo popular da América Latina, e o segundo maior centro de Romarias do Brasil. Uma cidade que nasceu da fé, da devoção de um povo e que continua a crescer pelo mesmo motivo (SILVA, 2013).

Muitas práticas e tradições foram deixadas e incentivadas pelo padre Cicero e são praticadas até os dias atuais, como por exemplo: a devoção a Nossa Senhora das Dores, o hábito de rezar o terço ou rosário todos os dias, assim como também rezar a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus, dentre outros. Os ensinamentos do padre Cícero se perpetuam de geração para geração, apesar de muito antigo, esses são considerados atuais, são apreciados e praticados até o presente momento.

A Renovação ao SCJ é uma expressão tradicional de religiosidade popular em Juazeiro do Norte-CE deixada pelo padre Cicero. Ao fixar morada em Juazeiro o padre incentivou os moradores a entronizar a imagem do Sagrado Coração de Jesus em suas casas, esta fica em uma mesinha ou altar na sala de entrada da casa, também conhecida como sala do santo, juntamente com a imagem do Imaculado Coração de Maria. O padre incentivou os primeiros moradores da cidade a iniciarem essa forma de devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Essa forma de devoção e a manutenção da tradição praticada até hoje, deixa bem claro a relação cultural espacializada da população juazeirense com um dos maiores símbolos da religiosidade popular do lugar, o padre Cicero Romão Batista.

Rezar a Renovação do santo como é chamado em Juazeiro do Norte-CE e em toda a região do Cariri é manter vivo um dos ensinamentos deixados pelo padre Cícero, como destaca Della Cava (1976). Essa manifestação da fé popular é praticada todos os anos em uma data comemorativa que pode ser: Natal, ano novo, dia de comemoração ao santo de devoção dos donos da casa, assim como também pode ser celebrada no dia do aniversário de um dos cônjuges ou no aniversário de casamento do casal.

O evento é uma renovação da fé, mas também a renovação física do espaço, da paisagem, do lugar que circunda o ambiente da casa. Na maioria das vezes a renovação física do ambiente começa uma semana antes do evento principal que é a Renovação ao SCJ, dando desde já uma nova forma e significado ao lugar, assim, uma nova paisagem, que pode ser vista e sentida.

## **2.6. Ritos, rituais, costumes e tradições o que define a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus**

É comum ouvirmos falar as palavras ritos e rituais e costumamos fazer grandes confusões entre esses dois termos, pois muitas vezes não sabemos se elas são sinônimas ou se têm significados diferentes, uma vez que as reflexões etimológicas sobre os termos mais complicam do que explicam.

Nas diversas religiões existentes, podemos encontrar diferentes tipos de ritos, onde estes são compostos por rituais. Segundo Kury (2010, p. 965), rito é: “O conjunto de cerimônias que se pratica numa religião”, aquilo que se refere a qualquer prática já costumeira. Enquanto o ritual é “relativo a ritos; indicando os ritos e as cerimônias que se devem observar na prática de uma religião.” Podemos entender então que o ritual é o conjunto de gestos, palavras e formalidades, utilizadas de maneira simbólica para que a mente acredite no que está fazendo. Resumindo, o ritual é o conjunto de gestos e ações que compõem o rito.

A palavra "rito" tem origem no latim, é um termo que se refere aos costumes permanentes, ou uma cerimônia que se repete, onde são estabelecidas regras ou normas que atendem a uma determinada cultura ou religião conforme reforça Guilouski e Costa (2012, p. 01) “Os ritos são gestos simbólicos repetitivos que expressam uma crença religiosa, um desejo, uma intenção, uma saudação, entre outras finalidades”.

Portanto de uma maneira simplificada podemos dizer que o rito é o conceito, e o ritual é a prática, a ação sendo concretizada, o conjunto dessas ações sendo colocadas em prática através dos símbolos, palavras e gestos ritualísticos, formam o rito.

Dentro de uma analogia mais simplória, o ritual são as partes e o rito é o todo, podemos comparar o rito com uma escada, onde cada degrau é um ritual. Em um rito pode haver vários rituais. E sem os rituais, não há como praticar o rito.

No âmbito do sagrado, um rito é baseado nas crenças das pessoas que o realizam, é uma forma de simbolizar e transmitir as ideias e os conceitos de algum tipo de mito conforme apresenta Guilouski e Costa (2012):

Através do rito, o homem se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens. A ação ritual realiza no imediato uma transcendência vivida. O rito toma, nesse caso, o sentido de uma ação essencial e primordial através da referência que se estabelece do profano ao sagrado. Em resumo: o rito é a praxis do mito. É o mito em ação. O mito rememora, o rito comemora (GUILOUSKI E COSTA, 2012, p. 02).

Dentro da religião a existência dos ritos é um ato considerado importante pelos seus praticantes, seja ele de maneira individual ou coletiva, pois é o momento considerado sagrado. Nesse sentido, a Renovação ao SCJ pode ser considerada um rito, pois:

O rito religioso é um gesto de fé, uma ponte para o divino que pode dispensar o uso da palavra e pode servir-se do poder que a palavra tem, pode conferir sentido, apontar um rumo, consolar e aquecer o coração de alguém, pode despertar forças, elevar sentimentos e provocar transformações. Um rito sagrado pode também alimentar e fomentar esperanças, pontuar novos estados de ser, ajudar a viver mais leve e equilibrar as emoções, fazendo a pessoa sentir-se bem (GUILLOUSKI, 2012, p. 12).

Sendo assim a Renovação ao SCJ pode ser vista como um rito de renovação da fé, e para que isso aconteça de fato é necessário se concretizar todo o ritual que vai desde a arrumação do ambiente até as rezas e cânticos entoados durante todo o rito. E para que isso se concretize de fato é necessário que o ritual da reza aconteça em um cômodo da casa considerado sagrado, que é a “sala do santo”, diante da presença da imagem do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria como também na presença dos demais santos. “É muitas vezes pelo rito que uma sociedade exprime seus valores profundos e revela sua organização social” (BONNEMAISON, 2002 p. 102).

Os rituais religiosos são as cerimônias elaboradas e reelaboradas pelas tradições religiosas para celebrar momentos importantes na vida dos adeptos daquela religião. Ele pode proporcionar ao indivíduo, adentrar na profundidade do seu sentimento e realizar a experiência do sagrado. São compostos de uma série de gestos simbólicos (ritos) carregados de intencionalidades (GUILLOUSKI E COSTA, 2012).

As Renovações podem também ser consideradas rituais de cunho religioso católico que representam a confirmação da fé e devoção ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria. Tradicionalmente é realizada uma vez ao ano, geralmente numa data comemorativa, em que a família se reúne para receber os parentes e amigos mais próximos. Todos são convidados a celebrar este ato de renovação da fé.

Segundo Peirano (2003, p. 08), rituais são “tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados...” esta descrição vem de encontro ao que se vivencia durante a realização da Renovação ao SCJ nas residências das famílias católicas juazeirenses, pois esse evento religioso reúne práticas que o caracterizam e dão sentido à vida das pessoas que participam.

A Renovação ao SCJ é uma prática social, uma manifestação de fé e louvor aos santos. Uma tradição deixada pelo padre Cicero e praticada até os dias atuais. As famílias celebrantes e as pessoas ali presentes entregam, através do ritual sagrado,

sua casa e sua família aos cuidados do Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria assim como ao seu santo de devoção e todos os demais santos.

Um dos pontos mais importantes da celebração se dá quando é feito a consagração da família ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, este momento é firmado através de um cântico de adoração e embalados por outros cânticos ou benditos como é chamando por aquela população. Estes cânticos enfatizam os santos e comportam um universo de significados.

Essa prática de adoração ao Sagrado Coração de Jesus nasce nos mosteiros da idade média e se irradia por toda a Europa a partir do século XVII, chega ao Brasil através dos jesuítas, e vai sendo propagada com o processo de romanização da igreja católica (FIGUEIREDO, 2002, p. 85). A igreja católica com o intuito de preservar seus dogmas, unificar a fé e reverter o catolicismo popular que se apresentava muito forte naquele momento, teve a iniciativa de apresentar a imagem do Sagrado Coração de Jesus como o único símbolo a ser adorado pelo povo.

Entretanto essa devoção ganhou novos significados quando foi apresentada pelo padre Cícero Romão Batista ao seu povo. Ele orientou que cada família introduzisse nas suas casas a imagem do Sagrado Coração de Jesus e anualmente dedicasse uma reza ao santo maior da igreja católica. Com isso era feito a Renovação da fé e a consagração da família na presença do Sagrado Coração de Jesus. Essa maneira de expressar a fé é aceita pela igreja católica, pois ela manifesta o sentimento religioso da religiosidade popular.

Nesse sentido, a Renovação engloba um conjunto de atividades que são reconhecidas como formas concretas de organização social, fortalecendo assim o sentido de ritual. A Renovação é um rito sacrificial cuja liturgia ocorre no seio da família, sai dela como invocação e volta para ela como redenção.

### 3. A PERCEPÇÃO DOS DEVOTOS: A PRÁTICA DA RENOVAÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

Todo cristão ou devoto do Sagrado Coração de Jesus sabe postar-se diante da sua imagem para entrar em sintonia com o sagrado. Essa percepção do sagrado pode ser manifestada de diversas maneiras. Muitos reconhecem que esse costume embora tenha passado por modificações ao longo do tempo ainda se mostra muito forte na sua prática e fé na região do cariri cearense, principalmente na cidade de Juazeiro do Norte-CE, embrião da explosão de uma manifestação de fé popular. Refiro-me a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus, ou simplesmente “Renovação” como é conhecida na região.

Começo esse capítulo com a letra da música “Renovação” do cantor e compositor, artista filho da terra, o Luiz Fidelis. Na canção ele relata sobre as noites de Renovação e até mesmo os sentimentos e emoções vividas no seu tempo de criança ao vivenciar aqueles momentos.

*Quando eu era menino,  
que um fogo subia,  
meu coração sorria,  
eu ficava a pensar,  
em sequilho e aluar,  
sanfoneiros tocando,  
namorados prosando,  
sob a luz do luar!  
eu pegava ligeiro,  
minha roupa no armário,  
e mamãe me dizia!  
ói bichim,  
peça a bença ao vigário,  
e que nem um relampo,  
na rodage eu sumia,  
e quando os fogos subiam,  
tornava a imaginar,  
na morena trigueira,  
que está lá me esperando,  
com os olhos falando:  
o meu amor vai chegar!  
e que nem uma enchente,  
invadia o terreiro,  
e nem um candeeiro,  
tinha mais fogo pra dar!  
é noite de renovação...  
é noite de renovação...  
viva o Coração de Jesus! Viva,*



*viva meu padim Çiço! Viva,  
viva os donos da casa! Viva*

Trabalhar com as lembranças, e memórias de um povo é (re)viver toda cultura e fé intrínseca na vida de cada um dos sujeitos que se permitiram fazer parte desse trabalho. “Na verdade, a memória é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente” (DELGADO, 2006, p. 09).

### **3.1. Estar em campo**

Estou de volta para meu aconchego, trazendo na mala bastante saudade, indagações e curiosidade. Retomei o Juazeiro em outubro de 2020 e me apropriei outra vez da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus, desta vez com um olhar diferenciado, tentando compreender aquilo que durante muito tempo da minha infância e adolescência eu enxergava, mas não compreendia.

O olhar desta vez, é de um sujeito participante desta tradição, porém agora, tentando compreender cada detalhe que compõe este fenômeno que é a Renovação ao SCJ, pois agora o observo não mais só como devota, mas principalmente como pesquisadora.

Por esse motivo estarei atenta a observar detalhadamente toda estrutura do fenômeno, o comportamento das pessoas, as falas dos sujeitos, as mudanças ocorridas, dentre tantas outras observações que vão se entrelaçando e se complementando ao longo do processo, para obter uma resposta favorável a esta pesquisa.

### **3.2. A devoção e a tradição da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus**

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus no Cariri cearense se dá a partir do século XIX com a figura do padre Cicero Romão Batista. Os primeiros relatos sobre a devoção, faz ligação com a história da devoção ao Sagrado Coração de Jesus divulgada no mundo no século XVII por Santa Margarida Maria Alacoque.

Antes desse período existe toda uma história interligando a devoção ao SCJ ao catolicismo popular vivido no Cariri cearense. O termo catolicismo levanta uma “poeira” antiga, porém este trabalho não irá aprofundar os estudos sobre este tema, uma vez que já existe uma vasta literatura abordando o mesmo.

Segundo a pesquisa bibliográfica realizada, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus remota do século XVII. A primeira grande aparição do Sagrado Coração de Jesus a Margarida Maria Alacoque se deu exatamente no dia 27/12/1673, dia de São

João Evangelista que foi a primeira pessoa que cultuou o Coração de Jesus. Consta nas escrituras sagradas que ele reclinou a cabeça no peito de Jesus e ouviu os batimentos, (JOÃO 12-25).

O coração de Jesus apareceu para uma jovem freira chamada Margarida Maria Alacoque, essa religiosa vivia no mosteiro da visitação na cidade de Paray-le-Monial na França, ela era desconhecida no mundo, mas foi a escolhida por Deus para propagar a devoção ao Sagrado Coração.

A segunda aparição foi numa sexta-feira na oitava de “Corpus Christi” no ano de 1674. “Enquanto a jovem estava em dulcíssimo êxtase, recolhida e imóvel, com os braços cruzados no peito, com a face irradiada pela chama interior, uma luz celeste, vista somente por ela, iluminava o altar e através das grades ela viu o coração...” (FREI SALVADOR DO CORAÇÃO DE JESUS, p. 8, 2007).

Estava este coração completamente cercado de chamas e rodeado por uma coroa de espinhos, transpassado, por uma profunda ferida, todo ensanguentado e encimado por uma Cruz. Margarida - disse Jesus dirigindo-se à jovem-, eu te prometo na excessiva misericórdia do meu coração dar penitência final a todos os que comungarem na primeira sexta-feira em nove meses consecutivos... eles não morreram no meu desagrado, nem sem receber os Sacramentos, tornando-se meu Coração refúgio para eles naqueles transes extremos. (JESUS FREI SALVADOR DO CORAÇÃO DE, p. 8, 2007).

Apontando seu coração com o dedo, Jesus disse: “Eis o Coração que tem amado tanto aos homens, a ponto de nada poupar até exaurir-se e consumir-se para demonstrar-lhes o seu amor. E em reconhecimento, não recebo senão ingratidão da maior parte deles” (DIOCESE, 2021).

Foram ao total três aparições, a terceira grande aparição ocorreu em um dia incerto em 1675 quando O coração de Jesus anunciou as promessas a Margarida Maria Alacoque. Na realidade o Sagrado Coração de Jesus fez doze consoladoras promessas a favor dos seus devotos; nós, porém, somente queremos falar na grande promessa porque esta é como um resumo de todas as outras.

Esta grande promessa, juntamente com mais onze promessas foram examinadas pela igreja católica com toda a severidade a qual ela costuma proceder diante desses processos. Depois disso as doze promessas foram divulgadas no mundo. Eis aqui as doze promessas feitas pelo Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria Alacoque que foram propagadas pelo mundo (JESUS FREI SALVADOR DO CORAÇÃO DE, p. 31 e 32, 2007).

1 - Eu lhes darei as graças necessárias para cumprirem os deveres de seu estado. “sem mim, disse Jesus, nada podereis fazer” (Jo 15,5).

2 - Eu darei paz às suas almas. “eu vou te deixo a minha paz, eu vos dou a minha paz” (Jo 14,27).

3 - Eu os consolarei em todas as suas aflições. “vinde a mim os que padeceis e andais angustiados, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28).

4 - Serei refúgio seguro durante a vida e, sobretudo, na hora da morte. “não vos deixarei órfãos aos” (Jo 14,18) – “Tomar-vos-ei comigo, para que onde eu estou vós estejais também” (Jo 14,3).

5 - Derramarei abundantes bênçãos sobre seus empreendimentos. “poderoso é também para cumprir o que prometeu” (Rm 4,21).

6 - Os pecadores acharam em meu coração a fonte e o oceano infinito de misericórdia. “quero a misericórdia e não sacrifícios; porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mt 9,13).

7 - As almas túbias tornar-se-ão fervorosas. “vim para que tenham a vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

8 - As almas fervorosas elevar-se-ão rapidamente a grande perfeição. “sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai do céu” (Mt 5,48).

9 - Abençoarei os lares onde foi exposta e honrada a imagem do meu coração. “hoje entrou a salvação nesta casa” (Lc 19,9).

10 - Darei aos sacerdotes a graça de comoverem os corações mais endurecidos. “muito lhe foi perdoado porque é muito amor” (Lc 7,47).

11 - As pessoas que propagarem esta devoção terão seu nome escrito para sempre no meu coração, e dele jamais será apagado. “eu não apagarei o seu nome do livro da vida, e o confessarei diante do Meu Pai e dos seus Anjos” (Ap 3,5).

12 - Eu prometo, na excessiva misericórdia de Meu Coração, que meu amor onipotente concederá a todos os que comungarem durante nove primeiras sextas-feiras do mês seguidas a graça da penitência final; não hão de morrer em pecado e sem receber os sacramentos, servindo-lhes meu coração de asilo seguro naquele último momento.

Devido o testemunho de Margarida Maria Alacoque o papa Leão XIII em 1889 consagrou o mundo ao Sagrado Coração de Jesus. Aproximadamente 50 anos depois o Papa Pio XII recomendou a devoção ao Sagrado Coração de Jesus para toda a

igreja. Essa recomendação era inspirada na festa do Sagrado Coração de Jesus que os franciscanos já celebravam a algum tempo.

Santa Margarida Maria Alacoque foi uma das grandes responsáveis para uma mudança de mentalidade na Igreja, que tinha a imagem de um Deus castigador. Ela, no entanto, revelou a imagem de um Deus Amor.

Conversando com o Historiador Cearense Armando Rafael, ele relatou que:

Santa Margarida Maria Alacoque dizia que por meio dessa devoção os leigos iriam encontrar todo o socorro necessário ao seu status, ou seja, encontrar a paz em suas famílias, o alívio nos seus trabalhos, as bênçãos dos céus em todos os seus empreendimentos materiais e a consolação para o nosso sofrimento de miséria. E que o Coração de Jesus seria o refúgio seguro durante toda a vida, especialmente na hora da morte (ARMANDO RAFAEL, 26/01/2021).

Embora a 12ª promessa se refira a comunhão que os devotos deveriam fazer nas primeiras sextas-feiras do mês como penitência, não foi de fato assim que essa devoção se deu no cariri cearense e no município de Juazeiro do Norte Ceará. Ela foi adaptada ao modo, jeito, costumes daquele povo.

A tradição da devoção ao Sagrado Coração de Jesus permanece no cariri cearense e em todo sertão nordestino graças ao padre Cicero Romão Batista que foi criado dentro de uma concepção de igreja colonial em que a devoção vinha antes dos sacramentos. O padre Cicero foi aluno dos padres lazaristas no seminário da Prainha em Fortaleza. Esses padres eram franceses, em destaque o padre Chevalier, que foi um grande divulgador da devoção ao Sagrado Coração de Jesus no Ceará.

O Ceará foi um dos estados onde a devoção ao Sagrado Coração de Jesus foi mais presente no Brasil. Em 1877 uma grande seca assolava o estado e Don Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, almejando a graça de ver a população livre de morrer de sede e fome, resolveu consagrar o estado ao Sagrado Coração de Jesus, iniciando assim essa devoção.

Em 1889, se pronunciava outra seca no Ceará, o padre Cícero já ordenado, e tendo levado para o cariri cearense na compreensão do seminário, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, se juntou com outros padres e começaram a propagar a devoção, assumindo juntos a promessa de erguer em diversos pontos da região igrejas em homenagem ao Sagrado Coração de Jesus.

A promessa do padre Cicero consistia em construir uma igreja no Horto, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. A igreja do Horto nunca foi construída em homenagem ao SCJ, porém hoje existe uma obra em andamento dedicada ao Bom

Jesus do Horto. No entanto, os salesianos construíram a promessa do padre Cícero erguendo na cidade a igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus (Igreja do Salesiano). Isto é parte das ligações do Sagrado Coração de Jesus com o contexto histórico, cultural e religioso do Ceará e do Juazeiro.

Voltando de Fortaleza ordenado, o padre Cicero chega ao Cariri sem paróquia para se fixar, passou uma temporada no Crato, mas no Natal de 1872 foi chamado por aqueles remanescentes a pequena povoação de Juazeiro para celebrar uma missa. Aquele povoado havia surgido em torno da devoção a Nossa Senhora das Dores.

Um certo dia, após a celebração e as confissões, o padre Cicero já cansado foi tirar um cochilo numa casinha que existia ali nas proximidades da então, hoje, Basílica de Nossa Senhora das Dores, (CAVA, 1976) e (OLIVEIRA, 2001). Nessas obras é relatado sobre um sonho/visão que o padre Cicero teve com o Sagrado Coração de Jesus.

No sonho, Jesus Cristo e os apóstolos estavam conversando, o padre Cicero escutou quando Jesus Cristo disse: “estou muito desgostoso com o procedimento da humanidade, que mais uma vez esqueceu a minha misericórdia e está entrando pelo caminho errado.” Naquele momento começou a entrar na sala pessoas malvestidas, descalços que tinham semelhança com os romeiros primitivos. Durante o sonho, Jesus Cristo virou para o padre Cícero e disse: “quanto a ti, Cícero, toma conta dessa gente”, o padre Cicero despertou do sonho, acordou com uma impressão muito forte de ter tido uma visão, e achou que a sua missão era ficar ali e cuidar daquele povo, pois havia sido determinado pelo Coração de Jesus. Essa história também foi reforçada pelo padre Cicero José, atual pároco da Basílica menor de Nossa Senhora das Dores, pelo padre Aureliano e por tantos outro(a)s sujeito(a)s entrevistados durante a pesquisa.

Em 1898 durante a estadia do padre Cicero em Roma quando foi ao Vaticano reivindicar o direito de celebrar os sacramentos que haviam sido suspensos por conta do então “milagre da hóstia” ele encontrou por lá uma imagem do Sagrado Coração de Jesus o qual disse que era a mesma face que havia visto no sonho. Segundo relato de diversos fiéis o qual tive a oportunidade de conversar sobre o assunto, o padre Cícero, comprou a imagem e pediu para que o Papa Leão XIII a benzesse, trouxe essa imagem para o Juazeiro, a qual hoje se encontra ao lado direito do altar na Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores (Figura 5). Na obra de Oliveira (2001)

ela relata que foi encontrado um documento quase destruído o qual se refere a benção desta referida imagem.

Figura 5: Imagem do Sagrado Coração de Jesus na Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Registro da autora (2020).

O milagre da hóstia na boca da beata Maria de Araújo tem uma relação direta com a primeira sexta-feira do mês. No Juazeiro até certo tempo atrás, era de costume do povo católico guardar a primeira sexta-feira de cada mês, se confessar, comungar e jejuar. Porém na segunda sexta-feira do mês de junho que é a data consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, muitas famílias celebram até hoje a Renovação em suas casas nesta data.

O padre Cicero ao retornar de Roma encontrava-se suspenso de ordem, ou seja, impossibilitado de celebrar os sacramentos e exercer o seu sacerdócio. Mas ele queria cuidar do povo, era a missão que ele tinha, que lhe foi atribuída pelo próprio Coração de Jesus a partir do sonho/visão que ele teve enquanto padre recém ordenado. Naquele sonho Jesus ordenou que ele tomasse conta daquele rebanho, o padre Cícero tomou aquilo como uma missão, uma tarefa, um compromisso assumido com o próprio Jesus e assim teria que cumprir.

Mesmo suspenso de ordem não podendo assumir o seu Ministério sacerdotal, ele tinha um compromisso a cumprir, pois havia assumido com o próprio Coração de Jesus a obrigação de cuidar daquele povo, sobretudo da fé do povo. A partir daí ele começa a rezar o rosário da Mãe de Deus, todos os dias com os devotos em frente à sua casa, e a difundir ainda mais a devoção ao Sagrado Coração de Jesus introduzindo a Consagração/Renovação ao Sagrado Coração de Jesus nos lares conforme nos relatou o historiador cearense Renato Dantas:

Roma havia autorizado que ele fizesse um altar para o santo que trouxe, porém o bispo do Ceará na época, Dom Joaquim, não autorizou. A partir daí o padre Cícero começou a rezar Renovação lá no Horto. Com isso mudou totalmente a intenção da igreja em relação a Renovação. Aquilo que era inicialmente só uma reza com a família passou a ser uma festa com os amigos e vizinhos participando. E a comilança depois da Renovação (DANTAS, 08/12/2020).

O padre Aureliano, hoje pároco da Igreja de Nossa senhora de Fátima na cidade do Crato, o qual teve oportunidade de conversar, falou que:

Na minha visão, rezar a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus foi uma maneira que o padre Cícero encontrou de estar perto do seu povo, de cuidar, de continuar sua missão, e de incentivar as pessoas a rezarem. Mesmo diante daquele momento doloroso e tão difícil que ele enfrentava que era a injustiça sofrida por parte da igreja. Mesmo assim ele não fraquejou (PADRE AURELIANO, 15/06/2021).

Mesmo na crise de fé que estamos passando, vivendo em meio a uma sociedade materialista, hedonista, nós ainda temos ilhas de pessoas, principalmente na zona rural que preserva muito forte a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a tradição da Renovação conforme foi deixada pelo padre Cícero. Existe uma explicação sociológica, antropológica e histórica sobre isso que está inteiramente ligada a fé e devoção desse povo.

O padre Cícero difundiu essa devoção no Juazeiro e com os milhares de romeiros que vinham e continuam vindo até hoje visitar a cidade. Como a devoção ao SCJ foi um dos ensinamentos deixado por ele, muitos desses romeiros se deparam pela primeira vez com a celebração da Renovação ao SCJ e ficam maravilhados, encantados... com isso, compram o livro (Figura 6) onde contém a fórmula da Renovação ao SCJ, pedem para alguém lhe ensinar o rito e passam a celebrar em suas residências.

Figura 6: Livreto da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus



Fonte: Registro da autora (2020).

Buscando entender melhor sobre as Renovações, uma das primeiras pessoas que entrevistei foi a dona Gracinha, 55 anos, tiradeira de Renovação que por morar ao lado da igreja do socorro onde está sepultado o corpo do padre Cícero, um dos pontos turísticos religiosos mais visitados pelos romeiros em Juazeiro, e ter esse contato diretamente com os romeiros, muitos a procura para ensinar o rito da Renovação, sobre esse assunto ela acrescentou:

A Renovação do SCJ de Jesus é um ato que não pode falhar, não pode faltar. Foi deixado por ele e cresce de geração em geração. Tem pessoas de fora que vem, compram o livrinho, me perguntam como reza, e eu ensino e a pessoa vai pra casa fazer lá, e depois me retornam, me ligam e diz: eu fiz e deu certo. Eu ensino como fazer. Olhe, tem momentos que você faz a Renovação do jeito que ele deixou, café, aluá, o chá, e as bolachinhas seca de água e sal. Hoje é que as pessoas trabalham muito, e colocam aqueles salgadinhos, refrigerante, que não é pecado, porque ta fazendo ali com aquele amor, porque não tem tempo de fazer como antigamente. Mas o importante é rezar, é fazer com amor. E mesmo que não tenha nada pra servir, não tem importância, o importante mesmo é rezar (DONA GRACINHA, 21/12/2020).

Esta fala evidencia a irradiação dessa devoção e a prática desta tradição não só no sertão nordestino, mas em quase todos os estados brasileiros. Dona Socorro Besera, 68 anos, rezadeira de Renovação relatou que já foi rezar Renovação em Recife e Brasília. Dona Fátima, também rezadeira de Renovação, morou por muito tempo em Carapicuíba-SP, relatou que até hoje muitas famílias no bairro onde ela morava rezam a Renovação ao SCJ devido o contato que tiveram com a celebração enquanto ela morava naquela cidade.

Acompanhar essa irradiação da tradição da Renovação ao SCJ pelo território nacional torna-se importante para observarmos o crescimento dessa devoção, mas esse acompanhamento deverá ser feito em um outro trabalho, uma vez que não é um dos objetivos dessa pesquisa acompanhar essa propagação da tradição pelo Brasil.

Existe uma vasta literatura sobre a vida e obra do padre Cícero, porém, aqui irei me ater somente o que diz respeito a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a tradição da celebração das Renovações ao SCJ na cidade de Juazeiro do Norte-CE, que é o objeto dessa pesquisa.

Vale ressaltar aqui também a importância do Apostolado da Oração (fundado em Juazeiro do Norte em 1888, pelo próprio padre Cícero). Este grupo permanece em atividade até os dias atuais, como uma associação cujo objetivo é intensificar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e incentivar a prática eucarística.



### 3.3. A casa como lugar de devoção: Entronização ao Sagrado Coração de Jesus

Antigamente dizia-se que somente os padres podiam fazer a Entronização. Hoje o rezador ou rezadeira, tirador ou tiradeira de Renovação como é chamado na região, também pode presidir este momento, basta que solicite do casal que leve com antecedência as imagens do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria para que um padre os abençoe antes de Entronizar.

Quando se vai rezar pela primeira vez a Renovação ao SCJ, este momento é chamado de Entronização, que quer dizer: “colocar no trono, em lugar de destaque” a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Este gesto de colocar a imagem em um lugar especial na casa, consiste em intensificar a sua presença permanente naquele lar, reforçar que ele é o rei daquele lugar. Para este momento inicial existe um ritual diferente dos que se apresentam nos anos seguintes.

Existem três orações principais que compõem o rito da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus. Este rito é sacramentado no primeiro ano quando se faz a Consagração ou Entronização do Sagrado Coração de Jesus no lar. O momento é composto por duas partes Principais: primeiro é feito a elevação da imagem do Sagrado Coração de Jesus ao lugar de honra da casa que é a parede principal da primeira sala da residência, aquela parede que fica de frente para a porta de entrada na casa, a qual costumamos chamar de sala do santo (Figura 7) onde todos os que chegarem passam a contemplar as imagens ali expostas.

Figura 7: Sala do santo



Fonte: Registro da autora (2020)

Nesta sala é onde a família irá se reunir durante os anos seguintes para a celebração da Renovação da fé. Costuma-se estar presente na celebração a família e os amigos. Eles são testemunhas da promessa feita pelos membros da família que se consagraram ao Divino Coração de Jesus.

É pela existência da religião que se estabelece o território, a cada Renovação ao SCJ realizada em cada casa corresponde a esse território sagrado. É a partir das práticas religiosas que ocorrem naquele lugar, que se criam as redes, laços e relações de poder. A sala do santo é o território materializado, isso se dá a partir das experiências/vivências sociais e religiosas, sem essas relações não seria o território religioso católico. “O território é, ao mesmo tempo, ‘espaço social’ e ‘espaço cultural’: ele está associado tanto à função social quanto à função simbólica” (BONNEMAISON, 2002, p. 103).

O segundo momento, é o da própria consagração, que consiste, diante do desejo já apresentado pela família de prestar culto ao Sagrado Coração de Jesus, em um ato religioso que representa o compromisso da família em viver o Evangelho e seguir a Deus. Este ritual é articulado em torno da chamada “Fórmula da Consagração”, ou “Oração da Consagração”, cuja leitura, durante o ritual, implica no reconhecimento oficial e social de que a partir daquele instante aquela família tem o Sagrado Coração de Jesus, como guia e protetor soberano, abençoando o lar e as pessoas que se fazem presentes naquele momento no anseio de que todas sejam agraciadas pela proteção e bênçãos divinas (Oliveira, 2010).

Uma vez feita a Entronização, a família se compromete a celebrar todos os anos, a partir de então, na mesma data, a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus. A data escolhida fica a critério da família, no qual há na maioria das vezes uma fusão entre a data da Renovação tradicional e outras datas importantes para a família, como o aniversário do filho(a) mais velho(a), casamento dos donos da casa, aniversário de um dos cônjuges ou data comemorativa de um dos santos da igreja católica que passam ser comemoradas juntas, no mesmo dia. Assim, como também pode estar ligada a data do alcance de uma graça, ou para aqueles que sobreviviam apenas do roçado, a escolha da data estava ligada ao término da colheita.

Tentando compreender os motivos pelo qual cada sujeito escolheu tal data para realizar sua Renovação conversei com dona Bela que tem 92 anos, é rezadeira de Renovação por mais de meio século, e escolheu a data da sua Entronização o mesmo

dia do aniversário da sua filha mais velha. Durante a entrevista ela nos relatou o seguinte:

Quando eu me casei eu tive a primeira filha no dia 26 de outubro de 1950, aí ela foi crescendo, aí mãe disse assim: Bela, tu vai fazer tua consagração quando? Aí eu disse: mãe, eu vou fazer no aniversário de Dita, de Expedita. Aí a primeira Entronização minha, foi no dia 26 de outubro de 1951 (DONA BELA, 21/11/2020).

Quando Perguntei por que ela tinha escolhido o dia do aniversário da primeira filha. Ela respondeu:

Porque eu achava que aquele aniversário dela que eu ia fazer na Renovação era uma coisa bonita, todo mundo vinha, todo mundo ia cantar parabéns para ela que era pequenininha, um pegava outro pegava, aí eu fui e fiz nesse dia. Hoje ela está com 68 anos e eu estou com 67 anos que rezo a Consagração do Sagrado Coração de Jesus (DONA BELA, 21/11/2020).

Precisava agora entender os motivos pelo qual o casal Aline e Marcos, ambos com 36 anos de idade, rezam a Renovação da sua casa no dia de aniversário de casamento. Eles aceitaram conversar comigo sobre o assunto e perguntei para o casal o motivo pelo qual eles rezam a Renovação naquela data, a Aline respondeu:

Bom, assim, eu desde que a gente se casou, né, foi o nosso primeiro ano, a gente não teve história de se casar e depois ir rezar não. Porque tem gente que casa e passa dois três anos arrumando a casa, tem pessoas que eu conheço que diz: ah, eu não rezei ainda a minha Renovação porque minha casa não tá terminada, por isso e por aquilo... Nós dois, a gente se casou e quando foi no ano seguinte, quando a gente completou um ano de casado, aí a gente já foi instruído pela nossa família né, tanto pela minha família como pela família dele, no caso, nossos pais e avós. Com um ano de casado a gente tinha que celebrar a Renovação. Já vem da tradição (ALINE, 23/12/2020).

Continuando a conversa eu perguntei: E se um de vocês tivessem se recusado a celebrar a Renovação? A Aline continuou a responder enquanto o Marcos só balançava a cabeça confirmando a fala da esposa.

Assim, eu já tenho em mim essa fé viva, como eu vivenciei na minha infância, eu fui criada com esse costume de Renovação eu acho, eu não ia deixar de rezar, porque assim, a primeira coisa assim pra lembrar da gente não esquecer de celebrar a Renovação foi o quadro. Quando a gente casou o nosso presente de casamento que a mãe dele deu, foi esse quadro que está na parede, então tem 11 anos né. No dia do nosso casamento, no dia, durante o dia sem ser a noite, a gente ia casar a noite, então durante o dia Marcos trouxe o quadro e disse: oh que mãe mandou. Aí quando eu abri era o quadro do Sagrado Coração de Jesus (ALINE, 23/12/2020).

Era comum antigamente os pais darem de presentes para os filhos as imagens ou quadros do Sagrado Coração de Jesus como presente. E aí perguntei para eles:

Vocês sentiram que com aquele presente estava sendo imposto a responsabilidade de seguir a tradição? Novamente a Aline continuou a responder, enquanto o Marcos continuava a balançar a cabeça confirmando:

Não foi imposto, eu não senti isso, até porque eu já tinha esse desejo em mim. Eu já pensava: quando eu me casar, eu vou rezar a Renovação. Porque lá em mãe eu cresci vendo isso, nos meus avós, na família toda. Que no dia do casamento é o dia de celebrar a Renovação, então eu tenho que seguir a mesma tradição. Sentia esse desejo, então não foi forçado, foi uma coisa espontânea tanto eu como ele, e no ano seguinte, com um ano de casado a gente já começou a rezar (ALINE, 23/12/2020).

Com a fala da Aline fica evidente essa continuidade da tradição sendo passada de geração para geração mantendo os costumes ensinados pelos seus ancestrais.

Ainda procurando entender outras escolhas das datas de Renovação eu, Marilene, devota, mas agora pesquisadora, conversei com minha mãe para entender o motivo dela ter escolhido a data da Renovação lá de casa o dia do aniversário dela. Uma coisa que durante toda a minha vida vivendo esses momentos de Renovação nunca tinha me atentado para perguntar. Quando a indaguei por que ela escolheu essa data, ela respondeu:

Porque antigamente quando o povo se casava tinha que rezar a Renovação, quando não rezava quando ia pra casa, rezava depois. Eu não rezei quando eu vim pra aqui porque eu me mudei pra aqui no mês de janeiro, aí quando foi no mês de abril foi que eu rezei, porque eu queria deixar no dia do meu aniversário (DONA TÊTÊ, MÃE DA PESQUISADORA, 18/06/2021).

É comum até hoje as famílias escolherem a data da Renovação o mesmo dia do aniversário de um dos cônjuges porque assim faz uma festa só, já que antigamente não era de costume comemorar com festa o aniversário.

São várias as famílias que também fazem essa celebração coincidindo com a data comemorativa dos santos da igreja católica. Basta conversar com rezadeiras ou rezadores de Renovação que ela(e)s relatam que chegam a rezar de três a quatro Renovações no mesmo dia, quando se comemora data festiva de santos da igreja católica. Porém em muitas outras datas também são rezadas Renovações.

Ainda na busca de compreender os diversos motivos das escolhas das datas das Renovações conversei com o casal Cicero e Cicina, 18 anos de casados, mas que rezam a Renovação em casa somente a quatro anos. Perguntei por que escolheram começar a rezar a Renovação, responderam:

Nós fizemos a Renovação no tempo que ele ficou em coma. É recente, é de quatro anos pra cá, é tanto que nossa primeira Renovação ele recebeu alta

numa sexta-feira e a Renovação foi num sábado, no terceiro sábado de maio (CICINHA, 07/01/2021).

Eu ainda não tinha compreendido de fato o motivo pelo qual o casal havia escolhido aquela data, e solicitei que me explicasse. Ela continuou a relatar:

Porque foi a data que ele recebeu alta. Então eu sempre falava lá, se ele saísse vivo de lá não importa como, mesmo que fosse em cadeira de roda, mas que ele voltasse vivo pra casa. Os irmãos dele diziam direto que queriam entregar ele pros filhos dele vivo, não importa como, se fosse em cadeira de roda, se fosse acamado... mas que ele voltasse vivo. Aí eu prometi fazer a Renovação. Eu disse assim: não importa, se ele receber alta hoje, amanhã eu faço a Renovação. Ele recebeu alta na sexta-feira, 13 de maio, dia de nossa senhora de Fátima, é tanto que nós não tínhamos nossa senhora de Fátima aqui, nós ganhamos nossa senhora de Fátima de Sônia, no dia da reza ela trouxe a nossa Senhora de Fátima pra mim. A nossa Renovação aconteceu no sábado. Eu não pinte casa, geralmente a gente pinta a casa pra Renovação. Eu comprei essa mesinha porque ele pediu pra não colocar mesa de vidro, que no dia da Renovação dele, ele queria uma mesa de madeira (CICINHA, 07/01/2021).

Quanto ela fazia o relato eu interfeiri e perguntei: Ele quem? Compreendi que quando ela usava o pronome ele, estava se referindo ao seu esposo, Cicero. E ela continuou:

Ave Maria Cicero, uma mesa de madeira, onde vou achar? Mas ele disse que queria uma mesa de madeira e a mais bonita que tiver, e que eu não medisse esforço para comprar uma toalha bonita pro santo. Aí no dia da Renovação a gente fez janta, nesse dia nessa casa teve gente de manhã até de noite. Sabe, foi um momento assim MUITO, MUITO especial na vida da gente. Ele ainda bem doente. Eu não esperava que nesse dia tivesse uma multidão pra que esse momento acontecesse (CICINHA, 07/01/2021).

O Cicero vem da tradição familiar de Renovação, é devoto fervoroso do padre Cicero, porém o casal não rezava a Renovação em casa até pouco tempo atrás. Isso se dava ao fato dessa manutenção da tradição geralmente ser muito matriarcal e Cicinha não vir dessa tradição familiar.

Foi somente em um momento de provação da fé, período em que o Cicero esteve internado na Unidade de Tratamento Intensivo -UTI por mais de 30 dias devido um problema renal que ele enfrenta até hoje, que, Cicinha achando que ele já não voltava para casa vivo, e diante do desespero, da angústia e do medo, testou sua fé. Um certo dia conversou com o Sagrado Coração de Jesus e de Maria e prometeu que se ele voltasse para casa vivo, no dia que ele chegasse em casa, rezaria a Renovação ao SCJ. No mesmo dia que ela fez a promessa, horas depois o Cicero acordou do coma. Desde então há 5 anos, no terceiro sábado do mês de maio é rezada a Renovação ao SCJ na casa do casal.

Finalizando o entendimento referente aos motivos pelo qual cada família escolheu tal data para rezar a Renovação em suas casas, conversei com seu Zé Piraca, 81 anos, hoje aposentado, porém trabalhou a sua vida inteira na roça de onde tirava todo o seu sustento. Ele havia me falado que reza a Renovação na casa dele no dia 22 de setembro. Quando perguntei por que escolheu essa data para rezar a Renovação, ele me relatou o seguinte:

Eu escoli a data de setembro, porque em setembro eu já tinha coído o que tinha, em setembro ninguém tá coindo mais roça, já tem coído o feijão, já tem coído o mio e já tinha feito tombém a farinha, aí tinha com que fazer a Renovação, tinha com que comprar as fulô, tinha com que comprar as vela, tinha com que comprar o cal, aí eu mermo cávava a casa. Foi por isso que eu escoli a data do mês de setembro, porque era fim de coieta, não era no aperreio (ZÉ PIRACA, 19/01/2021).

Fica nítido em todos os relatos que a escolha dessas datas tem uma explicação lógica e individual, porém carregadas de uma expressão de fé e devoção de cada uma das famílias em relação ao SCJ mas que sempre está atrelada a motivos econômicos, sociais e acima de tudo, cultural.

Todas as pessoas que entrevistei procurei entender o sentido e a importância da Renovação para cada um deles, conforme narrativas abaixo, já que o termo Renovação é usado no sentido de “renovar”, “de tornar novo” os votos feitos pela família na ocasião da Entronização, ou seja, de renovar a promessa de culto e o desejo de pertencer ao Sagrado Coração de Jesus, sacralizado no ritual de Consagração (OLIVEIRA, 2010).

Sendo assim, conversei com a rezadeira de Renovação Gardênia, que tem 44 anos, ela reforçou o sentido dessa tradição e devoção com a seguinte narrativa:

Como a gente é de família católica apostólica romana, a gente seguiu a tradição da minha avó, minha mãe seguiu e eu segui também, porque depois que eu casei a mesma tradição que a minha avó me ensinou que passou por minha mãe e continua na família até hoje. Eu acho muito importante a gente está renovando nossa família ao Sagrado Coração de Jesus e de Maria que estão presentes em nossa vida e quem nos dá as graças e tudo... então a importância para mim é isso, entendeu? É a gente seguir realmente a tradição e está renovando todo dia nossa família ao sagrado Coração de Jesus e de Maria como forma de agradecimento (GARDÊNIA, 09/01/2021).

Maria Joice, 19 anos, filha do casal Cicero e Josilene, residentes na zona rural do município, relatou que que Renovação para ela é:

Quando Jesus visitou esta casa pela primeira vez, porque foi construído a casa aí logo no início tem a Renovação, aí assim que você constrói a casa que você vem morar aí tem como se fosse uma proteção e aí tem um

aniversário todo ano do Santo, como se fosse também um aniversário da gente, do mesmo jeito que tem o nosso aniversário tem o dele também de quando ele veio para cá (JOICE, 06/12/2020).

Enfatizando essa visão ainda juvenil, João Gabriel, 12 anos, filho do casal Cicero e Cicinha ressaltou que a Renovação para ele é:

Renovar a fé ao Sagrado Coração de Jesus (JOÃO GABRIEL, 07/01/2021).

Independente de sexo e idade os relatos sobre o sentido de Renovação se complementam à medida que os sujeitos vão tentando descrever com palavras aquilo que é vivido e sentido no dia a dia pelo povo católico da cidade de Juazeiro do Norte.

Outra entrevistada foi dona Joana Duda, 80 anos de idade, rezadeira de Renovação a mais de 50 anos, que falou o seguinte:

Renovação é louvar ao SCJ é renovar a nossa fé, a gente diz Renovação do Coração de Jesus mais é renovação nossa, da nossa fé. De ano em ano nós se junta em família pra renovar a nossa fé, agradecendo ao Coração de Jesus por mais um ano que chegemos (JOANA DUDA, 09/12/2020).

Fica evidente em todas as falas que embora seja utilizada a expressão “Renovação ao Sagrado Coração de Jesus” esta Renovação de fato é da fé de cada uma das famílias, de cada membro em particular, que tradicionalmente mantém o compromisso de fazer o ritual anualmente como demonstração da renovação da fé para o sagrado e para todos aqueles que se fazem presentes no evento.

### **3.4. Labirinto das memórias**

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje (LE GOFF, 2003, p. 469).

As lembranças para o indivíduo é uma forma de assegurar e manter vivo o caráter mítico, dando permanência e pertencimento identitário ao sujeito. História, tempo e memória são processos interligados, por esse motivo as lembranças são projetadas nas representações dos valores simbólicos e não simbólicos que constituem a cultura. Isso possibilita compreender os elementos essenciais do processo de construção da identidade da população católica do povo juazeirense, assim como também para o conceito de territorialidade dessa mesma identidade.

Essas lembranças são apoiadas nas memórias, o passado é espelhado no presente e reproduz através de narrativas a dinâmica da vida pessoal em conexão

com os processos coletivos. A memória coletiva é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado (LE GOFF, 1990).

Essa memória se encontra impregnada de conteúdo que alimenta as experiências vivenciadas por cada sujeito. Nesse contexto a memória é um “locus” privilegiado que aparece de forma individual permitindo cada geração transmitir o passado para o presente, dando continuidade com as tradições conforme afirma Delgado, (2006) quando diz que:

Entre muitos desafios da história oral, destacam-se, portanto, o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente (DELGADO, 2006, p.18).

Com isso, podemos deduzir que a memória é a elaboração de um conjunto de estímulos, cujo sua construção no presente é originada pelas experiências vivenciadas e fixadas no passado, mas que hoje contribui para entendermos a relação pessoal entrelaçada com a história coletiva. Sendo assim Le Goff afirma que:

Segundo Heidegger, a história seria não só a projeção que o homem faz do presente no passado, mas a projeção da parte mais imaginária do seu presente, a projeção no passado do futuro que ele escolheu, uma história-ficção, uma história-desejo às avessas (LE GOFF, 1990, p. 22).

Conversando com alguns sujeitos, principalmente aqueles de idade mais avançada, era perceptível como buscavam no livro da memória os detalhes vivenciados para relatarem os acontecimentos. Nesse momento, pude perceber a emoção sentida por cada um deles. Muitas vezes viravam a cabeça para um dos lados, olhavam para cima como se estivessem buscando no fundo do baú as informações preciosas, era um (re)viver de tudo o que já tinham vivido no passado, e cada detalhe era importante, afinal a passagem do oral ao escrito é muito importante, quer para a memória, quer para a história (LE GOFF, 1990).

Muitas vezes ao falarem, tinham a voz trémula e embaraçada, era perceptível a lágrima que escorria pelo seu rosto. Não era uma lágrima de dor, e sim de saudade do tempo que passou e que não volta mais. Em outros momentos era possível perceber no entusiasmo da fala, no brilho do olhar quão grandioso e marcante eram os momentos relatados.

### **3.4.1. (RE)mexendo as memórias**



Começarei (re)mexendo o meu próprio baú de memórias. Venho de família católica que tradicionalmente reza a Renovação ao SCJ. Mas é da Renovação da casa da minha avó que vou falar, pois na minha mente esse foi o meu primeiro contato com o ritual e não sei por que, isso me marca profundamente até hoje. Não a reza em si, mas os acontecimentos que iam se desenvolvendo durante todo o dia, com isso Le Goff (1990) explica que:

Compreender o tempo "é essencialmente dar provas de reversibilidade". Nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escalada na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória individual (LE GOFF, 1990, p. 181).

Essa viagem pela minha memória se inicia pela ansiedade vivida nos dias que antecediam a Renovação da casa da minha avó que acontecia no dia 14 de outubro. "Não sei porque ela escolheu essa data, nem minha mãe também sabe dizer." Acordávamos logo cedo com o barulho do estouro dos fogos, era o aviso para toda a vizinhança que era dia de Renovação.

Os preparativos começavam logo cedo, na verdade semanas antes, "mas esses, eu não participava" era de costume quase todos os meus ti(o)as estarem presentes, "exceto os que moravam muito longe ou em outro estado" cada um levava consigo a família, era o grande encontro familiar do ano.

Lembro que as mulheres se encarregavam de fazer a comida e arrumar a casa enquanto os homens ficavam embaixo das árvores, a conversar, e nós as crianças nos terreiros<sup>4</sup> a brincar (Figura 8). Na hora do almoço ou jantar, esses homens eram os primeiros a serem servidos na sala de jantar, com uma mesa farta de tudo que havia sido preparado pelas mulheres.

---

<sup>4</sup> Porção de terra larga e plana que fica em volta das casas na zona rural.

Figura 8: Terreiro da casa



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2020).

As mulheres comiam pela cozinha mesmo juntamente conosco, as crianças, ou então nos sentávamos embaixo de uma mangueira que ficava no terreiro da cozinha, cada um com o seu prato no colo e comíamos por ali mesmo. Aquela comida tinha um cheiro e um gosto tão especial que consigo lembrar até hoje. Era a comida de Renovação, uma comida que só comíamos naquele dia, um único dia por ano.

Ao final da tarde começava a entrega dos pratos de comida nas casas dos vizinhos, e essa era a nossa tarefa. As mulheres preparavam os pratos e nós íamos na carreira deixar em cada uma das casas. A disputa era para saber quem entregava mais pratos. Essa era uma tradição presente na zona rural, enviar para a casa do vizinho um prato com todas as comidas preparadas naquele dia da Renovação, era uma forma de partilha e união.

A noite quando começava a chegar os convidados para a Renovação, nós começávamos a brincar, lembro que nós as meninas brincávamos muito de roda, e de uma brincadeira que chamávamos “mavé descer”. Os meninos e as jovens adolescentes não lembro do que brincavam. Chegando a hora de rezar, a rezadeira que era minha mãe, ou minha tia Neco, avisava que ia começar a reza e nós as crianças corríamos para a sala do santo e ficávamos ao pé da mesa do santo, as crianças que não iam, ficavam quietas do lado de fora da casa durante toda a reza. O momento da reza era sagrado, fomos ensinados que devíamos participar e respeitar.

Quando chegava na parte dos benditos sabíamos que a reza se aproximava do fim, logo vinha os vivas e o momento da reza era encerrado. Todos saiam da sala do santo e logo em seguida começava a servir o café na sala de jantar.

Eram chamados a mesa para tomar o café, primeiro os homens, depois as mulheres e por último as crianças, as vezes algumas já tinham tomado café lá pelos terreiros da cozinha junto com suas mães, pois era de costume as mulheres casadas irem para o terreiro da cozinha aguardar o seu prato de bolo e por lá mesmo tomavam seu café.

Desde criança sempre achei aquela organização errada, pois nós as crianças sempre éramos os últimos e as vezes nem tinha mais bolo, ou sequilho, ficávamos apenas com a bolacha seca e o café. Achava injusta aquela sequência, porque os homens quase não faziam nada durante o ritual, nem se quer entrava para a sala para rezar e sempre eram os primeiros a comer.

Só agora na pesquisa é que fui entender que isto está relacionado ao patriarcalismo no Brasil. Indaguei algumas pessoas mais velhas como dona Bela, dona Maria Lobo, Dona Mundinha, dona Nina, nossas entrevistadas, que mantinham esse costume e elas não sabiam me explicar o porquê dessa sequência, me relataram que, apenas seguiam o costume que já vinha dos seus pais. Percebi que essa tradição já vinha de muito tempo e permaneceu até boa parte da minha adolescência, pois lembro nitidamente de outras Renovações que fui a qual o ritual apresentava essa mesma conjuntura.

As famílias que residem na zona rural, muitas delas até hoje ainda permanecem fazendo boa parte do ritual conforme eram feitos a décadas atrás, é o caso de dona Francisca Inês, 55 anos, outra entrevistada. Na oportunidade, conversei com ela e o seu filho Osvaldo que tem 32 anos. O dia em que os visitei, sentamo-nos embaixo de uma pequena laranjeira que fica no terreiro da cozinha, eu, ela e Osvaldo. Na companhia de um pássaro que morava na laranjeira e que nos alegrou com o seu canto durante toda a conversa.

Começamos então a (re)mexer o baú da memória dos dois. Segundo Le Goff (1990, p. 391) “memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas”. Nossa conversa foi regada a café, recheada de lembranças, emoções e lágrimas... Osvaldo começou o relato sobre as Renovações dizendo:

Morei aqui no sítio durante 15 anos com meus avós a quem eu tenho como pais porque estiveram comigo desde os meus primeiros anos de vida até a minha entrada na universidade. A minha experiência de Renovação foi quando vim morar aqui no sítio enquanto criança, eu não lembro o ano específico, mas eu fazia a primeira série quando vim morar aqui, acho que tinha em torno de uns sete anos. E a minha vivência de Renovação foi aí. Na infância quando escutava a minha vó falar, e ela não falava somente que ia fazer a Renovação, mas falava na festa do SCJ, porque pra ela era o marco maior da religiosidade dela, que era trabalhar um ano inteiro pra fazer a Renovação e receber os compadres, as comadres, os sobrinhos, todos os parentes que aqui vinham. Então a minha vivência foi essa. Porém, eu conversava bastante e ela sempre me dizia que eles eram retirantes, vieram como retirantes da Paraíba, eles vieram fugindo de uma seca na década de 1910 e vieram de Cajazeira na Paraíba e no período da década de 1910 teve uma seca muito grande que dizimou boa parte da população que morava naquele entorno. Então ela e os irmãos vieram para o Juazeiro, só que eles não sabiam que vinham para o Juazeiro especificamente. Eles sabiam que vinham para uma terra verde, junto do padre Cícero. Que no caso era o vale do Cariri onde ainda tinha uma riqueza natural em virtude da chapada do Araripe. E aqui se estabeleceram. Aí ela contava que a irmã dela era criança de colo e a mãe dela já trazia aqui porque ela vinha pra missa com o padre Cicero e tudo. E aí o ensinamento da mãe dela foi fazer essa Renovação porque o padre Cícero dizia que só abençoava o lar quem tivesse um altar, um Oratório e fizesse a Renovação em louvor do Coração de Jesus, então quanto mais fizesse a Renovação e tivesse gosto, mais ele abençoava (OSVALDO, 11/12/2020).

Naquela época a avó de Osvaldo não era aposentada, sobrevivia único e exclusivamente da renda que era retirada da roça e dos animais que criavam no terreiro de casa. Mas ela tinha todo o prazer de separar as melhores galinhas, engordar o maior porco e na semana da Renovação ter também quinze ou vinte potes de mandiocas ou macaxeira de molho para obter a “*massa puba*”<sup>5</sup> e fazer os bolos que eram assados no forno a lenha, figura 9. No momento da fala Osvaldo salientou o seguinte:

Eu tenho a recordação aqui na minha mente. E, eram dias de festa, eram três dias fazendo bolos, era a maior festa do Coração de Jesus que tem aqui na comunidade do sítio Sabiá, a maior sempre era aqui (OSVALDO, 11/12/2020).

Dona Francisca Inês disse que era uma semana inteira trabalhando pesado para preparar os bolos e sequilhos que iam ser servidos na Renovação, todo o processo era feito manualmente. Salientou ainda que lembrava que fazia esse trabalho desde a época que tinha aproximadamente dez anos de idade, mas que se recordava nitidamente de como tudo acontecia.

---

<sup>5</sup> Puba, também chamada de massa puba, é uma palavra do tupi antigo que se refere à massa extraída da mandioca fermentada. Ela é resultado da fermentação natural das raízes da mandioca (também chamada de aipim e macaxeira), junto a microorganismos que contribuem para o amolecimento das raízes. Tem aspecto semelhante à goma de tapioca, cheiro ácido e sabor azedinho.

Figura 9: Forno a lenha



Fonte: Registro da autora (2021)

Oswaldo comentou do trabalho que se tinha para preparar a “massa puba” tinha que lavar toda aquela mandioca/macaxeira puxando água da cacimba. Depois penduravam os sacos de massa nas árvores do terreiro, e completou:

Me lembro direitim do cheiro e da paisagem que ficava aqui (OSVALDO, 11/12/2020).

Nessa hora fechou os olhos, era como se estivesse voltando no tempo e contemplando a paisagem por ele mencionada. Uma paisagem não é “composta apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes” (MEINIG, 2002, p. 35).

Nesse momento dona Francisca Inês lembrou de um detalhe, a mãe dela comprava o tecido de algodão para confeccionar sacos novos todos os anos para colocar a massa. E Oswaldo acrescentou:

Nera coisa que ela dizia, vou aproveitar o saco do ano passado não, tinha que fazer. Todo ano eram sacos novos (OSVALDO, 11/12/2020).

Nesse momento dona Francisca Inês começou a relatar algumas coisas que eram renovadas para a Renovação.

Renovava tudo, a pintura da casa, era prato novo, ela tinha que ter tudo novo. Era toalha nova, era aqueles panos de pratos bem bonitos, ela fazia questão de ter tudo novo no dia da Renovação do SCJ (FRANCISCA INÊS, 11/12/2020).

Dona Francisca Inês relatou que sua mãe fazia questão de ter coisas novas a cada Renovação, e que ela dizia:

Minha filha, eu posso não ter nada, nada, nada, mas no dia da minha Renovação eu quero tudo renovado (FRANCISCA INÊS, 11/12/2020).

E assim, nunca faltou nada na sua casa nem no dia da Renovação nem em qualquer outro dia. Ela morava em uma casa muito simples, tinha apenas quatro cômodos, mas ela oferecia o que tinha de melhor no dia da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus.

Uma Particularidade da Renovação da casa dela, é que nunca foi só a reza. Os rituais começavam logo cedo quando o primeiro ônibus que chegava da cidade trazia todos os parentes que iam passar o dia lá. Eles eram recebidos com uma mesa farta de café, chá, leite e bolo. Essas pessoas, as mulheres iam para ajudar no trabalho durante o dia e os homens para conversar com o dono da casa ou acompanhá-lo até a roça para colher algum legume.

Oswaldo apontou um detalhe muito importante, disse que a comida era toda feita em panelas de barro no fogão a lenha, figura 10. Nessa hora ele encheu os olhos de lágrimas ao falar do arroz que era colhido na roça do seu avô e que tinha um trato especial no preparo.

O arroz de fazer no dia da Renovação era um arroz especial, era arroz torrado. Era um arroz tirado verde, na mão, colhido cacho por cacho, abafado no forno a lenha e mandado pisar separado. Era só nesse dia que tinha esse arroz especial, que era um arroz torrado que até hoje eu consigo sentir o cheiro desse arroz (OSVALDO, 11/12/2020).

Figura 10: Fogão a lenha



Fonte: Registro da autora (2021).

Ainda movidos pela emoção das lembranças, falaram de todas as comidas que só eram servidas no dia da Renovação, como por exemplo as “*bolinhas de renovação*”<sup>6</sup>. Nesse momento eu perguntei para eles se a comida de Renovação tinha outro gosto, os dois responderam que sim, eu perguntei: o que é diferente? Dona Francisca Inês disse que não sabia responder, já Osvaldo relatou que:

É um preparo diferenciado, é uma comida que é feita em grande quantidade, tem um sabor diferente, tem molho pardo, tem uma galinha caipira, coisa que comumente, você não vai comer no seu dia a dia, porque hoje você compra uma galinha ali na granja, no mercado, na feira... compra congelado. Então são muitas comidas que descaracteriza a comida da festa, porque a comida de festa aqui pra gente não é o creme de galinha, não é o vatapá, não é o stroganoff. É um macarrão bem temperado com coentro, cebolinha, aquele óleo queimado, colorau e pimentão. É a carne de galinha ou frango puxado o pescoço, frango que é feito molho pardo que na cidade o povo conhece como galinha a cabidela. Então é tudo diferente (OSVALDO, 11/12/2020).

Dei continuidade e perguntei: se vocês chegarem em um lugar aleatório e comer algo relacionado ao que foi citado por vocês aqui, isso os remete a Renovação? Osvaldo respondeu:

A memória afetiva da gente ela é muito cruel. Essa semana eu recebi um vídeo que eu e mãe nós choramos, era uma roça cheia de arroz, do mesmo jeitinho que tinha no vídeo eu vi a minha infância todinha na memória (OSVALDO, 11/12/2020).

Continuando a nossa conversa ainda falando sobre as memórias afetivas e sabores, dona Francisca Inês relatou:

Olha Marilene sabe o que era que eu fazia de primeiro, até depois que pai morreu eu ainda fiz uma vez já. Eu disse: amanhã eu vou fazer comida de Renovação. Matei uma galinha, fiz molho pardo, até alface tinha. Porque na Renovação a pessoa podia ser pobre como fosse, mas comprava alface. Aí cozinhei macaxeira fiz bolinha, fiz todas as comidas de Renovação, aí eu dei um prato de comida pro vizinho e ele disse: eita dicumê gostoso, parece dicumê de Renovação (FRANCISCA INÊS, 11/12/2020).

E Osvaldo completou:

Porque a comida de Renovação é uma comida colorida, é uma comida que você enche os olhos só em olhar pra comida porque dentro de um prato ele vem tão ajeitadim, o molho pardo, a beterraba, o macarraozim temperado, o arroz... Você tira de um prato pro outro e ele fica perfeito. Coloca um prato em cima e vira e ele sai no outro prato todo arrumadinho (OSVALDO, 11/12/2020).

---

<sup>6</sup> Bolinha de carne bem temperada, feita com o peito do frango. Bate o ovo e passa a bolinha de carne no ovo, depois frita em óleo quente.

Nessa hora eu viajei no tempo, me bateu uma saudade enorme das comidas de Renovação, principalmente as da casa da minha avó.

Outra coisa que Osvaldo chamou atenção foi sobre o preparo do café. Antigamente no dia da Renovação tudo era preparado com muito detalhe. Ele lembrou:

A água do café era butada no fogo quando a rezadeira chegava na casa, uma lata era reservada exclusivamente para aquilo ou então em uma panela de barro. Quando cantava o bendito de padre Cícero, podia butar as coisas, o café, o açúcar e misturar porque quando terminasse de cantar os benditos o café já estava pronto, era só butar a cumbuca dentro e encher os bules (OSVALDO, 11/12/2020).

Hoje observando o fenômeno lembro-me que tinha uma pessoa exclusiva para fazer o café. Não era a dona da casa, pois ela precisava estar na sala do santo junto com a rezadeira na hora da reza. Geralmente essa mesma pessoa fazia o café de várias Renovações pela redondeza. Lembro que lá no bairro onde eu morava a pessoa encarregada dessa função era dona Eva, hoje já falecida. Até então eu nunca tinha prestado atenção que existia todo um ritual, via tudo isso acontecendo, porém não associava. Hoje consigo entender que todo esse ritual é sincronizado.

Assim como também consigo perceber que o café da Renovação tinha um gosto especial devido ser feito em grande quantidade e não ser coado. Na minha infância eu percebia a diferença no gosto, mas não sabia explicar, sabia apenas que o café de Renovação era diferente dos outros. Outro fato importante é que era comum também na zona rural esse café ser torrado e moído em casa.

Lembro-me perfeitamente da minha mãe fazendo isso, torrando o café em um caco de barro no fogão a lenha, depois deixava esfriar e moía no moinho caseiro (FALA DA PESQUISADORA).

Osvaldo lembrou ainda que a rezadeira depois da reza sempre perguntava se tinha café ou chá. Geralmente elas diziam que se não tivesse o café e o chá para servir para o pessoal mais velho que vinha para a Renovação não tinha acontecido de fato a Renovação.

Uma das maiores festas do Coração de Jesus daquela comunidade sempre era na casa da avó de Osvaldo. As outras casas da vila tinham esse evento como referência e tudo que era apresentado de novo na Renovação, como por exemplo, um suco, um refrigerante, que naquela época era apenas a cajuína São Geraldo, a de garrafa de vidro as outras casas logo passavam a copiar (Figura 11).



Figura 11: Cajuína São Geraldo



Fonte: Registro da autora (2020)

Essa tradição da Renovação na família de Osvaldo vem se perpetuando por três gerações. A avó e avô dele rezaram a Renovação por 70 anos. Hoje com os dois já falecidos a mãe de Osvaldo assumiu o compromisso de dar continuidade rezando a Renovação que acontece no dia 15 de agosto, dia de ação de graças.

Em 2020 embora tenha havido algumas modificações na apresentação do ritual devido o momento pandêmico que estamos atravessando, a Renovação na casa da família foi rezada apenas com a presença da rezadeira, de dona Francisca Inês, sua filha Ana juntamente com o esposo e seus dois filhos. Mesmo assim mantiveram o compromisso de rezar a Renovação.

#### **3.4.2. A preparação da casa e do banquete**

A muito tempo atrás era comum as famílias começarem a se preparar para a Renovação do Sagrado Coração de Jesus, algumas semanas e às vezes até meses antes da data da realização da celebração. A maioria das famílias, principalmente na zona rural começavam essa preparação meses antes da Renovação pelo fato de serem agricultores e dependerem da colheita de um bom inverno para realizar o evento. Eles começavam a separar os alimentos e os animais para a engorda com muito tempo de antecedência. Esses elementos eram utilizados no almoço ou jantar servido tradicionalmente por aquelas famílias para amigos e familiares.

Naquela época a Renovação embora sempre com cunho religioso, era o único encontro social realizado durante todo o ano no seio das famílias, por isso algumas famílias mais tradicionais até hoje chama o momento de “a festa do Sagrado Coração de Jesus” devido ser a única festa preparada e comemorada com amigos e familiares durante todo o ano. Era aquele, o único dia que familiares e amigos de longe e de perto se reuniam para partilhar o momento. As vezes esses familiares passavam o ano inteiro sem se ver, porém no dia da Renovação ao SCJ faziam todo o esforço e estavam presentes na celebração.

Todas as famílias se esforçavam, se dedicavam para oferecer o que tinham de melhor para os convidados. Eram abatidos na ocasião as melhores galinhas, porcos, bodes, carneiros, e dependendo das condições financeiras da família até boi. Ofereciam para os convidados o melhor banquete do ano, e para aqueles amigos de perto que não podiam ir partilhar do momento do almoço ou jantar, era lhe enviado um prato bem preparado, com todas as comidas servidas naquele dia ou então um pedaço da carne de porco, bode ou boi (Figura 12).

Figura 12: Almoço ou jantar da Renovação



Fonte: Registro da autora (2020)

Lembro-me nitidamente da minha infância nos dias de Renovações na casa dos meus avós que moravam no sítio. Ao pôr do Sol, nós as crianças já ficávamos

todos eufóricos, era chegada a hora de levar os pratos de comida para a casa dos vizinhos, então começava a disputa de quem levava mais. As mulheres na cozinha montavam os pratos com todas as comidas que foram feitas naquele dia, colocava outro prato emborcado em cima e amarravam com um pano de prato, entregava para uma das crianças e dizia onde tinha que deixar, nós saíamos dali na carreira com o prato na mão para fazer a entrega, assim que entregávamos voltávamos correndo para fazer outra entrega, e assim seguia até terminar as encomendas de todos os vizinhos próximos.

Lembro desses momentos e me pergunto até hoje como conseguíamos fazer aquilo com tanta pressa, porém com eficiência, pois nunca aconteceu de cairmos ou de derrubarmos os pratos que levávamos. Essa era a participação essencial e o trabalho colaborativo das crianças no ritual, pois consistia em um dos afazeres que era destinado especificamente para nós.

Preparar e servir o banquete com o que a família tinha de melhor, não é uma forma de exibição, mas sim uma forma de agradecimento ao Sagrado Coração de Jesus por todas as graças recebidas durante todo o ano. Isso é perceptível na fala de dona Gracinha, que até hoje, faz almoço para servir aos amigos e familiares no dia da Renovação.

No dia da Renovação do Coração de Jesus, todos nós que fazemos, é o dia do agradecimento de tudo que recebeu no ano, seja do mais rico, milionário, ao mais pobre. Aquele momento que a família se reúne ali, se reúne pra agradecer por tudo o que recebeu durante o ano até aquele dia. Não existe momento de se mostrar, esse negócio de você querer mostrar que é maior do que fulano não existe. Você faz com o seu amor e eu faço com o meu amor. Porque é uma forma de agradecimento a Deus porque ele te deu o ano inteiro e quanto mais você faz com amor, mais ele dá (DONA GRACINHA, 21/12/2020).

É de costume até hoje as famílias fazerem a renovação também das coisas materiais da casa, como por exemplo, consertar a parte elétrica e hidráulica, fazer os reparos de maneira geral, fazer uma pintura nova nas paredes, que muitos chamam de “caia a casa” e quando podem, fazem aquisição de móveis, eletrodomésticos e utensílios novos.

Tudo é planejado, executado e adquirido, próximo da celebração do momento sublime que é a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus. Quando não podem, as famílias oferecem o melhor que tem naquele momento, pois o coração está cheio da vontade de agradecer, nem que seja pelo pouco que tenham.

Dona Bela falou com um brilho no olhar ao relembrar a sua primeira Renovação, ou melhor, a Entronização do SCJ na sua casa:

Foi numa casa de taipa coberta de paia, tão bonitinha, aí as paredinha caiadinha, a mesinha bem direitinha com dois jarros com fulô, as velinhas acesas, aí quem rezou foi Manel Filipe (DONA BELA, 21/1/2020).

Essa tradição da preparação da casa, de preparar o almoço ou jantar ainda hoje é mantida em algumas residências na zona rural, assim como também algumas casas na zona urbana, pois algumas famílias migraram para a zona urbana, mas permanecem com o costume rural.

Era comum no dia da Renovação homens, mulheres e crianças terem os seus papéis bem definidos dentro do evento e isso era seguido à risca. Era papel do homem fazer os consertos da casa, fazer o abate dos animais, soltar os fogos e recepcionar os outros homens.

Ficava a cargo da mulher, comprar todas as coisas que iriam ser utilizadas na Renovação, fazer os bolos, fazer a comida, varrer os terreiros, fazer a limpeza e organização da casa, servir a comida, ornamentar a mesa do santo, rezar, e por último servir o café do santo. Dificilmente esses trabalhos destinados a cada um dos gêneros eram executados por outra pessoa de outro gênero.

Cabia as crianças tarefas que não exigiam muitas responsabilidades, como ajudar as mulheres nos trabalhos e fazer a entrega dos pratos das comidas. Fora isso, era só brincadeira e diversão, momento de encontrar os primos e aproveitar aquele momento que muitas vezes era o único durante o ano.

### **3.5. Símbolos e práticas religiosas na cerimônia**

Dentro do rito da Renovação ao SCJ está presente as diversas práticas e experiências vivenciadas pelo devoto. Estas ações proporcionam uma reflexão sobre a vida espiritual. De imediato essa reflexão não é percebida pelo devoto, muitas vezes ele apenas pratica a ação, é como se estivesse no modo automático. Mas, durante a conversa com alguns sujeitos, pude perceber um momento de epifania, de compreensão, de reconhecimento e de (re)significação da celebração. Percebi que muitas vezes essa reflexão precisa ser provocada.

Todas as ações que envolvem o rito da Renovação ao SCJ, resultam de uma conexão do transcendental/espiritual com o material. Essas ações ritualísticas foram herdadas tradicionalmente por gerações passadas. É justamente através dessas formas e representações simbólicas que os sujeitos procuram descobrir as razões e

explicações para ratificar sua existência material e espiritual, numa tentativa de compreender os fenômenos existentes em seu mundo, embora nem sempre essa compreensão é percebida.

Os símbolos, são elementos presentes na representação. Eles formam uma ponte que oferece acesso entre o devoto e o sagrado. Essa representação tem origem na imagem que estabelecemos com aquilo que nos foi herdado culturalmente. No mundo mítico e religioso a cultura humana não é vista como algo dado, mas como algo que necessita ser explicado.

As formas simbólicas, como conceito, em Cassirer (1975, p.163-165 [1956]) são qualificadas como energia espiritual “Energie des Geistes”, ou seja, aquilo que o ser humano efetua espontaneamente e não recebe passivamente as sensações exteriores, mas sim as captura e possibilita a relação do homem o mundo, do espiritual com o sensível que lhe é atribuído interiormente e que também é produzido e transformado em conteúdo simbólico. Assim, a linguagem, o mundo mítico-religioso e a arte se apresentam como outras tantas formas simbólicas particulares (ALMEIDA, 2010, p. 87).

É nesse sentido que a relação do devoto com o símbolo é bastante intensa, pois ele não os vê apenas como um sinal, mas como algo que transcende o significado do objeto, que está carregado de afetividade e dinamismo.

### **3.5.1. Os elementos sacros**

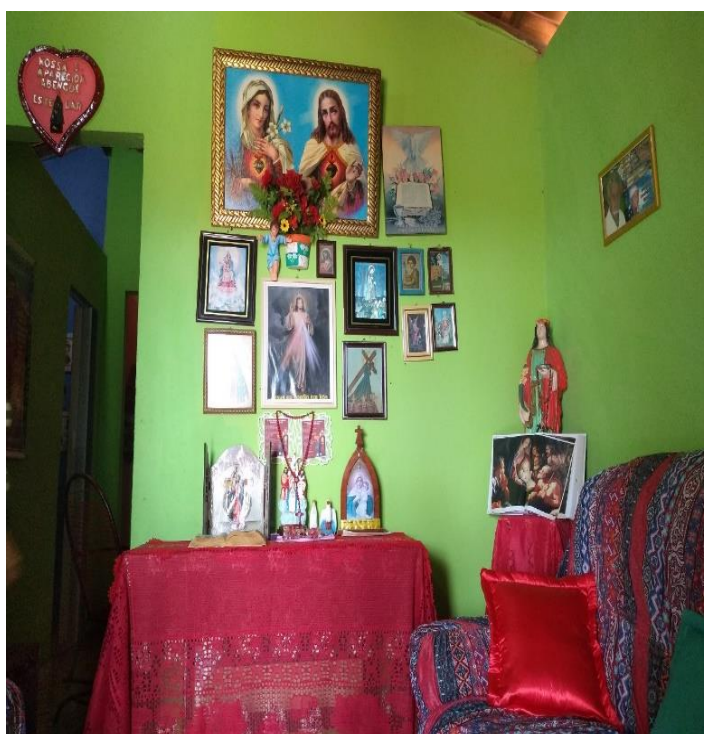
Toda a casa em si é considerada pelo sujeito como o lugar sagrado, o lugar que é um centro de significância construído pela experiência do sujeito (TUAN, 2018). Esse lugar passa a ter o sentido de sagrado quando é provido de um valor simbólico, porém outros elementos são colocados em evidência, deixando transparecer a sua importância e significado dentro do evento. Uma vez que esses lugares ou objetos são acrescidos do complemento nominal “do santo” fica evidente a sua sacralidade.

Iniciaremos o sentido de sacralidade falando da sala do santo, primeiro cômodo da casa, considerado por todos aqueles que tive a oportunidade de conversar como sendo “o lugar sagrado”. “Existe no território um significado biológico, econômico, social e político, mas, no sentido em que ele é aqui entendido e em sua expressão mais ‘humana’, ele é essencialmente o lugar de mediação entre os homens e sua cultura” (BONNEMAISON, 2002, p. 128). Na entrevista cedida pelo ex-prefeito da cidade, o Dr. Raimundo Macêdo o qual tive oportunidade de conversar sobre o assunto ele reforça essa afirmação de Bonnemaïson, dizendo:

Esse espaço que o padre Cicero criou na época, que é uma introdução do Coração de Jesus e do coração de Maria, serve para abrir os corações das pessoas que chegam naquela sala e se depara com a imagem do nosso Salvador, e esse espaço não fica só pra colocar o santo na parede, é onde a pessoa se benze, pede a bença, pede a Deus que minimize os problemas, que mostre solução para que a gente possa caminhar em paz. Então são centenas de fatores que fazem com que aquele espaço seja um espaço mais sagrado, um espaço mais de oração, um espaço mais de prece, de devoção, e rememoração dos nossos atos que nós praticamos, para que a gente possa nos reconciliar com Deus e nossa Senhora, com nosso criador. Por isso aquele espaço é um espaço sagrado, um espaço que a gente se reúne quando a gente vai em oração, quando a gente vai fazer uma celebração. É naquele espaço que a gente se realiza em relação as nossas preces, nossos pedidos, os nossos agradecimentos a Deus, pela nossa vida, pela nossa saúde, pela saúde de todos e pelas graças que a gente recebe todos os dias (RAIMUNDO MACEDO, 08/04/2021).

É nesse espaço que é colocado no alto da parede principal a imagem do Sagrado Coração de Jesus (Figura 12). Em outras casas, quando não é utilizado o quadro é colocado as imagens que são de gesso ou resina em cima da mesa, figura 13. Geralmente essa imagem apresenta Jesus com o seu coração exposto, simbolizando que o coração é a prova do amor dele para conosco.

Figura 13: Sala do santo da casa de dona Maria Lobo



Fonte: Registro da autora (2021)

Figura 14: Sala do santo da casa de Raimundo Macêdo



Fonte: Registro da autora (2021)

No Nordeste, principalmente em Juazeiro do Norte, a “sala do Santo” se encontra presente em quase todos os lares das famílias católicas. Um pequeno altar é organizado na sala de entrada da casa onde se faz o ritual tradicional da Entronização do Coração de Jesus. Na maioria das residências a imagem do Sagrado Coração de Jesus vem acompanhada pela imagem do Imaculado Coração de Maria que é seu complemento, sua extensão. Assim relatou o jovem Gabriel, quando entrevistado:

Não existe o filho sem a mãe, Maria é a extensão, o complemento de Jesus (GABRIEL, 19/12/2020).

A Sala do santo é um espaço sagrado, como aquela sala está repleta de imagens de santo ela deixa de ser apenas um cômodo da casa e ganha o contexto de sagrado, pois está repleta de uma energia espiritual. Ela representa o templo religioso, é a representação da igreja católica dentro da sua própria casa. “A paisagem, contudo, não é apenas forma material resultante da ação humana transformando a natureza. É também forma simbólica impregnada de valores” (CORRÊA, p. 10, 2011).

É possível compreender isso na fala de dona Toinha, 73 anos, outra entrevistada, que ao falarmos sobre o assunto relatou:



A sala do santo é a casa do Coração de Jesus e de todos os santos dentro da minha casa (DONA TOINHA, 19/01/2021).

Ao entrar numa residência de família católica em Juazeiro, seja ela celebrante ou não da Renovação, sempre iremos nos deparar na primeira sala da casa com a imagem do SCJ e do Imaculado Coração de Maria no alto da parede principal da primeira sala da casa. Isso significa que ao entrar naquela casa, primeiro terá que passar pelo templo religioso que existe dentro daquele lar, isso faz parte da cultura e identidade daquele povo.

Bonnemaison, reforça o sentido de território e fortalece a identidade cultural de um povo quando fala que o território é:

Vivido, é afetividade, subjetividade e muitas vezes o nó de uma religiosidade terrestre, pagã ou deísta. Enquanto o espaço tende à uniformidade e ao nivelamento, o território lembra as idéias de diferença, de etnia e de identidade cultural (BONNEMAISON, 2002, p. 125-126).

Em conversa com o historiador cearense Armando Rafael, pude compreender melhor essa tradição mantida até hoje pelo povo juazeirense que é a conservação do lugar dedicado ao sagrado dentro da casa, o qual é chamado de sala do santo, ele explicou que:

No início da colonização brasileira as figuras abastardas tinham um Oratório feito com as imagens de Jesus Cristo, de São José, da Santíssima virgem Maria, e de tantos outros santos esculpidas em madeira, algumas não tão refinadas. Então, diziam que naquela parte da casa estava presente Jesus Cristo, e que ali era um lugar sagrado. A realidade da sociedade carirense naquela época, se tratava de uma maioria da população paupérrima, que não tinham condições de ter algo muito refinado, muito menos um oratório. Então eles compravam os quadros nas lojas que vendiam materiais religiosos, e colocavam na parede junto com o quadro do SCJ e do Imaculado Coração de Maria. Ao posicionar esses quadros na parede, seguiam sua devoção. Por exemplo: eram devotos de Santo Antônio, então logo abaixo do quadro do SCJ e de Maria colocava-se o quadro de Santo Antônio... Geralmente também se colocava na parede o quadro do padre Cicero Romão Batista. A partir daquele momento, aquele lugar da casa era considerado a parte pura, a parte onde não entrava a mesmice, a parte onde não entrava o pecado. Era naquele espaço onde eles se ajoelhavam e rezavam o Rosário. Aquela parte da casa, era considerada o chão sagrado, o espaço sagrado, a parte mais nobre da casa na qual mantinham a relação com Deus, uma relação bilateral, criador-criatura, onde só o coração dele sabia transmitir a Deus o que ele pensava e acreditava, e só Deus saberia compreendê-lo na sua plenitude e necessidades, sabia dos seus anseios e do seu lado nobre que toda pessoa tem. Aquele espaço da parede onde fica exposto os quadros dos santos, é considerado o espaço sagrado da casa, ali está materializado de uma forma simbólica, uma filosofia de vida que existiu e que permanece viva até hoje no Cariri cearense (ARMANDO RAFAEL, 26/01/2021).

Percebemos que o homem já não vive num universo puramente físico, mas num universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes deste



universo. São os vários fios que tecem a rede simbólica, a teia emaranhada da experiência humana. Todo o progresso humano no pensamento e na experiência aperfeiçoa e fortalece esta rede (CASSIRER, 2004).

Essa rede da simbologia do sagrado que se inicia pela sala do santo, lugar de respeito, de oração, de intimidade com Deus. Ali está a delimitação espacial pertencente ao SCJ devido sua imagem está exposta em lugar de destaque naquele espaço. Essa delimitação é uma questão de cultura e de crença.

Muitas famílias até hoje, não permitem que fumem, ingiram bebidas alcoólicas, dançam, namorem, briguem, façam intrigas ou qualquer outra ação que não esteja ligada ao sagrado dentro daquele espaço da sala do santo. As crianças desde cedo começam a entender que aquele não é o lugar das brincadeiras, das festas... e sim da reza e da oração.

Era comum as pessoas mais velhas ao acordarem, irem até a sala do santo, as vezes até se ajoelhavam e faziam a sua primeira oração do dia, o mesmo acontecia a noite antes de dormir. Conversando com algumas pessoas elas relataram que naquele espaço da sala do santo, elas se sentiam mais próximas de Deus, mais conectadas com ele.

Em conversa com o Frei Barbosa, vigário da paróquia de São Francisco das Chagas em Juazeiro, ele relatou sobre o padre Cícero, sua devoção e a Tradição da Renovação ao SCJ.

Primeiramente o padre Cícero era um padre muito devoto do Sagrado Coração de Jesus, ele trouxe para o Juazeiro a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, e sua primeira ação foi justamente criar em Juazeiro o apostolado da oração que é voltado para a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Ligado a esta devoção ele sempre insistia que em toda casa fosse um santuário, uma oficina, por isso aqui em Juazeiro a gente pode perceber essa ação devocional ao sagrado Coração de Jesus, em quase todas as casas a sala é a sala do santo, e no resto da casa é a oficina. Porque o padre Cícero se inspirou muito na Mística de São Bento, oficina e trabalho, então ele queria que o povo rezasse e também trabalhasse. Ore, trabalhe e leia... (FREI BARBOSA, 20/01/2021).

O padre Cícero dizia que, em toda casa a sala seria um Oratório e o quintal seria uma oficina. Ele sabia que as famílias precisavam ter uma oficina de oração que seria a sala do santo, aquele cômodo principal da casa que é o refúgio de oração.

Conversando com o seu Renato Dantas, ele relatou:

Uma vez, ouvi de uma moradora muito antiga de Juazeiro, hoje ela já não é mais viva. Ela me disse que na época do padre Cícero, tinha um homem muito bom, que fazia caridade, e quando ele morreu, passou para outra vida, só via

fumaça, então ele chegou à conclusão que era porque ele fumava na sala do santo, que é um lugar de muito respeito (RENATO DANTAS, 08/12/2020).

Ainda falando sobre essa cultura conversei com dona Maria Lobo, 76 anos, residente na zona rural do município de Juazeiro do Norte, em entrevista ela narrou:

A sala do santo é um espaço sagrado, lá não se pode colocar outra coisa a não ser o santo ou as coisas do santo. A sala do Coração de Jesus tem que ter respeito, num é pra fumar na sala do Coração de Jesus, se você deixar uma pessoa fumar na sala do Coração de Jesus, você tá errada se você não reclamar. Você tem que dizer: aqui nessa sala não se fuma não, vá fumar lá dento ou lá fora. Antigamente quando eu me casei, eu tinha meus cunhados que fumavam, quando eles chegavam lá em casa eu dizia logo: na sala do santo não é pra fumar não. Porque meu pai não deixava nós fumar na sala do santo, ninguém fumava na sala do santo. Nós ia passar na sala do santo, o cigarro era capaz de queimar aqui dento da mão, que não era nem pro santo ver. Dizem que aquela fumaça que a gente sortia, vai tudo pro Coração de Jesus e quando a gente morre a fumaça ta toda na frente dele (MARIA LOBO, 18/12/2020).

Em meio a conversa a nora dela, a Fernanda que estava escutando o discurso acrescentou:

Assim, a nossa tradição aqui a sala do Coração de Jesus é só do Coração de Jesus, a gente num coloca estante, num coloca televisão, num coloca som. Quando nós casemo, nós tiremo tudo para a sala de jantar. A sala do Santo fica só exclusivo para o Coração de Jesus, alí a gente reza o terço em família, um lugar de respeito. Até os meninos quando começam a brincar, aí nós diz: aqui não, brincar de bola, bater bola aqui não, porque aqui é a sala do Coração de Jesus, vocês tem que caçar ôto canto pra brincar. É um lugar de respeito que a gente tem (FERNANDA, 18/12/2020).

Observando esse fato percebe-se o quanto a fé diante desse espaço sagrado é cultivada, por isso, muitas famílias o conservam com muito zelo. Percebemos que o imaginário religioso do homem sertanejo nordestino é formado por figuras místico-míticas que exercem profunda influência na formação da sua cultura e sociedade, reforça Almeida (2010) que:

As culturas são regidas por representações, simbologias, historicidade e espacialidade e territorialidade. Os inúmeros símbolos são amparados em sua estrutura simbólica que se apresentam como históricos e simbólicos em suas formas, isto é, significativo e continuamente verificado nos mais diversos lugares. É a forma simbólica que fornece a função característica a cada objeto ou a uma ação, considerando-se ainda os valores próprios e imediatos ou históricos (ALMEIDA, 2010, p. 67).

Outra entrevistada foi a dona Nina, que também é moradora da zona rural do município de Juazeiro. Quando abordada pelo assunto, relatou:

Quando a gente vai fazer uma casa a gente faz primeiro a sala do santo, de onde é que começa uma casa? Começa da frente pra trás, então começa

pela sala do santo, então ali se batiza como a sala do santo, porque é dele. Deus me livre de alguém fumar aqui que é para a fumaça não ir para ele, para meu santo (DONA NINA, 29/12/2020).

Tem famílias que têm uma sala dedicada somente ao santo e outra sala para receber visitas como é o caso de dona Dorinha outra entrevistada.

A sala do santo tem que ser a primeira sala da casa, porque o visitante ao chegar ele vai perceber que ali é uma casa de uma pessoa católica e tem o Coração de Jesus Entronizado, pode até não ser entronizado, porque tem pessoas que não fazem a Renovação, mas tem o Coração de Jesus. E o fato de ter o quadro do SCJ na parede diz que ali tem uma família católica e que aquele lugar precisa ser respeitado por quem chegar (DONA DORINHA, 10/12/2020).

Ela acrescentou que começou a entender a sala do santo como lugar sagrado desde quando começou a rezar Renovação, porque lá no livro, na oração diz que Jesus deverá ficar no lugar de honra da casa. E embora esteja ali presente naquela sala todos os santos, mas o que reina é o Coração de Jesus, assim como diz na oração da Renovação “que seja sempre amado, bendito e glorificado neste lar o coração triunfante de Jesus.”

Outra entrevistada sobre o assunto foi Tia Nocy, 87 anos, rezadeira de Renovação a mais de 70 anos, hoje sofre com Alzheimer, mas quando conversei com ela a respeito das Renovações, ela (re)memora tudo com muita nitidez.

Na sala do santo diante da imagem do Coração de Jesus temos o nosso pai, ali é apenas uma figura que está no lugar dele, por isso veneramos e não adoramos. Não podemos ver o SCJ mas estamos certos que ele está presente naquele lugar. Pois aquele espaço é a casa do Coração de Jesus, é a morada dele. Sentimos isso quando durante a oração da Renovação falamos: digna-te visitar esta Mansão senhor Jesus (TIA NECY, 14/12/2020).

Todo espaço que é atribuído um processo de fé, se torna sagrado, nele contém uma energia sentida pelos devotos que o habitam. Assim também é a visão “mais humana” de Bonnemaison quando define o território como sendo primeiramente uma determinada maneira de viver com os outros e que em inúmeros casos seus limites geográficos são os das relações cotidianas, pois o território é, antes de tudo, uma convivialidade (BONNEMAISON, 2002).

Ainda falando sobre a sala do santo, conversei com o casal, Társio e Janeanne onde ela relatou.

A sala do santo é o espaço principal da casa, este espaço precisa ser a porta de entrada e de saída da casa, porque a pessoa entra na casa com o Sagrado Coração de Jesus abençoando e quando sai da casa também recebe a

benção dele lhe acompanhando. Quer dizer o SCJ é o primeiro a lhe receber e o último a se despedir (JANEANNE, 06/01/2021).

A Sala do Santo é o fruto da mentalidade católica tradicionalista, ou seja, uma casa por mais humilde que seja terá o seu lado nobre que é a filosofia de vida baseada na doutrina católica representada por aqueles quadros dos santos expostos naquela sala de entrada.

Quando a família é mais abastarda possui imagens de gesso ou resina. Aquela representação é um reflexo da alma das pessoas representada pelo culto e pela veneração às imagens do Sagrado Coração de Jesus, do Imaculado Coração de Maria e por todos os outros Santos. Até mesmo os santos que não são reconhecidos pela Igreja, mas que são considerados santos pela devoção do sertanejo nordestino, como é o caso do padre Cícero e de frei Damião (Figuras 15 e 16).

Figura 15: Sala do Santo com a imagem do padre Cícero



Fonte: Registro da autora (2021)

Figura 16: Sala do santo com a imagem do padre Cicero e Frei Damião



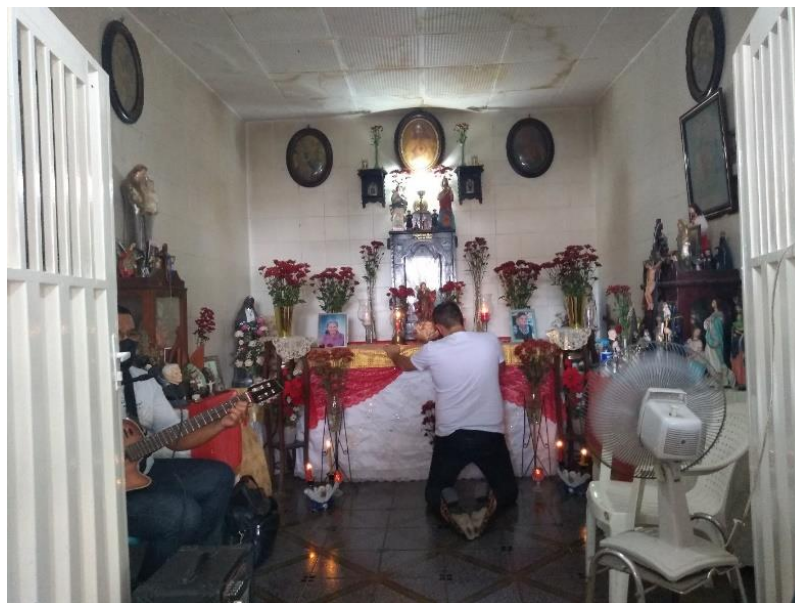
Fonte: Registro da autora (2021)

Para algumas famílias existe toda uma ritualista para a arrumação dos quadros na parede. A imagem do SCJ precisa ser colocada no centro da parede principal da casa, ou melhor, a parede que fica de frente para a porta de entrada. Do lado direito do quadro do SCJ é colocado a imagem do Imaculado coração de Maria, e logo abaixo e aos lados os santos de devoção.

Logo abaixo dessa organização é colocada a mesa do santo. Antigamente era utilizado somente a mesa de madeira, hoje já é utilizada a mesa de vidro ou até mesmo uma prateleira fixa na parede. Algumas famílias mais tradicionais ainda tem o costume de utilizar o “oratório” em cima da mesa, um móvel de madeira onde é colocado dentro, algumas imagens de santos. O espaço da mesa é destinado para flores e velas. Toda essa paisagem da parede com os santos, a mesa, flores, vela, toalha... faz referência ao altar da igreja católica.

Porém, não podemos descrever a paisagem apenas pelo visível, mas também pelo sentir, como cada sujeito se relaciona de corpo e alma diante daquele cenário, pois o sujeito reflete a paisagem e ela reflete o sujeito e assim há a compreensão da realidade do que o mesmo está vivendo e sentido (Figura 17).

Figura 17: Devoto diante do sagrado



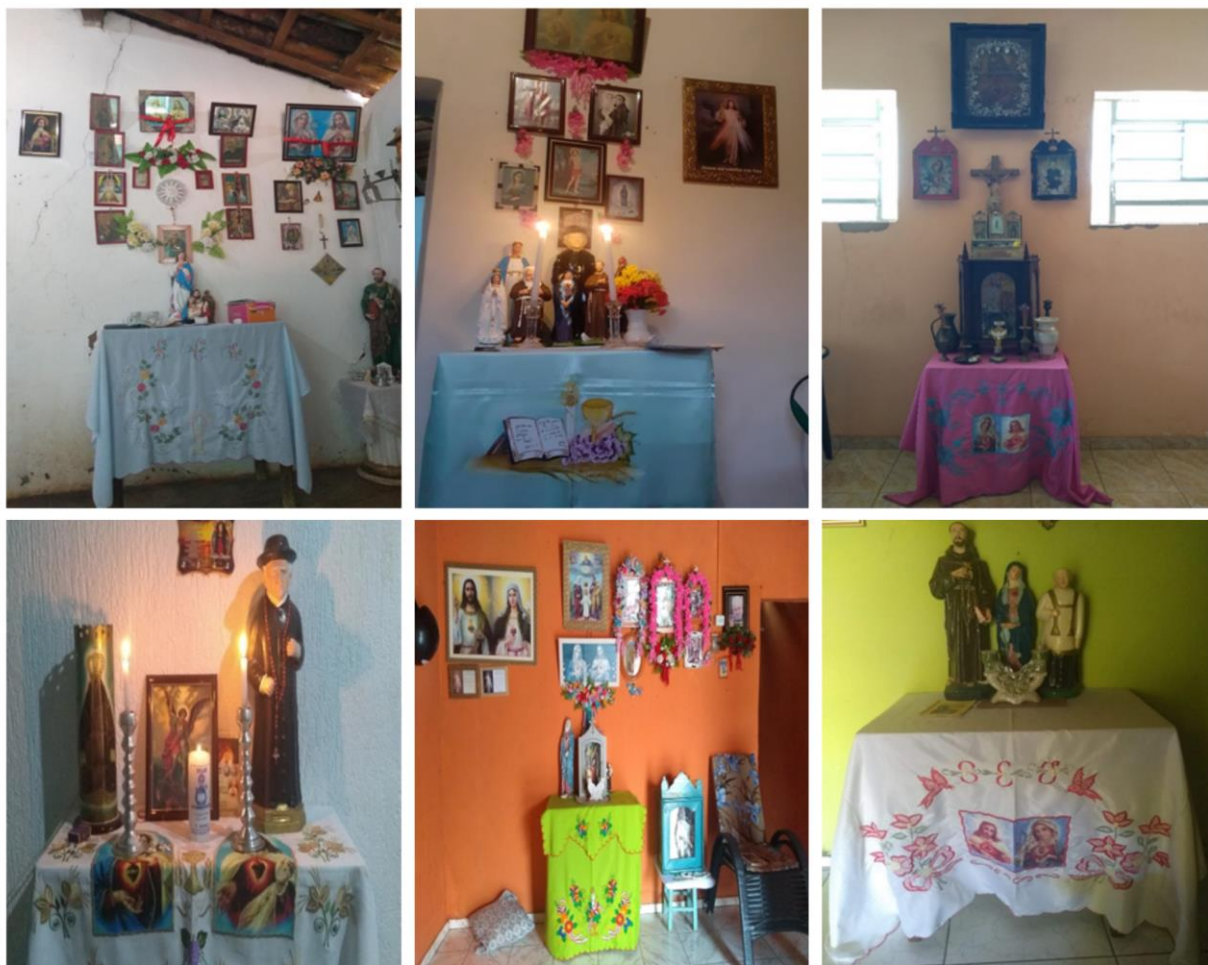
Fonte: Registro da autora (2020)

O dia da Renovação é o dia que a família coloca a melhor toalha na mesa do santo, embora tenha algumas famílias que hoje não utiliza toalhas. Naquele dia, retira-se as imagens da parede, limpa, organiza e coloca-se flores novas, esse ritual é realizado uma vez ao ano. Essa ornamentação da mesa do santo é semelhante a ornamentação de uma mesa para aniversário, porém é voltada ao Sagrado porque ele é o centro naquele momento, e daquela festa. E se naquele dia a família tem condições financeiras, ela oferece a melhor ornamentação.

A mesa do santo geralmente é mantida coberta no dia a dia com uma toalha comum, que é chamada a “toalha do santo” é utilizada para cobrir exclusivamente aquela mesa. No dia da Renovação é comum utilizar uma toalha específica para aquele dia, não existe um critério para a cor, isso está associado ao gosto da família. Muitas famílias compram toalhas novas todos os anos, outras tem uma toalha exclusiva para essa ocasião, que geralmente é mais alinhada e usada somente no dia da Renovação. Algumas toalhas trazem gravado em pintura ou bordado as seguintes letras: “S C J” que significa, Sagrado Coração de Jesus, além da imagem de Jesus e de Maria ou de outros símbolos religiosos (Figura 18).



Figura 18: Modelos de toalhas da mesa do santo



Fonte: Registro da autora (2020/21)

É comum manter a mesa arrumada durante uma ou duas semanas após o dia da Renovação. Durante esse período é retirada apenas as flores, que se forem naturais, tendem a murchar e secar. Após esse período, a mesa passa a ser arrumada como no cotidiano. Mas sempre coberta com uma toalha que é usada único e exclusivo naquela mesa.

Em cima da mesa no dia da Renovação, costuma-se colocar um jarro de flores naturais, hoje a grande maioria das famílias utilizam flores naturais compradas na floricultura. Antigamente, essas flores eram colhidas no quintal ou jardim da casa, em algumas vezes eram doadas pelos amigos ou vizinhos que cultivavam seus pequenos jardins em casa. Costumava-se também os quadros da parede passar o ano todo enfeitados com flores artificiais. Esses quadros já tinham uma estrutura na sua moldura, existia um espaço entre o vidro e a imagem que era justamente o espaço onde eram colocadas as flores (Figura 19).

Figura 19: Modelos de quadros antigos do SCJ



Fonte: Registro da autora (2020/21)

Lembro-me que quando eu era criança existia na rua Santa Luzia, no centro da cidade, muitas floristas que viviam desse trabalho de confeccionar e vender flores do santo. A minha mãe tinha uma comadre que era florista e tinha um ponto de venda nessa rua. Durante a pesquisa ao visitar a rua Santa Luzia, figura 19, encontrei apenas três floristas, conversando com uma delas ela relatou que hoje a renda é muito pouca, e que com a pandemia em 2020, a falta de romeiros na cidade, as vendas estavam praticamente paradas. Mas, que o comércio com a venda de flores para Renovação havia diminuído bastante nos últimos anos, pois as pessoas hoje costumam utilizar flores naturais. Apenas algumas famílias na zona rural ainda mantêm essa tradição de colocar flores artificiais.



Figura 20: Floristas na rua Santa Luzia



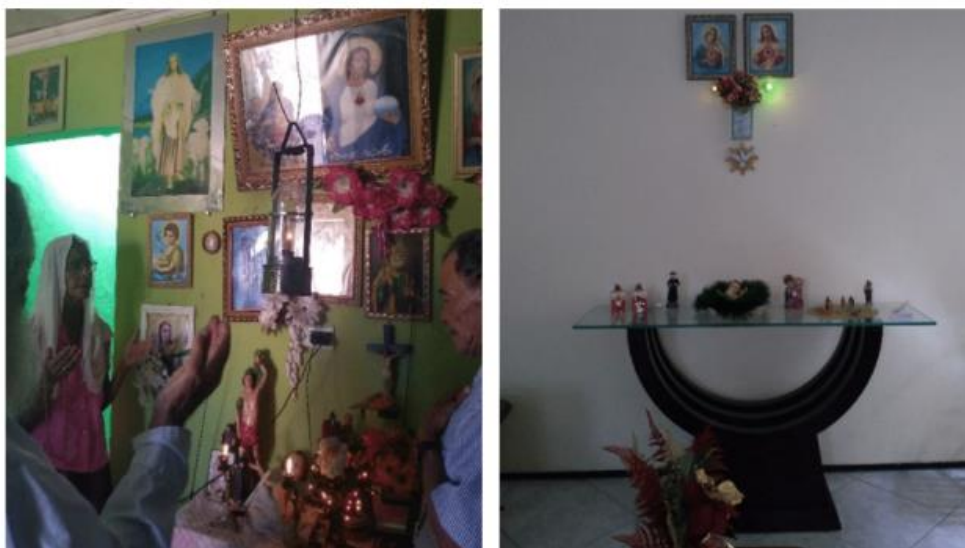
Fonte: Registro da autora (2021)

Essas flores artificiais, geralmente eram confeccionadas nas cores, rosa, azul, branca e algumas vermelhas.

Lembro-me que quando a minha mãe ia enfeitar os quadros lá de casa, ela colocava as flores rosas no quadro do Imaculado Coração de Maria, as flores azuis no quadro do SCJ e as flores brancas nos quadros dos outros santos. Ela nunca comprava flores vermelhas. Perguntei para ela o porquê daquela sequência e ela me respondeu: eu não sei, só sei que era tradição dos meus pais (RELATO DA PESQUISADORA).

É comum até hoje naquelas casas de famílias mais tradicionais em relação a religião, ter na sala do santo uma luz sempre acesa que é chamada de luz do santo, figura 20. Em algumas casas essa luz ficava fixada na parede logo abaixo do quadro do Sagrado Coração de Jesus e em hipótese alguma, dia ou noite poderia ser apagada. Há famílias que resistem em manter a tradição e não aceitam que a luz do santo seja elétrica, por isso utilizam velas ou candeeiro. É comum ao conversarmos com o povo juazeirense sobre o SCJ, escutarmos a expressão: “a luz do santo” ou que “o santo não pode ficar no escuro” outras vezes escutamos que, “o santo não pode dormir no escuro” por isso em muitas casas só acendem essa chama durante a noite.

Figura 21: Luz do santo



Fonte: Registro da autora (2020/21)

Em se falando da luz do santo, a luz do Sagrado Coração de Jesus, as famílias acreditam que aquela luz quer dizer que a casa não está nas trevas. Seu Joca, mas conhecido como o beato, devido seguir uma tradição penitente, tem na sala do santo de sua casa um candeeiro, perguntei para ele o porquê? E ele respondeu:

Essa luz é para alumiar a sala do Coração de Jesus. O padre Cícero dizia que os homens iam estudar uma luz para apagar a luz do candeeiro, mas que a luz eterna é essa daqui a luz do candeeiro. Por isso podem inventar a luz que for, eu sempre vou ter essa luz iluminado o Coração de Jesus. Aqui eu não tenho luz elétrica em casa não. Porque o padre Cícero dizia: bote o Coração de Jesus na sua sala, acenda a luizinha que é uma penitência e devoção onde você recebe graça por isso, o Coração de Jesus vai lhe recompensar. Essa luizinha acesa, não é tanto pra alumiar o Coração de Jesus, é pra alumiar nós mesmo. Pela força que nós faz pra vencer, de penitência e devoção de ter a luizinha acesa. Porque o Coração de Jesus já é a luz que nos alumeia (SEU JOCA, 25/12/2020).

Na obra de Coulanges (1998), intitulada “A cidade antiga” fala sobre o fogo sagrado, sobre ritos dos povos antigos anteriores a Cristo, esse fogo sagrado, dedicado aos antepassados era considerado um Deus e mantido no centro da casa, onde aquele deus/lar mantinha a família; se o fogo se apagasse a família toda estava extinta. Nenhuma das famílias que conversei citou esse mito ao falar sobre a luz do santo, mas durante as conversas pude perceber que para eles, manter aquela luz acesa era como manter acesa a chama da fé, estava relacionado a tradição da igreja católica de manter dentro da igreja uma luz acesa se referindo ao Divino Espírito Santo que é a luz do mundo. Muitos deles inconscientes mantêm essa

tradição de manter a luz acesa em casa, a qual faz uma relação com esse mito antigo, pois essa chama irá iluminar toda a família.

No dia da Renovação é imprescindível ter a “vela do santo” que é considerada a luz do santo. Essa vela precisa ser nova. Ela é o primeiro símbolo a ser utilizado antes de iniciar o rito da reza, são acessas no início da celebração e para muitas pessoas não podem ser apagadas após os vivos, é preciso deixar queimar até o final. Isso depende muito da relação e significação de cada sujeito com o objeto sagrado. Para o mestre João Bosco outro entrevistado (14/03/2021), ele associou as velas do ritual como sendo um casal, onde as duas são acesas juntas e precisam queimar juntas até o final.

Apagar ou não a vela no final do rito da Renovação ao SCJ não está ligada a idade dos sujeitos, mas sim a relação de cada sujeito com o sagrado. Dentro dessa temática temos também aquelas famílias que não utilizam vela ou qualquer tipo de luz dedicada ao Sagrado.

A relação do ritual da vela para a rezadeira Paulinha é muito importante, por isso quando ela vai rezar uma Renovação ao SCJ, resolveu criar um momento solene dedicado a luz do santo, a vela! Sobre o assunto ela nos falou:

A vela é um objeto indispensável, ela tem um lugar próprio de destaque de honra dentro da celebração, desde o início da Renovação. A vela foi sentida e pensada e nunca foi mudada essa tradição, ela tem uma grande representação para a religião católica, é um símbolo muito presente em vários sacramentos na igreja desde o batismo até a morte. Então a vela é um sinal palpável da presença do espírito santo no meio de nós (PAULINHA, 18/01/2021).

Antes de iniciar as orações da Renovação ao SCJ ela, solicita do casal ou alguém que eles queiram convidar ali dentro da assembleia para ter a honra de acender as velas e invocar a presença do divino Espírito Santo ao som do bendito “a nós deceis”. Essa simbologia de acender a vela e invocar o Divino Espírito Santo dá um valor simbólico a esse objeto que tem intenção de iluminar, acender e aquecer o fogo do Espírito Santo nos corações das pessoas presentes na cerimônia.

Toda festa tem barulho, animação, e a festa do SCJ não é diferente, não existe um convite pré-estabelecido, um anúncio, uma propaganda ou divulgação. Todos são convidados, não há exceção. Ninguém expulsa ninguém ou tem olhar de reprovação por alguém estar presente no dia e hora marcada sem ser convidado. A única forma de avisar para todos é soltando os fogos. Assim conta dona Joaninha, outra

entrevistada que mora na zona rural do município de Juazeiro. Ela nos contou como se iniciou e como ainda permanece a celebração da Renovação ao SCJ em sua casa:

Eu troquei o Coração de Jesus e convidei o povo e rezei a reza e pronto, comprei num sabe, comprei e mandei benzer e rezei a reza do Santo até a data de hoje nunca deixei de rezar. A gente compra eles lá nas lojas, isso já vem dos meus pais comprar e mandar benzer. Aí a Renovação acontece assim: é dia de Renovação a gente caia a casa, só convida o primeiro ano, porque a gente convida é só o primeiro ano porque no sítio só basta o primeiro ano, aí quando oice os fogos aí dizem: eita, hoje é a Renovação da casa de dona Joaninha. Os fogos são soltos de noite, 6 horas da manhã solta dois fogos, meio-dia solta dois, aí as pessoas já sabem e já vem, esses fogos é comemorando o dia da reza. É para comemorar o dia da reza, aniversário de Jesus. Olha eu nunca fiz um aniversário aqui em casa nem de um filho meu, o aniversário que eu faço aqui em casa é o aniversário de Jesus (DONA JOANINHA, 11/11/2020).

Hoje essa tradição de soltar fogos já não é muito presente, ainda se mantém firme na zona rural. Porém existe uma ritualística para a soltura dos fogos. No dia da Renovação é estourado alguns fogos, logo nas primeiras horas do dia, em torno de dois ou três fogos para avisar que naquele dia e naquela casa haverá festa do SCJ. Na hora do almoço ou por volta do meio-dia, novamente é estourado alguns fogos para fortalecer o aviso. Quando se inicia a reza, geralmente a noite, solta-se mais alguns fogos para avisar que a reza está começando, depois quando se inicia os cânticos é soltado novamente alguns fogos indicando que a reza se aproxima do fim. Ao dar os vivas que é a última parte do rito da reza da Renovação, solta-se seguidamente todos os outros fogos que sobravam, isso significava que a Renovação chegou ao final.

Essa história é fortalecida na fala do cantor e compositor Luiz Fidelis que ao ser indagado sobre Renovação, respondeu:

Quando a gente era criança uma Renovação era sinônimo de festa, uma Renovação em Juazeiro como era uma cidade bem pequena era anunciada por fogos, então quando a gente escutava um fogo, sem ser em romaria, um fogo pou, pou, pou, a gente já sabia que aquele fogo era uma Renovação que estava acontecendo e aí a gente seguia pelas ruas até chegar aonde estava tendo os fogos, e na maioria das vezes ninguém era convidado, mas menino é menino (LUIZ FIDELIS, 04/12/2020).

Enquanto revirava o seu baú de memórias falando sobre vários momentos de Renovação na sua vida de criança, foi perceptível a emoção naquele momento de regressão. E ele continuou a falar sobre outro momento importante que é o momento da partilha, o momento do café do santo e não deixou de citar a tradição que era mantida de forma hierárquica.

Café será sempre café, mas o café do santo, é sagrado. É assim que muitos devotos consideram essa bebida como sendo um elemento sacro servido no dia da Renovação. Ouvi de algumas pessoas que após a Renovação pode ser servido qualquer tipo de bebida que não seja alcóolica, mas precisa ter sempre o café. Em Relação a isso, Osvaldo relatou:

Não existe Renovação sem café, porque a tradição foi deixada pelo padre Cícero e precisa ser seguida até o final do jeito que ele deixou (OSVALDO 11/12/2020).

Os mais velhos contam histórias do padre Cícero referente ao café da Renovação. Dona Dorinha, rezadeira de Renovação, relatou que os mais velhos diziam que o padre Cícero falava que no dia da Renovação era para fazer o chá da folha da Laranjeira e pelo menos um bule de café e comprar pelo menos uma quarta de bolacha, “que corresponde a 250g”. Ela comentou também que ainda alcançou as xícaras pequenas que eram servido o café na época do padre Cicero, pois hoje já são utilizadas xícaras grandes.

Osvaldo nos falou que a avó dele contava que o padre Cícero sempre recomendou que fosse servido um café após a Renovação, e que uma vez o padre Cicero chegou na casa de uma mulher e ela estava chorando dizendo que não ia fazer a Renovação porque não tinha o café para servir, então o padre Cícero comprou uma quarta de café, uma banda de uma rapadura e entregou para a mulher fazer o café da Renovação. Era comum naquela época o padre Cicero ajudar com o café e a rapadura as famílias que não tinham condições financeiras de comprar o alimento para servir após a Renovação.

Dona Joana Duda, relatou que um dia foi rezar uma Renovação e chagando lá, a dona da casa muito triste e envergonhada a chamou em um cantinho e falou que ia rezar, mas que não tinha nada para oferecer após a reza, dona Joana a tranquilizou e disse que o importante era rezar. Ao terminar a reza começou a chegar várias coisas como, bolo, café, refrigerante, bolacha... que as pessoas foram mandando para a casa dela, foi feito uma grande festa de partilha.

Quanto a esse momento de partilha Renato Dantas relatou:

Muitas famílias fazem referência a esse momento do café do santo com o momento de partilha da santa ceia, ou com o momento da comunhão presente no rito da missa na igreja católica, onde o café está associado ao vinho e a bolacha a hóstia consagrada. Dentro dessa concepção percebe-se que o café e a bolacha são importantes dentro dessa celebração, isso é uma

forma de gratidão, as pessoas vêm a sua casa e precisam partilhar com você, elas precisam serem chamadas a mesa (RENATO DANTAS, 08/12/2020).

Já Osvaldo (11/12/2020) acha que o padre Cicero sempre teve uma visão de mundo diferenciada dos demais na sua época, inclusive ele era referência para muitos políticos. Devido seu conhecimento ele metaforizava tudo aquilo que a bíblia trazia de forma mais simples para o seu povo do sertão nordestino. A Bíblia trazia as bodas de Canaã, um momento de festa, de partilha, em que era servido o vinho. Para o sertanejo esse vinho era o café que era a bebida acessível por eles, e no lugar do peixe a bolacha seca de água e sal.

Até certo tempo atrás, quando o café era servido na mesa e todos tinham que entrar na casa para esse momento da partilha era seguido um ritual para este momento. Porém, existia uma peculiaridade de cada lugar, alguns lugares, primeiro eram servidas as mulheres, depois os homens, em outros lugares serviam primeiro os homens para depois as mulheres, e sempre por último as crianças. Hoje com toda a mudança social, a grande maioria das famílias servem a todos os presentes na cerimônia em um mesmo momento.

Após o término da reza, as mulheres casadas iam para a cozinha, para o quintal, ou para o terreiro do fundo da casa, lá elas recebiam um prato com bolo e bolacha e dependendo da casa, também havia sequilho nesse prato, lá elas pegavam seu café que era feito ali na cozinha e faziam seu lanche. Era costume nas casas da zona rural essas mulheres receberem outro prato com os mesmos itens para levar para casa.

Enquanto isso o dono da casa começava a convidar os homens para tomar o café na sala de jantar, começava pelos mais velhos. Esses homens passavam pela sala do santo e chegavam na sala de jantar para tomar o café. Lá encontravam uma mesa, geralmente com dois bules, sendo um de café e outro de chá, dois pratos com bolo, bolacha e sequilho se tivesse, e várias xícaras distribuídas na mesa (Figura 22).

Figura 22: Café do santo ao modelo mais antigo



Fonte: Registro da autora (2020)

Em seguida começava a convidar as mulheres que não foram para a cozinha, pois geralmente só iam para a cozinha as mulheres mais velhas e casadas. Seguiu a mesma trajetória feita anteriormente pelos homens. E por último era convidado as crianças, que seguiam a mesma trajetória.

Na conversa que tive com Osvaldo, ele falou que achava isso essencial, pois como era de costume os homens não entrarem para rezar, as vezes muitos jovens e crianças também não entravam. Mas no final da reza, eles tinham que pelo menos passar pela sala do santo, o lugar do sagrado, onde a maioria dos que passavam se benziavam, demonstrando respeito por aquele lugar. Quer dizer, embora não tenham participado do momento de oração diretamente na sala do santo, mas por um curto momento eles tiveram contato com o lugar do sagrado.

O café não é uma obrigação, é uma cultura, algumas famílias acham que não podem deixar de servir o café no dia da Renovação, pois isso desconfigura o sentido de Renovação. Esse é um momento de partilha abençoado por Deus, é um costume que tem um significado muito forte, não é o valor principal da celebração, mas certamente a mão de Deus age naquele alimento servido.

Conversando com outra pessoa sobre o assunto, a dona Marina (11/01/2021) ela relatou que a sogra dela ao falecer, a filha deu continuidade a rezar a Renovação

ao SCJ. Porém, no primeiro ano que assumiu o compromisso serviu refrigerante ao invés de café e quando foi à noite ela sonhou com a mãe dizendo que a Renovação tinha ficado nula. No sonho a filha questionava o porquê, pois havia rezado a Renovação ao SCJ como ela havia prometido. E a mãe dizia que ela tinha dado refrigerante ao invés de café. A filha com a consciência pesada, rezou novamente a Renovação SCJ e ofereceu café. Desde então nunca mais ofereceu refrigerante no dia da Renovação. Com essa narrativa podemos perceber como essa crença está enraizada na memória de muitas pessoas ao fato de chegar a sonhar com os mortos cobrando a manutenção da tradição.

Hoje muitas famílias ainda servem o café e o chá. No caso do senhor Rúbio (13/01/2021), outro entrevistado, ele mantém a tradição de servir o café e o chá no intuito de servir uma bebida mais saudável, ele serve essas bebidas na Renovação da casa dele com o intuito de incentivar a filha que ainda é criança a não tomar refrigerante.

Mesmo diante de tanta modernização e de uma diversidade de bebidas e lanches oferecidos após a reza, ainda é comum ouvir a expressão: “tomar o café do santo” é assim que as famílias costumam convidar as outras na zona rural, e que as rezadeiras ainda utilizam ao terminar de rezar a Renovação até os dias atuais.

O café do Santo seria o alimento corporal necessário para aquelas pessoas que se disponibilizaram de estarem ali presentes naquele momento reunida com aquela família para rezar. O alimento espiritual é distribuído durante o rito da reza da Renovação, e o alimento emocional, o sujeito encontra naquele abraço ou no acolhimento da família ao chegar ao local.

### **3.6. Renovação ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria**

Embora atualmente haja mudanças na apresentação do rito, duas das orações permanecem a mesma, alterando apenas a Consagração ao Imaculado Coração de Maria. Esta alteração estar muito relacionada com o perfil da rezadeira ou rezador. Geralmente a celebração do modo mais tradicional acontece da seguinte maneira.

Os donos da casa convidam as pessoas para a primeira Renovação que é chamada de “Entronização”. Há uma tradição que esse convite só precisa ser feito no primeiro ano, pois os demais anos você já está automaticamente convidado. No dia e hora marcada as pessoas começam a chegar pouco antes do horário determinado,



ficam por ali a conversar até os donos da casa acenderem as velas que estão no castiçal em cima da mesa do santo e convidarem todos os presentes para se reunirem na sala do santo para iniciar a reza.

Geralmente as mulheres seguem para a sala para rezar, enquanto os homens permanecem onde estão, muitas vezes continuam a conversar. O rezador ou rezadeira dá início ao ritual fazendo o sinal da cruz e logo em seguida a invocação ao Divino Espírito Santo<sup>7</sup>, que pode ser rezada ou cantada. Mas, geralmente essa invocação ao divino espírito santo é feita através do bendito a nós desceis, que é o ápice da Renovação.

Nesse momento soltava-se fogos lá fora para avisar que a reza já começou, essa tradição de soltar fogos ainda hoje é muito presente na zona rural e em algumas casas na zona urbana. Ao término do cântico é feita a profissão de fé, rezando o creio em Deus pai. Em seguida é feita a primeira oração da fórmula original que é o **Ato de Consagração** conforme ritual escrito no livreto da Consagração Solene do Lar (SÓTHER, 11ª ED.).

A Consagração ao Imaculado Coração de Maria está diretamente ligada ao perfil do rezador ou rezadeira, pois cada um faz essa oração de maneira diferente. Por se tratar de uma oração longa e antiga onde eles acabam rezando sozinhos, muitos rezadores e rezadeiras optam pela oração da Consagração a nossa Senhora.

Quando nessa ocasião é celebrada a Entronização, a esposa pega o quadro com a imagem do Sagrado Coração de Jesus que está em cima da mesa do santo e entrega para o esposo para que ele a coloque no lugar de honra e destaque, que é no alto da parede da sala principal da casa, a sala do santo onde todos estão reunidos para aquela celebração. Antigamente o casal se punha de joelhos e recitavam juntos com a rezadeira a oração.

Após o ritual das orações bases, faz-se as invocações finais onde geralmente são rezados os pais nossos e ave Marias em determinadas intenções, como por exemplo, pelos mortos e falecidos da família, pela paz no mundo e outras intenções que ficam a critério do rezador/rezadeira e dos donos da casa.

---

<sup>7</sup> Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso Amor. Enviai senhor o Vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.  
Oremos: Ó Deus que instruíste os corações dos vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre de sua consolação. Por Cristo Senhor Nosso. Amém

Terminado esse momento dar-se início aos cânticos que na região é conhecido como benditos. Nos rituais mais antigos, tinham as mulheres que acompanhavam as rezadeiras para cantar, essas mulheres eram chamadas de “cantoras de Renovação.”

Costuma-se até hoje cantar no final das orações um bendito dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, outro ao Imaculado Coração de Maria, um ao padre Cicero e um bendito de benção final. Salientando que a escolha fica a cargo da pessoa que está presidindo a Renovação e em alguns casos, atendendo a pedido dos donos da casa. Durante a pesquisa não encontrei nenhum livreto com esses cânticos de Renovação específico, por isso anexei alguns desses benditos nos anexos deste trabalho.

Vale lembrar que a muito tempo atrás, principalmente na zona rural era de costume esses benditos serem acompanhados pelas bandas cabaçais<sup>8</sup>. Era também nesse momento do rito da Renovação que acontecia o último ritual da solta de fogos.

Após o último cântico dar-se os vivas ao SCJ, ao Imaculado Coração de Maria e a rezadeira vai falando os demais santos que estão presentes em forma de imagens ali na parede ou em cima da mesa do santo. Se no dia da Renovação for data comemorativa de aniversário, por último, canta-se os parabéns. Após encerramento da reza começa a servir o chamado café do santo.

Ao observarmos o rito da Renovação, a fórmula sagrada da Renovação ao SCJ podemos perceber que se trata de uma conversa da família com Jesus, pois a todo momento ele é chamado para cuidar daquele lar, daquela família, acrescentou a rezadeira de Renovação dona Nely:

Ora estamos pedindo, ora estamos agradecendo, ora Jesus está falando conosco (DONA NELY, 12/12/2020).

Ela ressaltou ainda que sempre pede para que a assembleia preste atenção na leitura da oração para entender o diálogo de Jesus com o povo. Veja esse trecho da oração da Renovação, ressaltou ela:

Dignai-vos visitar esta mansão senhor Jesus em companhia de tua doce mãe e cumule seus ditosos habitantes com as graças prometidas as famílias especialmente consagradas ao teu divino coração...Fica nítido nele que a família pede que o senhor visite o seu lar na companhia da sua mãe e que

---

<sup>8</sup> A banda cabaçal é o agrupamento musical característico e emblemático, é um dos mais importantes da cultura musical tradicional rústica do Cariri cearense. É um conjunto musical instrumental, em geral, é formado por quatro músicos, que tocam instrumentos de sopro (pífanos) e percussão (zabumba, caixa e, por vezes pratos). Esses instrumentistas também podem ser dançarinos. Geralmente é formado por pessoas da mesma família e costumam se apresentar em novenas, procissões, renovações etc.

traga as graças prometidas a todas as famílias ali presentes especialmente aquelas que já consagraram o SCJ (DONA NELLY, 12/12/2020).

Em outro trecho:

Abençoa pois os presentes, abençoa também os que por vontade do céu, arrebatou a morte, abençoa Jesus os ausentes, estabelece nesta casa que de hoje em diante é toda tua... Durante esse trecho da oração reza-se por todas as pessoas ao mesmo tempo que pede que Jesus fixe morada naquela casa a partir daquele dia (DONA NELLY, 12/12/2020).

Nesse outro:

Fica conosco porque anoitece, o dia perverso quer nos envolver as trevas de suas criminosas negações... Jesus pede para que ao anoitecer a família esteja com ele, para que fuja da maldade do mundo (DONA NELLY, 12/12/2020).

E assim segue toda a leitura da oração da Renovação. Sempre essa conversa entre o devoto e o sagrado, a assembleia é sempre chamada a fazer uma reflexão onde muitos trechos remetem a leitura da bíblia. Por isso é interessante que cada sujeito presente na solenidade preste atenção na leitura e faça a interpretação da oração lida. Nesse último trecho apresentado, ela nos chama a atenção sobre o compromisso do devoto com sua tradição religiosa:

Pela recepção frequente da divina eucaristia... Jesus pede que o devoto vá sempre à igreja e comungar. (DONA NELLY, 12/12/2020).

Finalizo esse tópico com a visão de Frei Barbosa sobre a Renovação ao SCJ.

A Renovação é uma ação devocional muito rica pois ela reúne várias famílias em torno daquela celebração onde se faz a consagração e também se lê a palavra de Deus e faz uma reflexão. Eu digo que a Renovação se torna um momento devocional muito importante que é congregar as famílias e os amigos. Tem Renovação que se pode contar uma média de cem pessoas amigos da família, parentes... inclusive tem Renovação que o dono da casa nem convida, mas já sabe que tem aquela data que fazem, muita gente vai. É uma celebração muito bonita onde a gente se encontra sobretudo com a palavra de Deus e faz uma confraternização.

### **3.7. Um momento de prosa - narrativas pessoais das rezadeiras e rezadores**

*Tudo em mim é a tendência para ser a seguir outra coisa; uma impaciência da alma consigo mesma, como uma criança inoportuna; um desassossego sempre crescente e sempre igual. Tudo me interessa e nada me prende (Fernando Pessoa. 2019. Livro do Desassossego, p. 55/56).*

Cada rezador ou rezadeira tem uma história, uma trajetória diferente até se tornarem de fato esse símbolo essencial do rito da Renovação. “Cada depoimento é único e fascinante em sua singularidade e potencialidade de revelar emoções e identidades” (DELGADO, 2006, p. 31). Todos eles, sejam os mais novos ou os mais velhos contaram seus relatos pessoais, suas experiências emocionantes, sua trajetória de vida que os conduziram a assumir esse papel.

Não existe Renovação sem o rezador ou sem a rezadeira, alguém precisa assumir esse papel durante o rito. A pessoa pode não ser de fato assumidamente rezador ou rezadeira, não ter na sua rotina esse ofício, isso não quer dizer que não possa conduzir a celebração em algumas circunstâncias e tornar-se rezador ou rezadeira por um determinado momento temporário. Eu mesmo assumi esse papel por duas vezes durante a pesquisa de campo. A reza é o ritual final da Renovação, e este momento é assumido por um indivíduo para que de fato o rito da Renovação seja concluído.

A trajetória e experiência pessoal vivida por cada um dos sujeitos fazem parte do acervo pessoal e cultural que cada um carrega impregnado nas suas ações, quero dizer, na maneira ou forma como cada um conduz o rito da reza na Renovação. Esta manifestação está interligada de maneira muito forte com os seus antepassados uma vez que tempo, memória, espaço e história são inseparáveis.

Assim sendo, o olhar do homem no tempo e através do tempo traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem sua visão e representação das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcam sua própria história. As análises sobre o passado estão sempre influenciadas pela marca da temporalidade (DELGADO, 2006, p. 34).

Portanto, trata-se de um encontro da história vivida, com a história pesquisada, estudada e analisada nas suas diversas temporalidades, essa história que aqui será narrada por cada um deles.

Embora ao longo do tempo o rito da reza tenha sofrido algumas alterações e adaptações devido ao processo de modernização vivido pela sociedade, mesmo assim cada rezador ou rezadeira tem consigo uma maneira única de conduzir o momento, muitos deles preservam o passo-a-passo conforme o surgimento da tradição, outros não, foram adeptas as modificações. Sendo assim, cada celebração torna-se muito particular e identitária com quem celebra.

Escutar e analisar as razões pelas quais cada um dos rezadores foi sendo chamado a assumir essa missão, torna-se importante para a pesquisa, à medida que

foi possível compreender através das falas, a imensidão da fé ao Sagrado Coração de Jesus que cada um carrega consigo. Assim como também a manutenção do dom atribuído a cada um deles. “As coisas de Deus não se explicam”, acrescentou a rezadeira Paulinha (18/01/2021), quando me respondeu o motivo pelo qual ela se tornou rezadeira de Renovação.

Entre os rezadores e rezadeiras de Renovação pode até existir semelhanças, na maneira de conduzir o rito, porém essas semelhanças são espacializadas, possibilitando assim as trocas simbólicas e culturais, uma vez que essas relações são dotadas de sentidos e significados únicos com as pessoas e o lugar, permitindo assim vivências e emoções singulares a cada um.

Os rezadores e rezadeiras são partes integrantes do fenômeno estudado, são elementos essenciais no rito da reza da Renovação. A relação de cada um com o espaço vivenciado é de proximidade e intimidade tanto com o sagrado como também com a família celebrante, uma vez que geralmente é mantida a tradição da reza ser presidida todos os anos pela mesma pessoa. Isso aumenta a cada ano o sentimento de afetividade e proximidade com a família. Somente em casos excepcionais é trocado o celebrante da Renovação.

Cada celebração da Renovação está muito ligada ao perfil do rezador ou rezadeira assim como também ao perfil da família, vai desde a maneira como se apresenta o ritual até a ornamentação da sala do santo. Cada celebração traz traços intrínsecos característicos dos perfis do rezador ou rezadeira ao estilo de Renovação seguido.

Nesta parte irei apresentar as narrativas de três pessoas com idades e perfis diferentes de rezar a Renovação. O primeiro foi o jovem Gabriel de 23 anos que faz parte do grupo de jovens da paróquia do Sagrado Coração de Jesus – Salesiano. Ele desenvolve o trabalho de evangelização indo nas casas rezar Renovação há aproximadamente uns 10 anos. Quando perguntei como ele iniciou a vida de rezador de Renovação ele respondeu:

Eu venho de uma família tradicional católica, minha bisavó era daqui de dentro da igreja, era agente de pastoral, e como de tradição em toda a casa católica de Juazeiro se tem a celebração da Renovação e na casa dela também se tinha, a propósito foi até mês passado no mês de novembro, ela já faleceu mas a gente continua fazendo, e daí eu vendo a pessoa que rezava a Renovação que é minha madrinha, fui aprendendo, fui tomando gosto, e a partir da casa dela, comecei a rezar Renovação na casa dela, na casa da minha bisavó. Daí foram aparecendo as outras pessoas pedindo, porque as rezadeiras são pessoas idosas, aí vai acontecendo de adoecer, de não poder

ir, e a tradição tem que continuar. Então foi a partir de casa que eu comecei a rezar Renovação na casa das outras pessoas também (GABRIEL, 19/12/2020).

Em meio a conversa perguntei para ele como foi rezar a primeira Renovação, se ele ainda lembrava das emoções vividas naquele momento, e ele com um sorriso no rosto, respondeu:

Foi um nervoso, mas como eu já tinha aquele costume de ver e tudo, foi tranquilo. Mas eu tenho uma pessoa conhecida minha que diz, que quando você for fazer alguma coisa que não der frio na barriga pare de fazer porque não tem mais graça não (GABRIEL, 19/12/2020).

Gabriel rezou a primeira Renovação da vida dele aos treze anos, perguntei se naquela época ele já sabia o que era Renovação, se ele já tinha um conceito formado sobre a celebração, e ele respondeu:

Sim, sim, sim. Como eu lhe disse eu fiz acompanhamento com minha madrinha e ela gostava muito de explicar quando ela vai rezar na casa da família o que é Renovação e tudo... e esse conceito foi bem criado na minha cabeça, teve a figura do padre Cícero que implantou essa tradição aqui no Juazeiro, mas a gente vê que toda a Renovação vem do próprio Coração de Jesus na sua aparição a Santa Margarida Maria, quando ele disse que quer ficar com a família, ele quer ser honrado na casa também, não só na igreja, mas principalmente no seio da família, e partir daí a família se organiza com os amigos, com os vizinhos... como a gente sabe como funciona, escolhe aquele dia e faz a Renovação. Então o conceito básico da Renovação é a família declarar e honrar a Jesus como rei daquela casa e daquela família. Declarar o senhorio de Jesus naquela casa (GABRIEL, 19/12/2020).

A celebração desse rito da reza, é na sua grande maioria uma ação muito matriarcal, uma vez que a maioria das pessoas que os conduz são mulheres, e as pessoas que se fazem presentes na sala do santo para acompanhar o ritual também geralmente são as mulheres. O Gabriel e outros poucos rezadores que existem, fazem parte dessa nova geração de rezadores de Renovação que aos poucos o homem vai ganhando espaço e se inserindo cada vez mais dentro desta celebração.

Perguntei para ele sobre o rito da Renovação, se o que era feito hoje era o mesmo de tempos atrás e ele respondeu:

Sim, sim, porque o livro que a gente tem os rezadores de Renovação, o livro são orações fixas, no caso o ato de consagração e a oração pela família. Que aonde você chegar qualquer rezador de Renovação tem que fazer essas duas orações. Agora tem um pequeno diferencial, tem um ritual que é mais antigo, aquele do tempo do padre Cícero quando ele instalou a Renovação aqui no Juazeiro, e o ritual mais atual. No caso só difere as palavras das orações, mas o sentido da oração é o mesmo, só que naquele tempo a linguagem de quase cem anos atrás era diferente de uma linguagem atualmente, daí foi passando o tempo e aprimoraram a Renovação numa linguagem mais fácil para os dias de hoje. Mas a síntese, o contexto das

orações não mudou de jeito nenhum, a fórmula não mudou. Como diz a expressão da multiplicação, a ordem dos fatores não altera o resultado, mudamos as palavras, mas a consagração, a síntese da consagração é a mesma (GABRIEL, 19/12/2020).

Gabriel embora jovem na idade, porém quando preside uma Renovação, reza ao modo mais tradicional, ele relatou:

Minha Renovação aonde quer que eu vá, minha Renovação começa com a nós desceis. Aí faço as orações, não faço a leitura do evangelho porque toda Renovação se nós olharmos as orações elas são tiradas de dentro do evangelho, então a palavra de Deus já está ali, já está ali dentro da Renovação, não tô dizendo que se a pessoa faz tá errado, não, a palavra de Deus deve ser proclamada onde quer que a gente vá. Mas se a pessoa quiser proclamar, muito bem, não tem problema, agora eu rezo da forma antiga. As orações, os cânticos antigos, os cânticos tradicionais da Renovação e aí eu sou um jovem que reza a Renovação do modo antigo (GABRIEL, 19/12/2020).

Acrescentou ainda que a Renovação precisa ser realizada do jeito que o padre Cícero deixou, se modificarmos, perde a essência de Renovação. Fortalecendo o sentido de essência Delgado (2006, p. 36) diz que “reconhecer a essência de um tempo é encontrar valores, culturas, modos de vida, representações, hábitos, enfim uma gama de variáveis que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas.

Perguntei para o Gabriel se ele chegasse em algum lugar para rezar a Renovação e os donos da casa pedissem para fazer a leitura do evangelho e cantar cânticos que não são tradicionais da Renovação qual seria sua posição? E ele respondeu:

Eu já cheguei numa casa, inclusive até aconteceu isso ano passado, que aí era uma pessoa que rezava e aí no dia ela não pôde. Ai a dona da casa disse: eu queria que você lesse o evangelho. Eu disse: pois não. Mas assim, a Renovação eu rezo do jeito que eu sempre rezo, porém a gente incorpora, eu não vou mudar o formato que eu faço, mas aí se a pessoa quiser incorporar o evangelho como a pessoa lá pediu, ou então cântico, eu faço. Semana passada mesmo eu rezei uma e quando terminei a mulher disse: eu queria que você cantasse isso daqui. Eu disse: não tem problema, a gente canta. E assim a gente vai. Agora eu não mudo a forma que eu rezo, eu acrescento alguma coisa quando a família pede (GABRIEL, 19/12/2020).

Sua maneira de rezar a Renovação será sempre o modelo mais antigo e tradicional por acreditar que a tradição precisa permanecer, a Renovação precisa ter uma característica marcante. As características são essenciais de um grupo que não se altera ao longo do tempo (FEITOSA, 2017).

Continuando a conversa perguntei se ele achava que rezar Renovação era um dom ou missão, e ele respondeu:

Eu acredito que seja uma missão, porque para você assumir a missão você tem que ter o dom, está interligado as duas coisas. Tem que ter aquele dom que é dado por Deus pra assumir a missão (GABRIEL, 19/12/2020).

Sua narrativa foi construída evidenciando alguns acontecimentos significativos, da sua trajetória de vida assim como também relacionando esses acontecimentos com o sagrado e aos espaços por ele vivenciado.

Seguindo com as narrativas dos rezadores entrevistei dona Gracinha, outra rezadeira de Renovação. Pedi para ela que me fizesse um relato da vida dela de rezadeira, como começou e sobre as experiências vividas. E então ela começou a sua narração:

Eu Maria das graças moro na praça do socorro, 167 no bairro do socorro em Juazeiro do Norte, terra do padre Cícero. Desde os meus sete anos de idade que eu comecei a rezar Renovações, ou seja, logo que comecei a ler e escrever. Aprendi a rezar com a minha mãe, que era afilhada do meu padim Ciço. Enfim, toda a minha família tem essa tradição de rezar Renovação todos os anos, e permanece até hoje. Rezo em muitas casas nos diversos bairros de Juazeiro, fora de Juazeiro, nas cidades vizinhas, nos sítios, povoados, nas casas de famílias ricas, elevadas, mas também nas casas de pessoas humildes. Como sempre, tem algumas histórias constrangedoras, que são aquelas experiências que eu já tive de rezar a Renovação na casa das pessoas onde o dono da casa está ali no caixão, é difícil, mas se reza. Rezamos, cantamos e louvamos ao Coração de Jesus, por ser uma ordem do padre Cícero, que mesmo que o dono da casa estivesse falecido, era para colocar o caixão e rezar a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus, isso eu já tive a experiência de fazer em várias casas, várias residências. Não se pode deixar é de rezar. É difícil, a família toda sofrida, mas o Coração de Jesus está ali pra renovar a fé, a esperança de que há ressurreição (DONA GRACINHA, 21/12/2020).

Continuamos a conversa e perguntei sobre o modo, maneira ou jeito que ela reza a Renovação:

Eu rezo Renovação do modo antigo, tradicional, inclusive quando eu chego nas casas para rezar a Renovação, sempre já tem ali um tapetinho pronto, um travesseiro ao pé da mesa do Santo, para que eu possa me ajoelhar e rezar. Até pouco tempo eu tive dificuldade de fazer esse tipo de Renovação ajoelhada, por conta de muitas dores, pois a idade já não me permite mais, mas eu faço sempre como posso. Os meus joelhos já têm calos, adquiridos ao longo do tempo de vida de rezar ajoelhada. Eu gosto de rezar a Renovação do Coração de Jesus de joelhos, essas marcas, são marcas de missões por rezar. Eu já perdi a conta de quantas Renovações eu já rezei, quantas Renovações celebradas com festas de casamento, quinze anos, batizado, aniversário do dono da casa, dos netos, dos bisnetos, enfim, surpresas inesperadas que quando eu chego eu tenho que improvisar, incluindo dentro da Renovação do Sagrado Coração de Jesus. Meu modo de rezar é o modo tradicional, mas se eu chegar na casa de alguém e eles pedirem para ler o



evangelho, como agora está tudo moderno, cantar cânticos da igreja que não são apropriados para a Renovação, eu atendo sim, eu faço aquilo que está sendo pedido. Mas eu informo que não é assim, que não é essa a maneira, o certo seria rezar como foi deixado pelo padre Cícero. São tradições novas, novas modificações, que não estão incluídas dentro da Renovação do Coração de Jesus. Eu tenho uma netinha aqui que ela fez doze anos, desde os nove anos que ela me acompanha nas Renovações, e eu venho orientando ela para que ela aprenda essa tradição, e que não quebre esse laço que para mim é tão importante (DONA GRACINHA, 21/12/2020).

Perguntei para ela o que a levou a decidir ser rezadeira, e ela respondeu:

Eu faço isso com todo amor, eu tenho um carinho muito especial pelo Coração de Jesus, é um amor de filha com o pai. Sempre que eu rezo eu faço questão de rezar olhando nos olhos do Coração de Jesus e do Coração Imaculado de Maria, para que cada palavra que seja recitada seja como se eu tivesse falando diretamente para eles, nesse momento o meu coração transborda de tanto amor, é como se fosse um momento único entre eu e eles. Eu não sei descrever em palavras, mas é um amor profundo, um sentimento muito inexplicável. Eu fico muito emocionada quando eu chego para rezar a Renovação do Coração de Jesus e vejo aquela mesa tão bem arrumada, tão linda, tão bem preparada, eu sinto que aquela família ali está fazendo tudo com muito amor. Mas também tem casas que eu chego encontro assim, um desprezo, aquela mesa com uma toalha quase nua, pequena, sem flores, uma vela e poucas pessoas da família. Mas em compensação tem casas que eu chego e a família está toda ali, se junta perto do altar, canta, bate palma, louva... Esse momento para mim é sublime, é o momento que eu sei que os corações estão elevados totalmente até o Coração de Jesus e o Coração Imaculado de Maria. É uma entrega, um agradecimento, rezar Renovação do Coração de Jesus a cada ano é agradecer para ele as graças recebidas, as dádivas que a família recebeu, as bênçãos, a saúde, enfim, é o momento único da família dizer que o Coração de Jesus é o dono da casa, nós não temos casa, nós somos inquilinos do Sagrado Coração de Jesus e do Coração Imaculado de Maria. As nossas casas, o dono é o Coração de Jesus, ele é quem reina, é quem manda, é quem governa os nossos passos, a nossa família. Sou uma pessoa apaixonada pelo Sagrado Coração de Jesus e pelo Imaculado Coração de Maria, eu amo rezar a Renovação do Sagrado Coração de Jesus, eu não meço palavras, eu não meço esforços, eu não olho nada. Eu enfrento chuva, sol, sereno, ladeira, estrada, becos, seja o que for, aonde for eu vou, e vou de coração cheio de amor, cheio de devoção. Essa é uma missão das mãos de minha mãe e até onde o Coração de Jesus me der força, coragem, sabedoria, discernimento, eu rezarei com muito amor e com muito carinho (DONA GRACINHA, 21/12/2020).

Esse relato de dona Gracinha quando diz que olha nas imagens expostas e desperta tais sentimentos que não consegue explicar com palavras nos remete a um pensamento do Cassirer, reforçado na fala de Gil filho que diz que as formas culturais não podem ser meramente descritas enquanto características físicas, pois sua manifestação é de ordem simbólica (GIL FILHO, 2012), essa simbologia marcante e profunda que é despertada por cada sujeito ao entrar em contato com as mesmas. Mircea Eliade (2001) também afirma que para você transcender basta apenas ouvir uma boa música, apaixonar-se ou rezar.

Enquanto ela falava, matinha os olhos fixos numa direção, eles tinham um brilho muito forte e as palavras saíam da sua boca suavemente com uma intensidade tão forte que não tive dúvida da sua fé ao Sagrado Coração de Jesus e do seu amor e orgulho do ofício de ser rezadeira, e mantenedora de uma tradição tão forte e identitária daquele povo.

Outra rezadeira que nos cedeu sua narrativa, foi dona Paulinha, 37 anos, rezadeira de Renovação há aproximadamente cinco anos. Perguntei para ela o que a levou seguir esse ofício de rezadeira e ela respondeu:

A gente começou celebrando apenas cantando, porque o pessoal sempre gosta de uma pessoa também para cantar os benditos. E certa vez, um dia o rezador não foi, teve um problema, e ela não foi. Eu cheguei e a família estava desesperada dizendo: e agora quem vai rezar? De tanto eu já ter visto, eu vi que era uma coisa simples, sabe a Renovação é um ritual muito simples, que isso já foi uma sabedoria do padre Cícero. Aí eu só li né, eu disse: não, eu faço, dá certo a gente fazer. Aí depois que eu fiz eu senti um chamado, foi um chamado mesmo que eu senti pra me aprofundar mais, querer entender de onde veio, de onde partiu, o porquê depois de tanto tempo ainda permanece tão viva essa fórmula, as pessoas ainda valorizam tanto, as pessoas têm um prazer tão grande em realizar. Pinta a casa, se prepara financeiramente o ano todo para aquele dia. E eu fiquei curiosa e comecei a perguntar, assim como você tá fazendo agora. Comecei a perguntar as rezadeiras antigas, a padres. E eu fui procurando assim como você, fui atrás de relatos de onde foi que surgiu, quando começou... (PAULINHA, 18/01/2021).

Daí ela relatou toda a história da devoção ao SCJ surgida desde santa Margarida Alacoque conforme já apresentei no início desse capítulo.

Um adendo que preciso fazer quanto a essa primeira fala de dona Paulinha é que ela começou a narrativa usando o pronome nós. Pois bem, ela usou esse pronome devido rezar as Renovações na companhia do seu esposo. Ela reza e canta enquanto ele a acompanha tocando um instrumento musical.

Dona Paulinha continuou a falar das Renovações, relatou que na sua busca por conhecimento e entendimento sobre as Renovações descobriu que:

O padre Cícero como era muito devoto do Sagrado Coração de Jesus, e uma das primeiras promessas do Sagrado Coração de Jesus é: a minha benção permanecerá sobre as casas em que se achar exposta e venerada a imagem do meu Sagrado Coração. Assim como a 11ª promessa onde ele fala: as pessoas que propagarem essa devoção terão seu nome inscrito para sempre no meu coração. Então o padre Cícero movido pelo Espírito Santo, ele realizou todas essas promessas, porque eu não sei nem se ele sabia, se ele entendia a que Deus o chamava quando ele implantou aqui no Juazeiro. Porque o que é que o padre Cícero fez, ele resumiu, ele tornou a Renovação simples, simples que eu digo no sentido de que ela é uma leitura que você faz regada pelo desejo de sermos homens e mulheres melhores a cada dia para agradar esse coração que é manso e humilde. Pra darmos a Deus na

nossa casa uma recepção pra ele se sentir bem-vindo, livre dentro do nosso ambiente, onde Deus realmente possa reinar. E o padre Cícero resumiu a Renovação em algo bem simples, que qualquer pessoa pode fazer. E ele começou a ensinar as famílias. O padre Cícero dizia: chame os amigos para participar. Isso é porque ele queria que os amigos vissem aquela prática e levasse também para sua casa, ele estava fazendo se cumprir a 11ª promessa, que era propagar, ensinar as pessoas. E a partir daí muitas coisas boas começaram a surgir (PAULINHA, 18/01/2021).

Perguntei para dona Paulinha como é a maneira, jeito, estilo que ela reza a Renovação.

Eu sempre início lendo as doze promessas, é um chamado, eu sinto isso. As rezadeiras mais antigas elas não rezam as promessas, mas eu senti essa necessidade até porque muitas pessoas não sabem o valor da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus. Antigamente celebrava-se muito por tradição, minha mãe, meu avô celebrava, então eu tenho que continuar. E sem mexer no que já havia, eu apenas acrescentei as promessas e intensifico muito o padre Cícero, mas o resto não muda mais nada. Quanto ao repertório de cânticos, quanto mais eu vejo um cântico mais antigo mais ele me fascina, porque eu não quero mexer nisso, nessa tradição do jeito que veio. Eu canto os cantos mais antigos, porque foi algo que foi sofrido para abrir esses caminhos, então tem que ser respeitado, para que não se mude, para quando for daqui a dez anos ela ainda permaneça como ela é, do jeitim que ela tá. O próprio ritual dela eu nunca mudo, eu canto a nós desceis... Tem casas que a gente reza já a cinco anos. Graças a Deus a gente escuta testemunhos, eu sempre peço as pessoas para fazerem um propósito diante de Deus, se quiser partilhar, partilhe. Eu sempre peço muito pela beatificação do padre Cícero porque ele é muito merecedor, fez muito, contribuiu muito para a nossa cidade de todas as formas. Ele é um santo, porque não há uma Renovação que a gente não cante um hino de louvor ao padre Cícero porque foi ele que abriu esses caminhos (PAULINHA, 18/01/2021).

Dona Paulinha reza a Renovação ao estilo mais contemporâneo, tem acompanhamento de equipamentos eletrônicos como microfone, caixa amplificadora, violão ou teclado, esse foi um investimento do casal para que tudo ficasse muito organizado e para que todos os presentes na celebração os escutem perfeitamente.

Eu sempre pergunto para o casal se eles querem fazer a acolhida inicial, acolher os convidados e agradecer antes da gente dar início. Quando eles não fazem eu faço em nome da família. Boa noite a todos em nome da família, quero agradecer a presença de todos aonde nós iremos mais uma vez testemunhar esse casal, renovar o seu amor e suas promessas ao Sagrado Coração de Jesus. Porque quem faz é a família a gente está ali para motivá-los, por que isso é um dom, motivar (PAULINHA, 18/01/2021).

Durante a celebração é feita a leitura do evangelho e até mesmo uma reflexão após a leitura. Quanto aos cânticos, ela procura cantar apenas os cânticos tradicionais de Renovação. Mas, se o casal pedir algum cântico da igreja ou até mesmo alguma música, tipo a de Roberto Carlos, ela atende a esses pedidos no final da celebração,

enquanto as pessoas se servem com o lanche que é oferecido, o chamado café do santo.

Ela ressaltou que antes de iniciar a celebração sempre fala do valor dessa tradição e da importância dos filhos e netos darem continuidade a celebração. Sendo assim, fica evidente que cada geração carrega a anterior através da memória, mas que muitas vezes não sabem o real sentido da Renovação. Portanto precisamos nos incumbirmos dessa responsabilidade diante de uma sociedade tão fluida, precisamos nos comprometer com a nossa identidade cultural.

No tempo presente, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade muitas vezes descartável das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade incontida, desenfreada, perderam-se as referências, diluíram-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber (DELGADO, 2006, p. 43).

É preciso renovar essa identidade, e certamente a memória é o melhor ponto de partida, pois funciona como detentora do tempo salvando a sociedade do esquecimento e da perda. Nos dias de hoje, embora toda a facilidade de acesso à informação, muitos ainda não sabem o verdadeiro sentido da Renovação. Dona Paulinha falou que cabe a ela e aos demais rezadores informá-los. E acrescentou:

Muitas pessoas até hoje ainda celebra a Renovação sem saber o bem maior, a preciosidade que é essa tradição, mas não é pelo fato de não saber que as boas obras vão deixar de acontecer (PAULINHA, 18/01/2021).

É papel da rezadeira motivar as famílias, incentivar a participar do momento da celebração. Antigamente muitas rezadeiras por falta de leitura e conhecimento rezava todas as orações do rito da Renovação, hoje, muitas rezadeiras fazem essa celebração de modo participante, onde solicita em diversos momentos do rito que a assembleia participe.

Antigamente muitas pessoas não sabiam ler nem escrever, rezavam a Renovação porque aprendia a decorar, nesse sentido as rezadeiras acabavam fazendo todo o ritual sozinhas. Hoje não, com o conhecimento, essas rezadeiras têm que incentivar as famílias a participar a fazer a Renovação (PAULINHA, 18/01/2021).

O rito da celebração é o ponto culminante da Renovação, por isso é importante explorar cada momento do início ao fim. Logo após a profissão de fé enquanto faz a invocação ao Divino Espírito Santo cantando, Paulinha convida um membro da família

para realizar o momento solene que é acender as velas o qual já descrevi anteriormente.

Embora conduza o momento ao modo mais contemporâneo solicitando que o casal reze a oração da família, convidando a assembleia a participar diretamente, fazendo preces espontâneas em determinado momento da Renovação, ela também não deixa de apresentar traços mais tradicionais, quando reza o ato de consagração ajoelhada ao pé da mesa do santo. Sendo assim, é perceptível esse tradicionalismo no novo, e o novo no tradicional.

Aos olhos de dona Paulinha, ela mantém a Renovação ao modo tradicional, apenas alguns arranjos físicos foram necessários serem acrescentado a celebração, mas isso não muda ou descaracteriza a tradição. Porém, a reza, a fórmula original é mantida do jeito mais tradicional, ela precisa se manter do jeito que foi plantada e iniciada pelo padre Cícero.

Ao passo que a conversa fluía, era perceptível em cada palavra e gesto enfático de dona Paulinha a obra realizada em sua vida devido sua fé e devoção.

Antes eu fazia parte da comunidade sal da terra, o interessante é que eu não via Renovação com esses olhos que eu vejo hoje. Eu achava que era algo de credence, uma devoção popular, eu não via como uma ação divina como eu vejo hoje (PAULINHA, 18/01/2021).

Ao todo entrevistei treze rezadeiras e quatro rezadores, na busca de compreender melhor como é rezada a Renovação, porém apresentei as narrativas somente de três entrevistad(o)as no intuito que possamos analisar e verificar as semelhanças existentes entre eles.

Os rezadores ou rezadeiras de Renovação são sujeitos importantíssimos dentro do rito da Renovação, uma vez que é atribuído a cada um deles a condução de um dos momentos mais sublimes da tradição que é o rito da reza. O momento sagrado, e ponto culminante do evento.

As narrativas são um acervo histórico muito privilegiado, embora muitas vezes desvalorizados por muitas ciências. Trabalhar a fenomenologia, a subjetividade é valorizar essas histórias, momentos, ações... com sensibilidade. É tentar desvendar, entender, compreender o momento em que o narrador (re) organiza sua história e cria laços de significados com os acontecimentos marcantes da sua trajetória, dando assim um sentido de existência e fortalecendo a sua identidade.

Essa percepção foi notória, tanto com os sujeitos mais novos, quanto com os sujeitos mais velhos, a sua trajetória de vida reforça a sua inserção e permanência no posto de rezador ou rezadeira de Renovação, evidenciando a sua identidade coletiva.

Os relatos aqui apresentados são pertinentes com o objetivo da pesquisa realizada, uma vez que o espaço vivenciado por esses sujeitos é construído a partir das suas ações e relações desenvolvidas com a paisagem e o lugar, assim como também com o ser simbólico. Evidenciando assim o sentido de geograficidade apresentado por Dardel (2015):

Privilegiar o sujeito, suas experiências e a forma como eles dão significado a essas experiências por meio da narrativa nos permite entender a diversidade dos significados humanos para dar conta do vivido, do experimentado e do representado (SILVA, 2019, p. 149).

Compreender essa (re)memoração de cada sujeito, nos permite perceber que a memória é crucial quando cruza o passado, o presente e o futuro na tentativa de (re)encontrarmos a nós mesmos e a nossa identidade. A nossa memória é o suporte que constrói e fortalece a nossa identidade, nos livrando do esquecimento e da perda.

Os conceitos e significados da memória são vários, pois a memória não se reduz ao ato de recordar. Revelam os fundamentos da existência, fazendo com que a experiência existencial, através da narrativa, integre-se ao cotidiano fornecendo-lhe significado e evitando, dessa forma, que a humanidade perca raízes, lastros e identidades (DELGADO, 2006, p. 38).

Neste caso reviver a trajetória de cada rezador foi importante para compreendermos os espaços vividos e percebidos por eles. Foi possível identificarmos os contrastes e semelhanças existentes, mas que fortalecem a identidade individual e coletiva daquele povo. Resgatar a memória é cruzar o passado, presente e futuro, temporalidades e espacialidades diferentes na tentativa de compreensão de um fato.

### **3.8. Renovação ao Sagrado Coração de Jesus como identidade cultural do povo juazeirense**

No contexto da Geografia Cultural, no que tange a contribuição de Paul Claval, a identidade, o território e a cultura norteiam debates sobre a importância da preservação da Identidade e da Cultura. Essa identidade é construída e (re)construída constantemente, através das trocas sociais e culturais de um povo. Portanto, a manifestação do sagrado enquanto cultura vai se firmando no tempo e espaço conforme a suas temporalidades e identificando cada uma das gerações.

É necessário entender os ritos e rituais como um momento da vida das sociedades profundamente ligadas às formas culturais e suas manifestações, por meio da linguagem e dos símbolos.

Os rituais “revelam os valores no seu nível mais profundo [...] os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Os movimentos, o canto e a música, os gestos, empregados nas situações rituais são sempre de natureza simbólica. Para entender a mensagem transmitida pelos rituais, é essencial conhecer os significados dos símbolos e dos signos (TURNER 1974, p. 18-19).

Pode-se dizer que os rituais estão presentes no cotidiano da vida em sociedade. O interesse centra-se na questão de como os valores são transmitidos para as gerações seguintes. Portanto, é importante verificar como os valores são expressos nos símbolos, nas histórias, nos mitos e nos rituais.

Sendo assim foi possível observar no cotidiano do povo juazeirense, através do ritual da Renovação ao SCJ essa relação profunda com o sagrado, transparecendo assim os valores individuais e coletivos daquela sociedade.

Nesse sentido, a geografia da religião nos oferece um importante elemento de análise interpretativa, uma vez que nos apresenta uma realidade material e imaterial vivida por aquele povo. O fenômeno acompanhado e observado mostrou que acima de tudo o sentido de Renovação está em reunir-se com a família e amigos em um determinado dia do ano para pedir e agradecer as bênçãos alcançadas, assim como também através do ritual, manter cultivado a fé no Sagrado Coração de Jesus. Segundo Turner:

Uma coisa é observar as pessoas executando gestos estilizados e cantando canções enigmáticas que fazem parte da prática dos rituais, e outra é tentar alcançar a adequada compreensão do que os movimentos e as palavras significam para elas (TURNER, 1974, p. 20).

Por conseguinte, cada sujeito entrevistado tentou relatar sobre sua relação de fé com o sagrado, das emoções sentidas ao vivenciar cada momento do ritual, uma vez que apenas eu observando os gestos não era possível compreender esse momento de entrega e de pertencimento vivido por cada um deles.

O processo de identificação cultural do sujeito, começa quando ele cria laços emocionais com o lugar, esse lugar que segundo Tuan (2018, p. 8), “é qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas”, ou quando se tem laços com o espaço que ele professa a sua fé, local em que ele transcende, lugar

onde ele cria e (re)cria o seu imaginário mítico, o que podemos chamar de territórios-santuários que segundo Bonnemaïson (2002) é um espaço de comunhão com um conjunto de signos e de valores. Portanto, a ideia de território fica associada a ideia de conservação cultural.

Haesbaert (2007) atribui ao conceito de território uma dimensão simbólica, onde o território é o espaço propício para construção de identidades por meio da territorialidade com o lugar. Essa territorialidade é a materialização da identidade no território, a identidade territorial, que se trata da cultura, a qual mantém a união de um grupo social que foi criado a partir das relações que ali se originam.

Existem alguns espaços que podemos chamá-los de espaços-territórios, estes são referências para a construção de uma identidade, e toda identidade de alguma maneira, serve para classificar, identificar o outro. Com isso percebermos que a maneira de se reconhecer a formação de uma identidade, pode ser através da marcação dela no território (BONNEMAISON, 2002, p. 126).

Sendo assim, existe um limite no espaço, que não é visível e nem demarcado, mas que identifica de maneira muito clara quem é que tem uma identidade e quem está do outro lado e tem outra identidade isso é notório através dos gestos, cânticos, linguagem verbal e corporal presentes no ritual da Renovação ao SCJ em Juazeiro do Norte-CE.

As questões culturais têm se tornado cada vez mais importante em meio a sociedade. A religião é um elemento específico enquanto processo de construção da própria sociedade. A festa do SCJ, Consagração ou Renovação ao SCJ como é chamado o evento em Juazeiro do Norte e regiões circunvizinhas, é um momento de sociabilidade entre as pessoas e o sagrado. O momento é propício aos encontros, sentimentos e emoções, regados por uma linguagem verbal e não verbal ao ser simbólico, o que proporciona o fortalecimento da identidade individual e coletiva.

Definir exatamente identidade é algo muito complexo dentro das ciências sociais, porém Hall explica:

O próprio conceito com o qual estamos lidando, "identidade", é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas (HALL, 2006, p. 8-9).



Baseado na descrição de Hall, podemos dizer que a religiosidade popular presente naquela região é apenas uma das vias pela qual podemos identificar a sociedade cariense, em especial o juazeirense, pelo fato de carregar fortes traços identitários religiosos que antecedem o surgimento do padre Cícero. Porém, é através da tradição da Renovação ao SCJ e da memória coletiva que aquela sociedade solidifica sua identidade.

Podemos, assim dizer, que isso mostra a importância desse rito como identidade local. Esse conceito de identidade tanto se refere a um “eu”, quanto a um “nós”. Ou seja: a identidade é ligada tanto à determinação dos traços singulares de um indivíduo, quanto à identificação de fatores que irmanam uma dada coletividade (NOGUEIRA, 2013).

A Renovação ao Sagrado Coração de Jesus, pode ser considerada o traço mais marcante da identidade coletiva do povo juazeirense, primeiro pelo fato de que essa identidade está relacionada a prática e devoção ao SCJ, especialmente por conta da figura do padre Cícero que foi o mentor de toda essa ação e devoção.

Outro fato é devido essa tradição ainda se manter viva, sendo repassada de pai para filho, embora o ritual tenha sofrido algumas modificações para se adequar ao atual momento, ele não perdeu o seu significado.

Estamos vivendo em um período de dissolução identitária provocado principalmente pelo processo de homogeneização da cultura, proporcionado pelo período de globalização, mesmo assim, as Renovações e a devoção ao SCJ deixada pelo padre Cícero, tem se permanecido forte, solidificando a cada dia uma identidade regional e local.

Nesse sentido, é provável que a Renovação ao SCJ possa continuar como marca identitária do lugar, uma vez que faz parte de uma tradição cultural. Sua prática está relacionada aos ensinamentos deixados pelo padre Cícero e associada a um conjunto de símbolos da igreja católica que fazem parte da construção de uma identidade de grupo. É justamente essa relação vivida pelo indivíduo, com a paisagem e o lugar que dá significado ou (re)significado aos elementos que a compõem, reforçando assim a sua cultura identitária, que pode ser coletiva ou individual.

Muitas pessoas, até mesmo não católicos, reconhecem a importância que a figura do padre Cícero detém no âmbito do processo de construção da identidade cultural do povo juazeirense, entendem essa prática como sendo uma tradição que dá identidade ao lugar e que deve ser preservada. Dessa forma, considera-se que a

identidade seja um conceito relacional, fruto de uma construção social, formada por diversas representações e significações híbridas, como um processo enunciativo resultante de várias vozes e histórias ressonantes (NOGUEIRA, 2013).

#### **4. ENTRE SERTÕES E RENOVAÇÕES, O ANTES O AGORA E O DEPOIS: O (RE)SIGNIFICAR DA RENOVAÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS NO CAMPO E NA CIDADE**

Ainda no período colonial, o sertão era considerado a porção de terra distante do litoral com pouca ocupação e baixo grau de desenvolvimento. Euclides da Cunha (2003) na sua obra “Os Sertões”, descreve essa região ainda sob cunho positivista, o qual relacionava o sertanejo a seca, aridez da terra, clima, e as precárias condições de vida enfrentadas pelo homem sertanejo, o qual ele atribui o adjetivo de “homem forte”.

O território do sertão nordestino no seu processo de colonização, sofreu grande influência do catolicismo português através das missões jesuíticas. A cultura religiosa, a partir dos seus ritos, paisagens e símbolos, retratam essa característica até os dias atuais, dando a essas coisas e lugares uma importância simbólica, fortalecedora da sua própria identidade.

O sertão explorado nessa pesquisa refere-se a cultura, onde nesse espaço geográfico destacam-se as manifestações de fé que se configuram como um traço marcante da identidade sertaneja. Essas manifestações, podem ser visualizadas e observadas tanto na individualidade, quanto no coletivo de maneira objetiva e subjetiva, por meio da linguagem verbal e não verbal.

O sertanejo em sua “conhecida e forte religiosidade, aqui compreendida como a condição humana de ser religioso” (GIL & GIL FILHO, 2001, p. 51), se fixa no espaço e estabelece relações de experiências, atribuindo àquele espaço a marca da sua geograficidade, com o lugar, paisagem e cultura.

O povo sertanejo tem seu imaginário alicerçado por figuras místico-míticas que exercem forte influência na formação social e cultural desse povo. Seja de maneira individual ou coletiva a essência do sertanejo é muito expressiva, “o mito só faz sentido quando nos abrimos sinceramente para ele e deixamos que nos transforme. Se nos mantemos distantes, ele permanece obscuro, incompreensível e até mesmo ridículo” (ARMSTRONG, 2011, p. 26). Por isso é preciso nos permitirmos, entregarmos e adentrarmos a esse pensamento para que possamos compreender o comportamento religioso do sertanejo nordestino.

Esse mito surgiu como resposta, como consolo, afirmação da fé para uma grande massa. Eles “são relatos plenos do sentido profundo de um povo ou uma

cultura sobre os poderes que dominam a vida humana e as relações que tais poderes estabelecem conosco” (PONTES, 2014, p. 8). Os mitos podem estar simbolizados através de objetos materiais, ícones ou ideias que representam algo imaterial. É preciso crer no mito, caso contrário, ele permanece abstrato e inacreditável.

A religiosidade é uma questão muito complexa e requer esforço e compreensão por parte do geógrafo quando analisa o fenômeno, afirma Rosendahl (2018). O fenômeno deve ser analisado como sendo uma dinâmica (re)criadora da dimensão espacial do sagrado, e não apenas como sendo mais um aspecto da paisagem, uma vez que segundo Durkheim (2011) as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas, sendo assim, entendemos a religião como sendo um fato eminentemente social.

Andar pelos Sertões, observar a paisagem de cada casa visitada, conversar com as pessoas, me proporcionou intensificar o conhecimento sobre a identidade cultural religiosa do sertanejo. Assim como também aprofundar o conhecimento sobre a prática e devoção ao SCJ através do rito da Renovações a ele dedicado. Cada casa visitada, cada pessoa entrevistada, era possível perceber o entrelaçamento da manifestação do sagrado com o mundo imaginário que cada um carrega dentro de si.

#### **4.1. O ritual da Renovação no campo e na cidade**

Em tempos passado, no campo se tinha poucas oportunidades de entretenimento, lazer e encontros sociais, por isso as festas religiosas eram o momento propício para esses encontros, por esse motivo, essas festas contavam com uma grande participação dos moradores.

Era nos dias de Renovação que a família e os vizinhos se encontravam para rezar e partilhar. Era dentro deste contexto festivo religioso que cada vez mais havia a contribuição no processo de fortalecimento da identidade individual e coletiva, mediado pelo processo contínuo de construção e modificação dos saberes associados ao movimento do tempo e à troca de conhecimento ocorrida no convívio com o grupo (DUARTE, ELLIOTT, SANTOS, 2019).

Desde a minha infância eu já percebia a diferença existente na apresentação da Renovação no meio rural e urbano. Era comum no sítio, essa preparação da Renovação começar meses antes da data principal, quando a família já ia separando o dinheiro e até mesmo comprando os alimentos e objetos a serem utilizados no dia da festa. Essa preparação se intensificava na semana que antecedia o evento.

Lembro-me com muita saudade que as vésperas da Renovação íamos para as casas de alguns vizinhos do bairro ou dos parentes para ajudarmos na preparação dos bolos. Eram bolos de puba e de milho e também os sequilhos, tudo era feito de maneira artesanal, assados no forno a lenha. Íamos ajudar a depenar as galinhas, tratar e temperar para serem cozidas e servidas no dia seguinte. Era comum temperar na véspera as carnes que iam ser servidas no dia Renovação.

Esse trabalho era exclusivamente das mulheres, umas ajudavam na preparação das comidas, enquanto outras, varriam os terreiros (espaço que rodeia a casa) e as demais ajudavam na limpeza e organização da casa, espanando (tirando todo o pó) lavando toda a casa, assim como também limpando todos os móveis e utensílios.

A louça e as panelas do armário ou bateria como é chamado o suporte para guardar panelas (Figura 23). Eram todas lavadas, principalmente aquelas que eram exclusivas de usar no dia da Renovação. Era tradição existir objetos que só eram usados no dia da Renovação, por isso, era de costume acrescentarmos esse complemento “do santo”, como por exemplo, xícara, bule, toalha...

Figura 23: Bateria para guardar panelas



Fonte: Registro da autora (2021)

O dia de Renovação no sítio era um dia esperado com muita ansiedade, era dia de festa, família e amigos se reuniam. Na maioria das vezes quase toda a família e amigos próximos estavam presentes no evento, isso era possível porque grande parte deles viviam do trabalho da roça, então se permitiam estar presente no dia da Renovação para partilhar. Aqueles que não trabalhavam na roça, mesmo no final da tarde tinha o compromisso de ir jantar e já ficavam para a reza e café do santo.

A festa começava logo cedo, o trabalho para as mulheres era cansativo e exaustivo, pois eram praticamente elas que desenvolviam todos os afazeres para que todos os rituais se concretizassem. Todas as pessoas que eu entrevistei narraram que a tarefa diária era cansativa, porém ao final do dia estão cheios de satisfação, por mais um ano terem realizado a Renovação ao SCJ com êxito, que Jesus certamente estava feliz e contente com aquilo, pois tudo foi feito para agradar o convidado principal. O Sagrado Coração de Jesus.

Infelizmente, o meu estudo de campo se deu durante o período de isolamento social sofrido pela pandemia da covid-19 que ainda hoje assola o mundo. Por esse motivo, não tive a oportunidade de acompanhar nenhuma Renovação na zona rural. Ainda hoje muitas famílias seguem o modelo mais tradicional de fazer almoço ou jantar, rezar a noite e também servir o tradicional café do santo após a celebração.

As Renovações durante o período da pandemia ganharam uma nova apresentação do ritual que irei falar logo adiante. Apesar de não ter ido a zona rural presenciar o momento da Renovação ao SCJ, conversei com algumas pessoas residentes na área rural que me relataram com detalhes como os rituais acontecem nos dias de hoje.

Embora tenha passado por muitas modificações no decorrer do tempo atrelado ao modo de vida urbano, mesmo assim o ritual ainda carrega muitos traços originários do modelo rural apresentado inicialmente. Hoje a maioria das famílias ainda servem o almoço ou jantar, porém a tradição de fazer os bolos e sequilhos quase não existe mais, com a introdução de produtos alimentares industrializados, quebrou um pouco essa riqueza da culinária artesanal.

Algumas famílias ainda mantêm essa tradição, porém, a grande maioria compra o refrigerante, o bolo, o sequilho, a bolacha, tudo industrializado. Uma vez que já existe na cidade alguns comércios destinados a esse tipo de serviço, que oferecem um kit Renovação com bolos e salgados. Sendo assim, essa culinária típica de sabores exclusivos da Renovação ao SCJ sofreu esse impacto de transformação, deixando de ser aquela culinária artesanal e passando a atender a uma sociedade industrial, na lógica da mercadoria, que se apropria dos valores e símbolos dos lugares.

A tradição de soltar fogos na Renovação é outra coisa que se perdeu no tempo, somente as famílias mais antigas ainda mantêm essa tradição. Embora as famílias mais recentes tenham mantido a tradição de rezar a Renovação na zona rural, essa

celebração hoje acontece com um estilo urbanizado, sem fogos, sem almoço ou jantar, sem acompanhamento das bandas cabaçais, esse grupo que tocava durante todo o dia na casa que ia celebrar a Renovação e a noite acompanhava a rezadeira na hora dos benditos.

Segundo os mais velhos, a reza da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus, deveria acontecer sempre à noite, conforme foi deixada pelo padre Cícero, por esse motivo, as famílias mais tradicionais permanecem cumprindo esse horário. Porém, gradativamente, as celebrações vão deixando de ser realizadas à noite e vem sendo feita durante o dia, isso envolve diversos motivos, como a questão de segurança, para voltar para casa, principalmente as pessoas que moram no sítio e precisam percorrer longas distancias a pé por caminhos desertos para retornar à suas casas, esse retorno é mais seguro quando realizado à luz do dia.

Na cidade, esse encontro de amigos e familiares que se dá na Renovação apresenta-se bem mais reduzido pelo fato de a cidade oferecer outros encontros sociais. Porém, a cidade apresenta semelhanças com a celebração realizada no campo, segue-se à risca o rito da reza e o lanche oferecido logo após a celebração.

Foi na cidade que houve a troca do café para o aluá e posteriormente para o refrigerante, mais precisamente para a cajuína são Geraldo. Foi também na cidade que começaram a servir outros tipos de bolacha e não mais aquela bolacha água e sal que os devotos dizem ter sido recomendada pelo padre Cícero. Assim como também, agregaram ao lanche outros tipos de doces e salgados além da bolacha ou biscoito, bolos e sequilhos.

Desde criança quando eu ia para a Renovação em algumas casas da zona urbana, geralmente aquelas onde os donos tinham um poder aquisitivo maior era comum ter no lanche oferecido após a reza, o refrigerante de caju São Geraldo, mais conhecido na região como “cajuína” (Figura 24). Embora tenhamos hoje uma diversidade de tantas outras marcas de refrigerante no mercado, a cajuína ainda é a bebida mais presente em quase todas as Renovações. Percebi isso ao acompanhar algumas Renovações durante o meu estudo de campo.

Figura 24: O refrigerante cajuína durante a partilha



Fonte: Registro da autora (2020)

Conversando com algumas famílias, eles não sabiam dizer por que hoje a cajuína se faz tão presente no ritual da Renovação, assim como também em qualquer outro momento festivo. No evento não pode faltar o café que foi deixado pelo padre Cicero, mas se a família optar por oferecer refrigerante a cajuína sempre estará presente.

Diante dessa inquietude, querendo entender a participação da cajuína no ritual da Renovação fui até a fábrica que está localizada em Juazeiro do Norte e conversei com a gerente administrativa, dona Terezinha que é sobrinha dos fundadores da empresa, ela relatou que a sua família em grande maioria, católicos, inclusive os tios que fundaram a empresa, na década de 1950. Quando resolveram fazer o seu primeiro marketing em 1976, e tendo naquela época a Renovação como um dos maiores encontros sociais realizados, ofereceram para as famílias que iam celebrar a Renovação por tempo indeterminado a doação de uma grade de cajuína, composta por 24 garrafas de vidro de 600 ml do produto.

A campanha se deu da seguinte maneira: a família ia até a fábrica, fazia um cadastro, no dia da Renovação levava para a fábrica os vasilhames vazios e trocava por vasilhames cheios para servir junto com o café, o chá e o aluá, após a reza. Como o aluá era uma bebida produzida artesanalmente e requeria muito trabalho, aos



poucos essa bebida foi sendo substituída pela cajuína e assim esse refrigerante foi sendo introduzido no ritual da Renovação e hoje chega a ser visto por alguns devotos como um dos elementos sacros do ritual comparando-se ao café.

Essa campanha ficou vigente até o ano de 2002 quando o tio de dona Terezinha, ainda era vivo. Até o ano de 2019 as famílias ainda vivas, que tinham feito o cadastro enquanto a campanha era válida, ainda retiraram a sua grade de refrigerante para servir na Renovação.

A tradição e devoção ao SCJ no que se refere a fé, é a mesma tanto no campo como na cidade, mudando apenas alguns costumes que difere as duas maneiras de apresentação. Na cidade há algumas exceções que são as famílias vindas do campo e fixaram moradia na cidade, essas famílias não perderam o costume rural e costumam celebrar até hoje o ritual com grande semelhança do costume do rural.

#### **4.2. A Renovação vista pela igreja católica e suas ações para a manutenção da tradição**

Ao que consta na literatura, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus vem da Europa (França), e não fazia parte do Catolicismo popular brasileiro. Foi no período da chamada "Romanização", que essa devoção foi introduzida no Brasil e fundou-se o "Apostolado da Oração". A consagração das famílias ao Sagrado Coração de Jesus e sua "Entronização" eram rituais realizados sobre a responsabilidade de um sacerdote, desde a benção da imagem do Sagrado Coração de Jesus, até a Entronização no lar. Assim, a igreja retirava qualquer autoridade dos leigos, diminuindo cada dia a sua participação. O intuito era enfraquecer a manifestação de fé popular que crescia naquele período e era disseminada principalmente pelos leigos. Com essa ação, a igreja trazia a autoridade religiosa para a mão do clero.

A Renovação ou Consagração ao SCJ, tão presente no Juazeiro, foi ensinada pelo padre Cícero, foi uma forma do Padrinho devolver aos leigos (rezadores e rezadeiras) a responsabilidade própria do Catolicismo popular. Esse catolicismo interligado a religiosidade popular que é uma riqueza da cultura nordestina, e a continuidade da cultura popular sertaneja.

Podemos dizer até hoje que a Renovação é uma liturgia doméstica ou seja uma celebração feita totalmente pelos leigos e que ganhou espaço no Cariri cearense, mais precisamente em Juazeiro do Norte, onde se mantém viva até hoje. O atual Bispo do Crato, Dom Gilberto (17/12/2020), que presidiu a diocese até o início de 2021, o qual

tive a oportunidade de conversar, me falou que ao chegar na região em 2016 tomou consciência de algumas "distorções" e recomendou aos padres a não presidirem a Renovação ao SCJ, mesmo se convidados pela família para participar da festa.

Ele relatou que orienta os padres que participem, porém não assumam a responsabilidade de presidir. Sendo assim, eles incentivam que os rezadores e rezadeiras continuem a presidir aquele momento da reza na Renovação, pois a igreja católica passa por um momento de clericalização muito grande e se não tiver atento a isso, as pessoas vão querer que os padres façam a Renovação, e isso é um trabalho de evangelização do leigo.

Na fala do bispo Dom Gilberto, maior autoridade eclesial católica de uma região, a visão da igreja quanto as Renovações é de valorização, de acolhimento e também de divulgação, no sentido de favorecer o crescimento dessa religiosidade.

Isso vem ao encontro daquilo que o Papa Francisco tem pedido: uma igreja em saída, uma igreja que começa na casa, uma igreja que é santuário familiar que é família doméstica, uma igreja que se inicia, portanto, na família (BISPO DOM GILBERTO, 17/12/2020).

O bispo ainda acrescentou que é perceptível que nos 32 municípios que compõe a diocese, há uma valorização e um acompanhamento, não só da devoção ao SCJ, mas também nas missas do dia 20 de todos os meses que é celebrada para recordar a vida do padre Cícero, reforçando assim o entendimento que cada vez mais o crescimento quantitativo e qualitativo em torno do testemunho e da figura do padre Cícero Romão Batista permanece vivo.

Em outro momento, em conversa com o Frei Barbosa, pároco da igreja de São Francisco de Assis e com o padre Cícero José, atual pároco da Basílica menor de Nossa Senhora das Dores, ambos reforçaram a fala do bispo Dom Gilberto no sentido de que a igreja tem incentivado os leigos a assumirem o compromisso de rezarem a Renovação ao SCJ, tornando assim essa ação laica. Quanto a isso o Frei Barbosa relatou:

Isso já está no coração do povo, agora o que a igreja às vezes, não quero que ela se omita, mas ela deseja que essa Renovação seja uma celebração feita pelo povo, o padre pode estar até presente mas é uma devoção bem leiga onde os leigos é quem assumem, que rezam, que cantam... embora aqui em Juazeiro seja bem diferente dos outros lugares, aqui as pessoas elas têm uma grande admiração pelo padre e elas querem que o padre estejam presentes em suas casas para que esta casa seja abençoada. Não querendo tirar essa dimensão de respeito ao padre, mas que a Renovação seja uma ação bem laical, que seja assumida pelos leigos. Às vezes alguns padres

assumem esta ação, mas o ideal é que seja feita pelo leigo. Padre pode até estar presente e dar uma bênção no final (FREI BARBOSA, 20/01/2021).

O padre Cicero José, afirma que a igreja procura acompanhar anualmente as rezadeiras de Renovação através de um encontro promovido pela igreja, com o objetivo geral de levar as famílias a estarem na oficina de oração. O encontro que se iniciou em 2019 tinha como um dos objetivos específicos o fortalecimento e a manutenção do verdadeiro sentido da Renovação ao SCJ deixada pelo padre Cicero.

Esse encontro, oferecido pela paróquia de Nossa Senhora das Dores, acontece geralmente no mês de março por ocasião da semana do padre Cicero. Após o encontro, as rezadeiras são certificadas, com a missão de assumir esse trabalho de ajudar as famílias a rezarem a Renovação SCJ. Esse certificado é assinado pelo representante dos santuários, no caso o padre Cicero José em parceria com a prefeitura de Juazeiro do Norte através da secretaria de turismo e romaria (Figura 24).

Figura 25: Certificado entregue para as rezadeiras



Fonte: Registro da autora (2021)

Outras Paróquias como a do Sagrado Coração de Jesus (Salesiano), a de São Francisco de Assis (franciscano), e a do Menino Jesus de Praga, ultimamente também promovem encontros com os rezadores e rezadeiras, organizados pelos grupos do apostolado da oração de cada paróquia, com o objetivo de capacitar e aperfeiçoar cada vez mais as rezadeiras e rezadores de Renovação a missão a qual foram chamadas. O intuito é de sempre manter viva e preservada a tradição da Renovação ao SCJ conforme era celebrada pelo padre Cícero. Devido a pandemia da covid-19, nos anos de 2020 e 2021 as paróquias não realizaram esse encontro.

Outra ação da igreja é de sempre lembrar para que as famílias não se distanciem do projeto original da Renovação, o projeto que o padre Cicero trouxe de Roma que é essa devoção ao SCJ por intermédio de santa Margarida Maria. E mesmo transformado em um acontecimento social a família não pode esquecer que aquele momento é de encontro da família com Deus.

Durante muito tempo a igreja católica Romana, ficou de fora de quais quer intervenção relacionada as práticas religiosas do catolicismo popular, principalmente no que tange ao padre Cicero Romão Batista, hoje ela aparece intervindo na celebração da Renovação ao SCJ, tomando o controle e capacitando as rezadeiras, de certa forma isso afasta ou melhor vai aos poucos excluindo algumas rezadeiras antigas que não sabem se quer ler, mas que decoravam as rezas e conduziam o momento da Renovação com responsabilidade e fé.

Aparentemente a visão da igreja católica é de aproximação não só com o santo do povo o padre Cicero Romão Batista, mas também de valorização e preservação dos costumes por ele deixado, ao passo que também começa a direcionar o ritual que durante muitos anos foi conduzido pelos leigos.

Ultimamente a igreja católica vem tomando novas posições a respeito do padre Cicero, isso se deu com a chegada do bispo Dom Fernando Panico a região do cariri cearense, onde ele desenvolveu uma força tarefa para rever a história do padre Cicero, essa revisão deu a igreja subsídios para que ela pudesse fazer uma nova ideia do padre, partindo da igreja regional, no caso a diocese do Crato para a igreja mundial.

Muito antes dessa ação do bispo já havia muitos padres que tinham todo o pensamento diferenciado em relação ao padre Cicero, que viam nos romeiros os ensinamentos e o legado do padre Cicero. Com isso ajudou a igreja a fazer uma revisão do padre Cicero, uma (re)leitura e conseqüentemente o novo pensamento que é o que acompanhamos hoje.

#### **4.3. Renovação contemporânea: resistindo ao tempo**

A sociedade do século XXI, vive em meio a constantes mudanças, políticas, sociais e econômicas. Essas mudanças, refletem nas tradições culturais e conseqüentemente na religião, enfim, na cultura. Quando nos referimos a contemporaneidade, podemos listar uma série de definições que traduzem o comportamento de uma sociedade atual. Porém, Isso não quer dizer que a

modernidade está em negar a tradição, mas em (re)significar a tradição ao modelo de vida a qual a sociedade passa no momento.

Sendo assim, a tradição da Renovação ao SCJ em Juazeiro do Norte, passou e passa por uma série de mudanças, porém, sem descaracterizar o sentido original de Renovação. Tais mudanças se fizeram necessárias para que o público fosse se encaixando dentro da tradição e acompanhando a modernização imposta por um mundo globalizado.

No que diz respeito a reza, a fórmula original é mantida até hoje, houve apenas adaptações de palavras para uma linguagem mais atual no intuito que o público pudesse compreender melhor a mensagem transmitida. No rito da reza, a forma como se apresenta, o passo a passo, houve algumas modificações as quais pude perceber tanto no relato das pessoas como também nas poucas Renovações que tive a oportunidade de acompanhar.

Hoje a Renovação é celebrada intercalando os cânticos entre as orações, as vezes a oração da família e o evangelho é rezado por um membro da casa. Após a leitura do evangelho, geralmente a rezadeira faz um aprofundamento da palavra semelhante a homilia na igreja católica. Tive a oportunidade de acompanhar uma Renovação a qual após a leitura do evangelho a rezadeira, dona Socorro Bezerra pediu para que cada participante citasse uma palavra que ouviu da leitura do evangelho, após essa dinâmica ela fez uma fala sobre a leitura do evangelho.

Conversando com ela sobre essa prática utilizada, ela disse que gosta que toda a assembleia participe de fato do momento da celebração, e com isso, mesmo que pouco, cada um consegue participar. Outro momento semelhante, foi na hora das preces, ela pediu para que aquele que se sentisse tocado, fizesse em voz alta o seu pedido, com isso quase todos os presentes compartilharam os seus pedidos, em que muitos deles pediram pelo fim da pandemia de covid-19.

A leitura do evangelho na Renovação não segue uma regra, alguns rezadores/rezadeiras leem logo no início da celebração, após a confirmação da fé, o Credo. Outros, fazem essa leitura no meio da celebração e outros não fazem. Sobre esse assunto o seu Renato Dantas falou o seguinte:

Essa introdução da proclamação do evangelho na Renovação faz parte das novas práticas do ritual. Até então, o evangelho só era proclamado na missa. Quando passou a ser proclamado na Renovação, podemos perceber claramente esse processo de romanização, sendo introduzido na tradição (RENATO DANTAS, 08/12/2021).

A leitura ou não do evangelho na Renovação não está ligado a idade, ou posição social. A Renovação pode ser rezada por um leigo ou padre e pode ou não ser feita a leitura do evangelho. Acompanhei Renovação rezada por padre sem leitura do evangelho, assim como acompanhei Renovação rezada por um leigo onde foi feita a proclamação da leitura do evangelho.

Quanto aos cânticos, esses não são mais concentrados no final da reza, ao longo da celebração vai-se entoando cânticos ao SCJ, ao Imaculado Coração de Maria, para proclamar o evangelho, para a leitura da oração da família e no final sempre há os cânticos para encerramento.

É perceptível que os cânticos muitas vezes não são só os benditos da Renovação, mas também os cânticos da missa, como por exemplo o cântico: “abençoa senhor as famílias amém” do padre Zezinho, que geralmente é cantado antes da oração da família. Quanto a isso seu Renato Dantas comentou:

Esse cântico é carismático na sua essência, ele não tem nada a ver com a tradição da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus (RENATO DANTAS, 08/12/2020).

Segundo ele, a Renovação Carismática Católica - RCC tem mudado muitas coisas no rito da Renovação e interferindo no catolicismo popular a qual a Renovação ao SCJ está associada. A igreja hoje vem aos poucos se apropriando da liturgia popular e descaracterizado o ritual deixado pelo padre Cicero.

O rito da Renovação está mais parecendo uma missa, até mesmo os cânticos que são tradicionais da Renovação ao SCJ foram mudados um pouco. A melodia a qual eram cantados, com calma, que parecia um canto gregoriano foi acelerada. Os cânticos com aquela melodia mais lenta permitiam que o indivíduo entrasse em conexão com Deus, à medida que essa melodia foi acelerada esses cânticos parece mais que é para dançar (RENATO DANTAS, 08/12/2021).

Na ocasião, não tive oportunidade de entrevistar nenhuma pessoa que fizesse parte da Renovação carismática, apenas obtive informações que o rito da reza da Renovação, quando conduzidos por eles, se apresenta com grande semelhança ao rito da missa.

Hoje em dia é muito comum convidar rezadores que disponham de instrumentos musicais, de caixa de som, microfone e um instrumento musical para conduzir a celebração. Muitas vezes quando a família, por tradição, não quer mudar a rezadeira/rezador e esses não dispõem dos aparatos de acompanhamento tecnológico, a família contrata alguém apenas para tocar e cantar a Renovação, como

é o caso do Murilo e do Rúbio que são rezadores, mas que também tocam e cantam e muitas vezes são contratados apenas para tocar e cantar na Renovação.

Sendo assim, tornou-se algo muito comum ser pago um cachê, uma quantia determinada para que alguém vá rezar a Renovação. Conversando com alguns desses rezadores, eles narraram que não é cobrado para rezar a Renovação, o valor é cobrado pelo acompanhamento de animação com os instrumentos (Figura 26). Esses equipamentos precisam de manutenção, isso acarreta um custo, assim como também é necessário um automóvel para o deslocamento com o equipamento até o local do evento. Então a quantia cobrada não é pela reza, se for só para rezar não seria cobrado nenhum valor.

Figura 26: Renovação com acompanhamento de instrumentos musicais



Fonte: Registro da autora (2021)

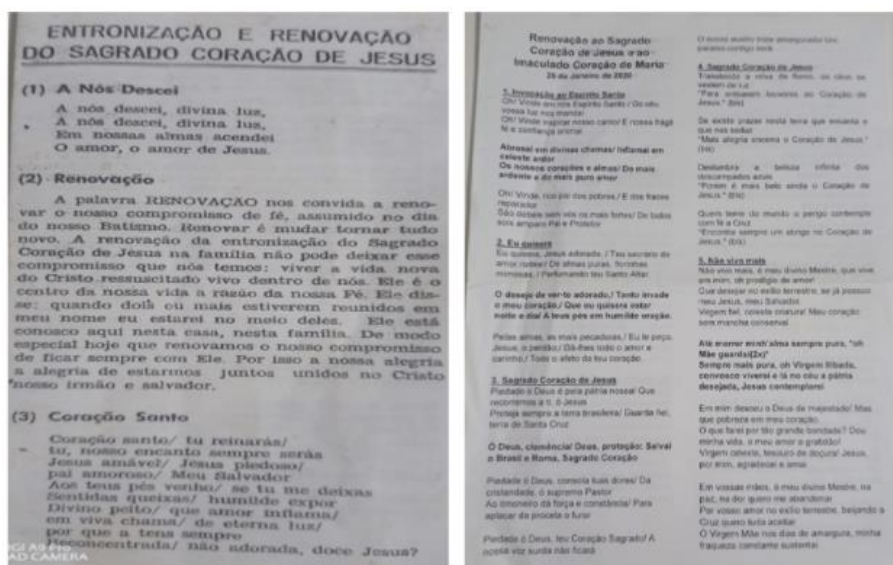
Cantar com acompanhamento de instrumentos musicais foi uma prática agregada ao rito para que ele se tornasse mais bonito, tudo isso é feito no sentido de agradar o Coração de Jesus. As primeiras Renovações, principalmente na zona rural, eram aministradas pelas bandas cabaçais.

Hoje, pouco se mantém essa tradição das bandas cabaçais, ainda podemos presenciar essa festividade nas casas das pessoas mais idosas que residem na zona rural, ou na casa de algum mestre de banda como é o caso do mestre João Bosco. A tradição foi se perdendo ao longo do tempo devido os integrantes dessas bandas envelhecerem e alguns morreram, e a geração atual não tem cultivado a tradição.

Ao passo que a banda cabaçal foi se tornando escassa dentro da celebração, os cânticos foram ficando sem destaque, até mesmo pelo fato de hoje não ter mais aquele grupo de mulheres que cantavam junto com a rezadeira, essas mulheres eram chamadas de cantoras de Renovação e eram responsáveis junto com a rezadeira e a banda cabaçal de fazer o embelezamento dos cantos. Por cantar com satisfação, devoção e credibilidade elas interpretam as músicas, benditos e hinos religiosos com muita fé e inspiração divina (ENCONTRO UNIVERSITÁRIO DA UFC NO CARIRI, 2011).

Hoje, a ideia é incentivar os devotos participantes a acompanharem os cantos, uma vez que não há mais aquele grupo de mulheres que acompanhavam a rezadeira no momento de entoar os cânticos. No intuito de que as pessoas acompanhem os cânticos/benditos, algumas famílias começaram a confeccionar jornalzinho com a letra dos cânticos a serem entoados naquela celebração e distribuem para aqueles que estão presentes no momento da reza, semelhante a ação realizada na igreja católica para acompanhar a missa (Figura 27).

Figura 27: Jornalzinho com as letras dos cânticos



Fonte: Registro da autora (2020)

Muitas famílias de classe média e alta acostumaram-se a chamar um ou mais padres para tomar o lugar dos "rezadores" leigos, e, no lugar do simples "café do santo", uma "liturgia da partilha", tomada de pé, ao redor da mesa da cozinha" e aberta a todos os presentes, organizam e oferecem almoços festivos, até mesmo com a presença de bebidas alcoólicas para os "convidados". Para algumas pessoas essa



ação desconfigura o verdadeiro sentido da Renovação, para aqueles que realizam, são momentos distintos o sagrado e o profano.

A cada dia é mais visível a presença de novos símbolos dentro da celebração, outra coisa que percebi é que atualmente, o rezador ou rezadeira, faz a leitura não mais virado de costas para o público e concentrado com as imagens na parede como era comum. Hoje alguns, as vezes viram para falar com os participantes, principalmente quando vão fazer o comentário da leitura do evangelho.

Percebi que tem rezador/rezadeira que reza a Renovação meio de lado ou então virado para o público. Quanto a isso, enquanto conversava com dona Fátima a respeito do assunto, ela relatou:

Sempre que vou rezar uma Renovação me posiciono ao lado da mesa do santo, aquele ponto é estratégico, pois de lá consigo ter toda a visão da sala do santo e não fico de costas nem para o SCJ nem para o povo. Antigamente os padres celebravam missa de costas para o público, hoje celebram de frente (DONA FÁTIMA, 28/12/2020).

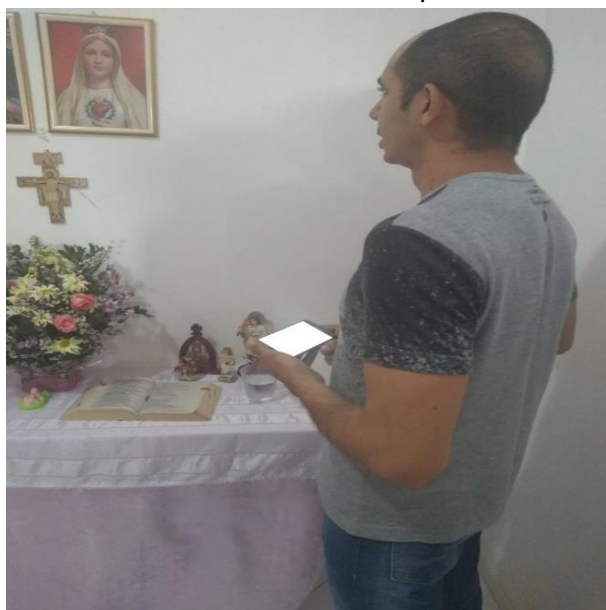
Figura 28: Rezadores rezando a Renovação sem dar as costas para a assembleia



Fonte: Registro da autora (2020)

Hoje alguns rezadores já não utilizam mais o livreto ou qualquer outro papel para fazer a leitura das orações. Acompanhei uma Renovação na casa de dona Vicência (13/12/2020) onde o rezador conduziu toda a reza pelo celular, desde a leitura do evangelho até a leitura das orações da Renovação (Figura 28).

Figura 29: Rezador utilizando o celular para a leitura das orações



Fonte: Registro da autora (2020)

Quanto a sala do santo, há aproximadamente uma década atrás, houve uma mudança na arquitetura, na disposição interna dos cômodos devido o financiamento oferecido pela Caixa econômica Federal, era necessário que esses imóveis atendessem as normas e projetos estipulados pela instituição financiadora, isso acabou culminando em uns modelos de casas que vemos hoje, onde a sala é conjugada com a cozinha e já não tem mais a divisão por paredes, com isso houve uma mudança da parede do santo.

Percebemos então uma outra forma de interferência no ritual, que são os novos modelos de casa, uma vez que já era tradição expor a imagem do SCJ na parede que fica em frente a porta de entrada da casa. Com o surgimento dessa nova arquitetura houve uma intervenção na lógica da liturgia, essa intervenção é aceita normalmente por parte das novas famílias assim como também por parte da nova geração de rezadores (Figura 29).

Figura 30: Nova posição do quadro na sala do santo



Fonte: Registro da autora (2020/21)

Até hoje esse modelo de casa causa uma certa estranheza para os mais velhos por não ter mais a sala do santo e sim um espaço reservado ao santo ao entrar na casa. Como a sala e a cozinha não é dividida por parede, o santo não fica mais na parede principal, aquela que fica em frente a porta de entrada, e sim em uma parede lateral. Esse novo arranjo espacial provoca a inquietação de muitos idosos até os dias de hoje.

A experiência com o sagrado estar pouco relacionado com a arquitetura, ainda mais quando se fala de casa e não de templo ou igreja. As famílias recém-formadas dentro desse novo modelo de casa se adaptaram muito bem e fizeram com maestria o rearranjo do lugar, colocando o seu santo na parede lateral. Aqueles que eu tive oportunidade de conversar, me disseram que isso não muda o sentimento de fé e continuam a rezar a Renovação com o mesmo entusiasmo, porque o que foi mexido foi a arquitetura do lugar e não a fé. O lugar na casa reservado ao santo permanece.

Quanto as imagens, essas passaram por muitas transformações ao longo do tempo. Hoje, podemos nos deparar com quadros ultramodernos de vários modelos e formatos, com traços mais atuais, e até mesmo em formato de caricatura, porém uma caricatura bem harmonizada em traços e cores (Figura 30). Outra característica é que o modelo e material das imagens está muito associada a condição financeira da família.

Figura 31: Modelos de imagens do SCJ



Fonte: Registro da autora (2020/21)

Quanto ao horário da reza hoje já é possível acompanhar a Renovação em diversos horários, final da tarde, ao meio-dia ou início da manhã, e cada uma segue um ritual da partilha diferente, com a presença de itens apropriados para o horário (Figura 31).



Figura 32: Momento de partilha na Renovação durante a pesquisa



Fonte: Registro da autora (2020/21)

A maneira como é feita essa partilha também sofreu alterações, antes era servido em uma mesa dentro de casa onde as pessoas seguiam uma ordem tradicional conforme eram convidadas pelo dono da casa. Hoje, essa partilha é feita de maneira aleatória, tipo um self servisse, onde cada um se serve sozinho ou então é servido um kit lanche para cada pessoa ali presente (Figura 32).

Figura 33: Kit lanche servido nas Renovações



Fonte: Registro da autora (2020/21)

Nas Renovações rezadas ao meio-dia, logo em seguida é servido o almoço que já não é mais somente aquela comida tradicional de Renovação, hoje já servem outros tipos de comidas como salpicão, puré e até mesmo lasanha, além de outros pratos do momento, mas também é servido o café, chá, refrigerante, bolo e salgado.

Hoje as Renovações estão sob uma esfera de consumo no que diz respeito a tradição da culinária, são oferecidos os pratos mais sofisticados que não fazem parte da cultura nordestina e que comumente encontramos em qualquer restaurante do mundo. Essa tradição alimentar foi deturpada devido o processo de homogeneização da cultura.

Segundo as pessoas mais velhas a qual conversei, tradicionalmente a Renovação deixada pelo padre Cícero é rezada a noite, por isso muitas pessoas já com idades avançadas ainda resistem em mudar o horário da reza para um horário durante o dia. Na concepção deles essa mudança quebra o sentido da Renovação. Para eles qualquer modificação feita a celebração quebra o seu verdadeiro sentido.

Hoje em muitas casas a Renovação é rezada a tarde, entre 15h e 18h e em seguida feito a partilha do lanche. Porém pouquíssimas casas ainda seguem a tradição de chamar as pessoas a mesa para tomar o café, como era feito antigamente. Durante o meu campo tive a oportunidade de acompanhar uma Renovação a qual as pessoas ainda são chamadas a mesa para tomar o café do santo. Nesta casa a qual participei da Renovação a família devido aos seus princípios religiosos, tentam seguir a rigor a Renovação conforme deixada pelo padre Cícero.

Conversando com o Cicero Eder, estudante de história, que pesquisa sobre a vida do padre Cicero, ele relatou o seguinte:

No início das Renovações existia uma certa escassez de alimentos, pode-se dizer que a sociedade era mais pobre, então, devido não dispor de boas condições financeiras, as refeições, os alimentos que eram servidos durante a Renovação ao SCJ era algo muito regional, muito raiz, como bolo de puba, chá, café, aluá... Com a mudança da sociedade, o poder aquisitivo também mudou, então se na sua casa você está fazendo uma festa pro santo, o prazer daquela família é servir o que ela tem de melhor, e por isso não fazem economia. Pintam a casa todos os anos, fazem a melhor elaboração de lanche... é tanto que hoje os refrigerantes foram inseridos como artigo de luxo, isso não é uma forma de negar o antigo, mas sim uma forma de exaltar o sagrado. Até mesmo as mudanças de algumas práticas dentro do ritual, acabam sendo como uma forma de valorização (CICERO EDER, 12/01/2021).

Esse comportamento de servir algo relacionado a culinária local era resquício da civilização nordestina do interior, ou seja, uma população que tinha sua

alimentação geralmente reduzida ao feijão, farinha, cuscuz e algumas vezes o arroz. Por isso, as famílias ao fazerem a Renovação, caprichavam no que existia de mais aprimorado na culinária local. Aquilo quebrava a rotina corriqueira de comida ruim do dia a dia e depois ao final da reza ainda serviam o café do santo.

Antigamente era comum ver a celebração da Renovação ao SCJ ligada aos dias dos Santos da igreja católica como o Natal, ou data comemorativa de outros santos. Embora o ritual seja dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, com o passar do tempo, iniciaram-se as mudanças, as famílias deixam um pouco de lado a data do santo de devoção, para realizar a Renovação na data de casamento ou de aniversário de um dos membros da família.

Mesmo assim, essa peculiaridade, intimidade, pessoalidade da relação da família com o sagrado continua. Em algumas ocasiões, quando se deixa o ritual da religiosidade de lado para viver um momento mais íntimos com a família, a festa não perde o sentido, pois o Sagrado Coração de Jesus está sempre ali presente, abençoando o casal, o pai, a mãe ou o nascimento de um filho que fazem aniversário na mesma data que foi escolhida para realizarem a celebração.

Conversando com algumas famílias sobre como essas relações pessoais podem vir a interferir dentro do ritual da Renovação do Sagrado Coração de Jesus, elas me responderam que isso não muda o seu significado. Aliás, só o reforça cada vez mais, pois fica nítido que naquele dia tão importante para a família, eles desejam que o SCJ esteja sempre presente abençoando a família.

Geralmente, quando a Renovação coincide com outra data comemorada pela família, o dia é dividido em dois momentos: do sagrado e do profano. Onde não existe uma regra, o sagrado pode vir antes ou após o profano. O momento do profano aqui, é entendido como o que está ligado a festa com música, dança e até bebida alcoólica. Mas, dificilmente esse momento acontece na sala do santo, porque lá é o lugar sagrado da casa.

Dentro dessa lógica de sagrado e profano, mas com uma fé muito acirrada, é que o casal Janeanne e Társio, receberam-me na sua casa para contar como as Renovações se iniciaram na vida do casal e como acontecem até os dias de hoje. A Janeanne vem de família tradicional celebrante da Renovação, o Társio vem de Fortaleza, embora membro engajado da igreja católica, desconhecia o ritual. Após algum tempo de casados, decidiram iniciar na sua família a tradição de rezar a Renovação e escolheram a data do dia 23 de junho que é noite de São João.

A escolha não estava ligada ao santo, mas sim por ser uma data simbólica e afetiva para a família, pois coincidia com a perda do primeiro filho do casal. Nesse dia é celebrada a Renovação com muito empenho e devoção e logo após a celebração, os amigos continuam na casa e comemoram o São João, data festiva e muito comemorativa no Nordeste, com fogueira, bebida e muitas comidas regionais.

Na Renovação do casal, podemos acompanhar essa mistura do sagrado e do profano, mas com dois momentos bem distintos. Podemos acompanhar também um traço muito marcante da Renovação na atualidade que é a entrega de uma lembrancinha, semelhante às aquelas que recebemos nos aniversários. A Janeane relatou que todos os anos elabora e confecciona junto com as colegas de trabalho uma lembrancinha para presentear aqueles que estiveram presentes na Renovação (Figura 33). Isso é uma forma de agradecer a cada um que disponibilizou de um tempo do seu dia para partilhar o Sagrado. É uma forma de (re)significar, de fazer/permanecer no Sagrado Coração de Jesus.

Figura 34: Lembrancinhas entregues nas Renovações



Fonte: Registro da autora (2020/21)

A prática de entregar lembrancinhas é algo que está ganhando espaço dentro da celebração da Renovação. Conversando com dona Terezinha, gerente da Cajuína São Geraldo, ela me falou que reza a Renovação na casa dela no dia 01 setembro, porque é devota de santa Terezinha. Que desde que começou a rezar Renovação, ela sempre entrega uma lembrancinha no final da celebração, inclusive no último ano tinha entregado um pano de prato com a imagem do SCJ bordado.



Quando iniciou a celebração em sua casa, ela começou entregando uma rosa branca, pois sempre após a Renovação, reza a novena de santa Terezinha. Disse que no cântico dedicado a santa, tem uma parte que diz: “vem Terezinha, encheis esse lugar de rosas, com as rosas do amor”, por isso ela sempre faz a entrega de uma rosa branca no final da celebração, como símbolo de paz, e que no último ano passou a entregar outra lembrancinha junto com a rosa branca. Falou que suas vizinhas com o passar dos anos, também começaram a seguir o mesmo exemplo e hoje entregam também lembrancinhas.

Outro item que também começou a ganhar espaço dentro da celebração, são os convites virtuais (Figura 34). Eles entraram em evidência no ano de 2020 durante o período da pandemia onde a internet e as redes sociais começaram a ganhar mais força e espaço dentro do evento. Começaram a ser enviados convites virtuais para a família e amigos, muitas vezes esses convites vem com data, horário e o canal o qual a celebração ia ser transmitida. Isso evidencia um jeito novo de manter o costume que a sociedade o classifica como velho.

Figura 35: Convites virtuais das Renovações



Fonte: Registro da autora (2020/211)

Além da questão da proximidade com a vida familiar, foi analisado também as mudanças comportamentais dentro do ritual, a introdução de música que não fazem necessariamente parte do ritual católico, como por exemplo, os parabéns para você no final da celebração, músicas de Roberto Carlos, embora fale de nossa Senhora e

de Maria, mas não são necessariamente músicas sacras. Quanto a essa prática, as famílias que conversei, responderam que não seria esse tipo de música que quebraria a lógica, a intimidade com Jesus e Maria, que aquela música cantada também o exalta, o coloca em sintonia com o Sagrado. Na visão deles, não quebram a tradição, pois a tradição é a reza, a fé.

Quanto aos parabéns é uma forma de felicitar o aniversariante que escolheu aquele dia para celebrar junto com o SCJ mais um ano de vida, de realizações de agradecimento, é tanto que no final dos parabéns, ao invés de cantar: “é pic, é pic, é hora, é hora...” que geralmente é cantado em todos os aniversários, canta-se: “que a virgem Maria, faça cair do céu, uma chuva de bençãos sobre esse filho teu”, ou “sobre esse casal” (Figura 35).

Figura 36: Renovação celebrada junto com aniversário de casamento



Fonte: Registro da autora (2021)

Com o passar do tempo, com o novo comportamento da sociedade, hoje já é possível perceber a presença dos homens na sala do santo durante o momento da celebração (Figura 36). Ainda é uma presença tímida e vergonhosa, mas que aos poucos vai ganhando espaço. Muitas vezes as rezadeiras/rezadores ao iniciarem a Renovação, os convidam para participarem mais de perto da celebração. Talvez essa iniciativa tenha provocado nos homens uma reflexão e uma mudança comportamental dentro do ritual. Porém, na zona rural, ainda é muito raro a presença de um homem na sala do santo durante a celebração.

Figura 37: A presença de alguns homens na hora da reza



Fonte: Registro da autora (2020/21)

Quanto as crianças, essas ainda participam, mas, não mais com atenção como era antigamente, muitas vezes estão ali presentes apenas para estar sob visão da mãe. As vezes elas brincam, rolam pelo chão, conversam, jogam no celular e não tem atenção ao momento (Figura 37). Foi aí que me perguntei. Será que essa geração futura sem ter essa valorização da base cultural terá interesse em dar continuidade a tradição?

Figura 38: Criança durante o momento da reza



Fonte: Registro da autora (2020)

No que diz respeito a participação da criança no evento concordo com a visão contemporânea de um filho da terra, o cantor e compositor Fábio Carneirinho, que ao conversar comigo, sobre a participação das crianças, falou:

Eu entendo que a celebração não oferece nenhum atrativo para as crianças, talvez seja o momento de pensar algo dedicado a esse público, algo voltado para o lúdico, que aconteça em paralelo a reza, em outra parte da casa, pode ser no quintal ou no terreiro, mas que faça um momento em que essas crianças possam conhecer melhor a nossa cultura, e assim elas possam valorizá-la. Antigamente a Renovação era o nosso momento de encontro, embora não soubéssemos o real sentido, mas sabíamos que era necessário, pois era aquele momento que tínhamos para encontrar os primos e outras crianças, para brincar. Hoje as crianças dispõem de muitos momentos sociais, então não vê esse valor da Renovação nem como social nem cultural. Talvez hoje fosse necessário dentro do momento da Renovação, um momento de educação religiosa, de pregação infantil, de valorização da cultura, para que essas crianças não fiquem alheias. Sem atrativos, elas ficam a atrapalhar a celebração. Talvez na hora que os adultos fossem rezar na sala, as crianças pudessem ir para o quintal sob o comando de um adulto, fazer dinâmica, interagir, igual acontece nos cultos evangélicos (FÁBIO CARNEIRINHO, 23/22/2021).

Complementando essa visão do cantor, talvez na tentativa de acompanhar o desenvolvimento de uma geração tecnológica, faz-se necessário pensar ações voltadas ao processo de inclusão das crianças a celebração da Renovação e a valorização da cultura e identidade do povo juazeirense.

A Renovação ganhou um novo contorno, passou e passa por um processo de estilização, mas não de concorrência, porque sempre foi celebrada dentro de famílias ricas e pobres e cada um dentro da sua aceitação e reconhecimento financeiro sabe que oferece o que tem de melhor para a festa do Sagrado Coração de Jesus, tanto físico como espiritual.

Há pessoas que acham que a celebração virou um momento de disputa, mas durante as entrevistas foi relatado que ao passar dos anos, as coisas foram mudando, as condições financeiras foram melhorando e conseqüentemente isso refletiu na tradição da Renovação. Podemos perceber isso na apresentação da sala do santo e também nos lanches oferecidos.

Algumas casas inovam o lanche, a comida... as pessoas que ali visitam veem, acham bonito, gostam, e por isso, quando chega o dia da Renovação na sua casa, ela também o faz, as vezes acrescentam algo mais, porque a Renovação é um momento muito família, muito particular, então são os detalhes que identificam aquele momento com a família. E assim a Renovação segue ano a ano se (re)inventando.

Desde os primórdios é notório que a Renovação causa um impacto econômico, talvez o padre Cicero sendo um homem muito estudado, moderno ao seu tempo e visionário, já soubesse que aquele ritual provocaria esse aquecimento na economia, uma vez que a Renovação não se restringe somente a Renovação da fé, mas de todo o espaço que circunda a casa. Movimenta o comércio de tinta, alimentos e objetos. Criou muitas profissões, intensificou as já existentes e até hoje gera renda para diversas famílias envolvidas de maneira direta ou indireta com o ritual.

Conversando com o padre Cicero José e seu Renato Dantas que conduziu um dos momentos do encontro de rezadeiras organizado pelo apostolado da Oração da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, os dois disseram que em média, é celebrada por mês em Juazeiro em torno de mil Renovações. Partindo dessa informação e sabendo que ainda há toda uma preparação para a realização do momento, podemos dizer que isso acelera a economia, principalmente nos itens que permanecem ativos dentro do ritual até hoje.

Outra observação feita, é que hoje não somente nas casas das famílias são celebradas as Renovações, mas em lugares, como por exemplo a igreja do horto, a Igreja do salesiano, O memorial padre Cícero, alguns pontos comerciais e até mesmo na cúria diocesana. Os devotos relatam, que as pessoas que trabalham naquele lugar são uma família, ali é a casa daquela família e por isso precisa estar consagrada ao Sagrado Coração de Jesus.

#### **4.4. Renovação e pandemia, outros arranjos espaciais**

Em março de 2020 o mundo foi impactado pela pandemia da covid-19 mudando toda a dinâmica política, econômica e social da população mundial. Dentro dessa lógica a nossa cultura, os nossos costumes também tiveram que se adaptarem as novas determinações da Organização Mundial da Saúde – OMS e do Ministério da Saúde.

Sendo assim, a Renovação ao SCJ celebrada anualmente nos lares das famílias juazeirense, e em parte do sertão nordestino, teve alguns rituais alterados, para que não fosse quebrada a tradição do festejo do SCJ. Esse encontro passou de fato a ser realizado somente com a família, muitas pessoas adquiriram o “livreto das orações”, e no dia determinado para a celebração, reuniu a família e alguém assumia o papel da rezadeira ou rezador e presidia a celebração.



Outras famílias, optaram usar as redes sociais e muitas Renovações foram transmitidas por vídeo chamadas pelo WhatsApp, Instagram e até mesmo pela plataforma do Google Meet ou Zoom, oportunizando familiares e amigos distante a se fazerem presente durante aquele momento de encontro e oração da família.

Em 21 de abril de 2020, eu, Marilene, tive a oportunidade de participar da Renovação da casa da minha mãe, através de uma chamada de vídeo via WhatsApp, figura 38. Foi um encontro emocionante, pois a cinco anos desde que me mudei para Manaus, não pude mais compartilhar esse momento em família, que não é só o dia da Renovação ao SCJ como também o dia do aniversário da matriarca da família. Particpei de todo o rito da celebração com muita intensidade, inclusive na hora dos cânticos estava eu a acompanhar e a cantar do outro lado do país.

Figura 39: Renovação virtual na casa da minha mãe em 2020



Fonte: Registro da autora (2020)

O momento foi emocionante, de retomada a cultura, ao lugar, ao ritual, porém sem sair do lugar físico o qual me encontrava naquele momento. Ao mesmo tempo que era prazeroso, também era estranho, momento de saudade, de vazio... da falta da convivência daquele momento familiar que tanto marcou a minha infância e adolescência. Naquele dia senti falta da partilha, das comidas com gosto de Renovação, do encontro com parentes e amigos que era exclusivo daquele dia. Era um filme que passava na minha cabeça, as lembranças se faziam muito presentes identificando e fortalecendo a cada instante a minha relação com o lugar e com a tradição.

Em setembro de 2020, uma amiga compartilhou comigo no Instagram uma Renovação que acontecia em Juazeiro e que estava sendo transmitida por aquele canal. Na oportunidade, entrei para acompanhar e vivenciar, ter outra experiência. Percebi que havia poucas pessoas na sala, todos usando máscara e mantendo o distanciamento social. A rezadeira seguia o rito normalmente e quando chegou a hora dos cânticos, as pessoas que estavam distantes pareciam acompanhar os cânticos devido as mensagens escritas no chat. Alguns escreviam sobre a saudade daquele momento.

Na oportunidade, escreveram no chat a emoção de poderem estar presente naquele momento, mesmo distante, eles puderam partilhar com a família o momento do encontro na Renovação. Tentei conversar com algumas pessoas no chat, mas, como eu era estranha a família, e ali provavelmente só tinha gente da família, ninguém me respondeu. Na ocasião, percebi que havia pessoas de Recife, e outras que estavam em São Paulo. Após a Renovação, mandei mensagem no privado para a pessoa que estava fazendo a transmissão, me identifiquei, falei do meu objetivo de estar ali presente e pedi para conversar com ela, porém, ela não me respondeu. Tentei ainda contato por uma segunda vez e continuei sem resposta.

Ao final da Renovação, a rezadeira pediu para que a dona da casa pudesse fazer uma fala, uma senhora de aproximadamente uns 70 anos, muito emocionada, primeiro agradeceu a Deus a oportunidade de poder está ali por mais um ano rezando a Renovação ao SCJ, em lágrimas, ela dizia que durante toda a vida dela, nunca tinha celebrado uma Renovação assim, mas que não podia deixar de rezar, pois o compromisso que ela tinha com o SCJ era sagrado. Em seguida, agradeceu a todos que puderam participar e pediu pelo fim da pandemia para que no ano seguinte tudo pudesse voltar a ser como era antes.

Outra experiência veio através da Conversa com a senhora Shirley que também, pela primeira vez, realizou a Renovação de forma virtual, ela relatou que a experiência foi positiva porque ela não deixou de rezar a Renovação. A transmissão foi feita pelo celular da dona Shirley para o grupo do WhatsApp da família dela e do celular do esposo para o grupo da família dele.

Mesmo diante do momento pandêmico, eles decidiram não falhar com a promessa, com o compromisso assumido com o Coração de Jesus e de Maria. Conversaram com a Rezadeira que é a senhora Gardênia a qual já mencionei acima e ela aceitou fazer a reza e ser transmitida virtualmente para os convidados. O casal

tinha uma preocupação com os convidados, mas chegaram ao consenso que o convidado principal era o Coração de Jesus, portanto, entregaram em suas mãos todas as aflições, preocupações, dúvidas... E pediram para que ele os guiasse com muita sabedoria. E assim foi conduzido aquele momento de entrega.

A senhora Shirley relatou ainda, que o momento foi muito emocionante, pois queria muito que a família estivesse por perto como sempre teve, mas, infelizmente em janeiro de 2021 não foi possível, pois o Brasil entrava numa segunda onda da doença. Até mesmo os pais que moram na mesma cidade não puderam estar presentes por serem idosos e estarem tomando todos os cuidados necessário para evitar a contaminação pela covid-19. Ela acrescentou:

No geral a característica da Renovação rezada de maneira remota é como a outra, pois tudo vai da forma como a gente se entrega. Não faltou emoção em momento algum. Lógico, que bate a preocupação se quem está do outro lado está ouvindo direitinho. Mas a oração é individual, ela vem com aquele desejo que vem do coração, então por isso eu não vi problema em transmitir dessa forma, e que todos pudessem participar de um momento tão especial. Então não senti muita diferença, lógico que quando chega na hora da confraternização em si a casa está mais vazia, mas ela não está menos cheia de fé, ela está com a mesma fé, com aquele mesmo sentimento que a gente busca quando a gente vai renovar os votos diante do Coração de Jesus e de Maria (DONA SHIRLEY, 09/02/2021).

Esse foi o modelo adotado por muitas famílias durante todo o ano de 2020 e 2021, a Renovação ao SCJ foi recheada de novos ritos, porém permaneceu firme no seu significado. Dentro desse novo contexto, as rezadeiras também assumiram uma nova missão, a de ensinar as famílias a rezarem, a presidirem o momento da reza na Renovação. Mesmo sem os grandes encontros presenciais, as famílias permaneceram a assumir o seu encontro na fé.

Na casa de Dona Luzia, a Renovação acontece no segundo domingo do mês de dezembro. Como ela já é idosa, com 76 anos, ficou receosa da rezadeira vir até sua casa para presidir o momento, uma vez que a rezadeira visita muitas casas, principalmente no mês de dezembro, que é um mês que concentra muitas Renovações devido as datas festivas. Sendo assim, a sua filha Daniele, foi quem presidiu o momento. Ela buscou no site da mãe das Dores em Juazeiro (RENOVAÇÃO: ... 2021) o passo a passo de como rezar a Renovação.

Embora ela já acompanhasse as Renovações desde criança, não sabia exatamente como conduzir o rito. O livro que a rezadeira emprestou era muito complexo, pois não era explicativo, por isso ela buscou meios de como conduzir com



maestria aquele momento. No site, ela encontrou toda explicação, do que fazer em cada momento do rito, inclusive as letras dos cânticos a serem cantados durante a celebração.

Daniele viveu a experiência de assumir o papel da rezadeira, e no segundo domingo de dezembro as 10h da manhã, pela primeira vez, estavam presentes na sala do santo apenas dona Luzia, Daniele e Elisa, sua filha, para iniciarem a celebração. Ela relatou que:

A Renovação é um ato de muita fé, e que movidos por essa fé é que permanecemos na tradição. Por isso, independentemente de quem preside a celebração, ela será sempre válida (DANIELE, 18/06/2021).

Após a reza, tradicionalmente, como de costume, é feito o momento da partilha. Todas as famílias que rezaram a Renovação de forma virtual, realizaram esse momento da partilha chamado também de “café do santo.” As famílias relataram que o momento se faz necessário mesmo que seja só com os membros da família, porque senão, fica a sensação de que a Renovação foi incompleta.

Foi dentro dessa nova realidade que a maioria das Renovações aconteceram durante todo o ano de 2020 e parte de 2021, somente com a presença da família. Isso prova que essas famílias atendiam a uma pregação do padre Cicero que dizia que a Renovação é o verdadeiro compromisso de fé das famílias. Foi diante de uma pandemia, de um distanciamento social, de mudanças sociais impostas, que a família de fato novamente volta a se reunir inteira para celebrar esse momento tão sublime de devoção ao SCJ.

Durante a pesquisa tive a oportunidade de conversar com a dona Vera que vem de uma família tradicional católica, a família Correia, que celebra a Renovação ao SCJ a mais de cem anos, o relato dela contempla toda a expressão e devoção de fé vivida por muitas famílias juazeirense, a forma como essas famílias resistem ao tempo enfrentando modificações impostas pela sociedade, aderindo com maestria os novos elementos agregados a celebração, porém firmes no seu compromisso com o sagrado. A respeito da Renovação ela falou:

A prática da Renovação é uma prática religiosa que é uma tradição no Ceará, no Nordeste, principalmente no Juazeiro. Essa prática foi introduzida pelo padre Cícero, quando veio ser o primeiro pároco de Juazeiro ele introduziu, ele incentivou os moradores da pequena cidade de Juazeiro, que naquela época ainda era uma Vila, um vilarejo, a fazerem a introdução do Coração de Jesus em suas casas. Isso significava a consagração da família ao Sagrado Coração de Jesus, e a cada ano as famílias faziam a Entronização do

Coração de Jesus no próximo ano, na mesma data que era escolhida, de acordo com o interesse de cada família. Podia ser aniversário de um dos cônjuges..., a data é uma data significativa para cada pessoa, e aí se fazia a Renovação, que significa nada mais do que a renovação da fé e de amor e devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Então a cada ano as famílias fazem essa Renovação para agradecer ao Coração de Jesus, pedir graça, pedir benção para a família, e assim meu pai fez com a minha. As famílias faziam um pequeno altar nas salas das suas casas onde se colocava a imagem do Coração de Jesus e do Coração de Maria e a data escolhida da Renovação na casa dos meus pais que foi quem introduziu essa devoção na família é no dia 24 de junho. Na minha casa naquela época existia uma mesa e nessa mesa tinha um oratório, esse oratório botava todos os santos de devoção dos meus pais. Tinha nossa Senhora, o Coração de Jesus, tinha vários outros santos que eram de devoção da família. E na minha casa essa mesinha sempre estava posta lá, a vida inteira com o oratório, e dentro do oratório tinha os santos, inclusive tinha uma imagem de São João Batista que é uma coisa muito antiga de meu pai. A devoção do meu pai a São João Batista que a festa é comemorada no dia 24 de junho, ele tinha essa imagem que até hoje eu ainda tenho, que era dos pais dele. Ele trouxe porque ele era devoto de São João Batista e a data escolhida foi essa, e nesse altar sempre estava a imagem de São João Batista. E no dia da Renovação ele é sempre colocado em evidência ali. Então o Coração de Jesus, a Entronização do Coração de Jesus da minha família também foi um Coração de Jesus que veio da família dele. Então assim, é uma peça muito antiga, é uma imagem, um quadro que a gente mantinha esse Coração de Jesus sempre na parede, meu pai mantinha sempre na parede principal na sala da casa, meu pai e minha mãe chamava naquela época, a sala do Santo, se dizia assim. Minha mãe sempre dizia: vá varrer a sala do Santo. Então quer dizer tem essa coisa assim, a sala do Santo, a Renovação do Santo. Então era sempre dessa forma que ele se reportava a Renovação do Coração de Jesus a cada 24 de junho. Meu pai tinha um sítio na Palmeirinha onde muitos irmãos meus moraram, porque eu sou a última filha de um número de oito filhos, eu sou a última da família e alguns dos meus irmãos moraram nesse sítio, nasceram nesse sítio na Palmeirinha, e quando meu pai fez a Entronização do Coração de Jesus isso se tornou uma coisa muito importante na vida deles, era algo de que eles sempre tinham que fazer uma festa muito grande, eles faziam uma reza. Geralmente naquela época a reza era feita por uma rezadeira que eles tinham, que sempre teve. E eles faziam uma grande festa, era o dia inteiro de festa, muita gente. Meu pai chamava gente daqui do Juazeiro pra reza do santo lá na Palmeirinha, então era muita gente, o caminhão do meu pai sempre vinha pegar muita gente no Juazeiro o dia todo pra Renovação e assistir a reza do Santo que geralmente era feita à noite por uma rezadeira. Era uma festa muito grande porque essa era a importância que meu pai e minha mãe davam a essa festa do santo, essa festa do Coração de Jesus. E a tradição naquela época era a festa associada à comida, como era festa o dia todo meu pai matava boi, matava galinha matava bode, então era uma festa de almoço e tudo, mas não tinha bebida alcoólica era só essa comemoração porque o pessoal ia, aí na hora da reza todo mundo se concentrava para rezar para o santo. Rezava, fazia todas as orações dentro da sequência das orientações dada pelo padre Cicero, com aquele ritual que ele ensinava das rezas que se fazia, com a oração de santa Margarida Maria. Então assim, sempre foi assim, e a noite depois da Renovação o que era servido era um aluá de abacaxi que a minha mãe passava de dois a três dias antes fazendo esse aluá, ele era colocado a casca do abacaxi em potes de barro novos e botava ali pra fermentar, naquela época não tinha essa história de geladeira, aí ele ficava frio, aí coava, adoçava e era servido pras pessoas, e também o café, que era o café do santo, que era servido junto com bolacha, porque naquela época não tinha essa variedade de comidas que tem hoje né, principalmente nos sítios. Era essa a tradição na época do meu pai. Quando eles vieram morar na cidade aqui no Juazeiro, continuou a tradição, todo dia

24 de junho meu pai, minha mãe fazia a Renovação, eu ainda cheguei a ver a minha mãe a fazer muito aluá de abacaxi aqui em Juazeiro nos potes de barro. Depois meu pai morreu em 1969 e minha mãe em 1970 e essa responsabilidade foi dada, ficou sendo feita pela minha irmã que ficou com a responsabilidade de fazer a Renovação do Santo e todo ano se fazia a semelhança do que a minha mãe fazia, isso passou a ser uma coisa muito importante para a gente, porque a gente ficou com a responsabilidade de fazer a Renovação do Santo, e com aquele mesmo cuidado, com aquele mesmo esmero, aquele mesmo carinho que meu pai e minha mãe tinham. Então a minha irmã mandava pintar a casa todo ano, se botava as melhores roupas de cama, se fazia o café do Santo, fazia café e servia com bolacha, depois as coisas foram se modificando se modernizando e foi se introduzindo bolo, depois chegou a época do refrigerante, e a época dos salgadinhos que hoje a gente faz mais assim né. Continua fazendo, mas hoje as coisas estão mais modernas e você vai introduzindo alguns itens mais modernos na oferta das comidas na Renovação pras pessoas que vem assistir a Renovação. Os parentes, os amigos, os filhos, os netos, os sobrinhos e aí cada pessoa tem as pessoas que chamam para participar desse ato religioso. E isso vem acontecendo desde que meu pai e minha mãe morreram. A minha irmã, a gente vinha fazendo, todo mundo, todos os irmãos vinham, aqueles que moravam fora vinham pra Renovação e por aí era sempre um motivo de muita alegria, de muito encontro das pessoas, de muitos amigos que a gente tinha, era o momento de reencontrar várias pessoas, e a gente mesmo nem chamava mais, nem fazia esses convites porque todas as pessoas que sabiam da Renovação, os parentes e amigos já sabiam o dia e aí era só perguntar a hora, que geralmente era as 7h da noite, e era feita aqui por uma catequista que se chamava dona Margarida. Então quando a minha irmã morreu em 2012, eu passei a ficar, a fazer essa Renovação do Coração de Jesus, eu assumi pra mim essa responsabilidade. E continuo fazendo apesar de não morar aqui em Juazeiro, eu moro em Recife, mas eu fiz lá, eu fiz alguns anos lá depois disso, teve um ano que eu fiz aqui, porque eu tive que vir pra aqui e trouxe o Coração de Jesus, trouxe o são João, eu já fiz na casa da minha irmã lá em Fortaleza, porque assim foi uma forma da gente colocar todo mundo nessa responsabilidade. E esse ano passado de 2020 com a pandemia, eu estava aqui em Juazeiro, vim e fiquei presa e não pude mais voltar, e eu fiz a Renovação pela internet, as minhas sobrinhas ligaram para saber como seria a Renovação aí eu disse: ta meio complicado porque eu vou rezar aqui, mas a gente não pode se encontrar. Aí elas disseram: não, vamos fazer on line, vamos fazer pelo zoom, aí pronto, elas que organizaram isso, e a Renovação teve uma participação muito grande de todos da família, teve pessoas de Fortaleza que estavam presentes, teve meus irmãos e meus sobrinhos da Bahia, teve gente de Recife, pessoas amigas minha que vieram um ano aqui só assistir essa Renovação e aí assistiram de lá, estiveram presentes. Fiquei alegre, a minha sensação foi de continuar com essa tradição, de pedir a Deus pela proteção da nossa família, dos nossos amigos e nessa pandemia a gente pediu ao Coração de Jesus que nos livrasse dela e curasse essa doença no mundo todo. Foi uma experiência diferente porque a gente não tinha prática disso, a gente tinha a prática de fazer a Renovação todo mundo junto ali se confraternizando, agradecendo a todo mundo por estar ali naquele momento, todo mundo junto com as suas orações, com as suas vibrações, é uma coisa diferente, mas o importante é que a gente não deixou de fazer, não deixamos no esquecimento, a gente não poderia de forma nenhuma deixar de fazer isso nem que tenha sido da forma que a gente fez. Então nesse momento eu acho que a modernidade, a internet, a tecnologia, ajudou muito porque apesar de estarmos distantes, mas nós conseguimos nos aproximar, nos ver, rezar, através dessa ferramenta importante hoje para o mundo moderno. Então assim, foi uma experiência incomum. Eu prefiro presencialmente, mas no momento de dificuldade como a gente passou em 2020 foi muito importante essa ferramenta, a tecnologia

ajudou muito e não deixou que as pessoas não estivessem presente nesse momento e dia tão importante para a família (DONA VERA, 13/01/2021).

É importante ressaltar na fala da dona Vera que a tradição da Renovação já vem dos seus avós, e sempre é passada a responsabilidade para a próxima geração assumir o compromisso de fé. Percebemos que mesmo com a adesão de novos elementos a celebração, essa devoção continua muito viva, firme e forte na família, ao ponto de em 2020 devido todos os problemas enfrentados com a pandemia da covid-19, mesmo assim a celebração foi realizada. Neste ano em especial de uma maneira remota diferente de todas as outras famílias, pois a Renovação de fato foi feita em memória, uma vez que a dona Vera se encontrava em Juazeiro e as imagens se encontravam em Recife conforme ela relatou:

Em 2020 a Renovação foi feita eu e Darque minha sobrinha, presencialmente só tinha eu e ela, mas a gente organizou a mesa com a tolha, botamos as velas, as flores, só não tinha esse ano a presença do Coração de Jesus, porque a minha ideia era de ter voltado em março pra Recife, mas eu não voltei devido a pandemia. Mas não era por isso, que por conta do Coração de Jesus não está presencialmente aqui que eu ia deixar de fazer a reza do santo. De forma nenhuma, porque no meu imaginário, aliás, no nosso imaginário e eu acho que é no imaginário de todo o povo de Juazeiro que também tem isso, o compromisso assumido com o Coração de Jesus pela devoção, então assim, eu tinha que fazer, eu não poderia deixar de fazer de forma nenhuma. Aí a minha sobrinha Jane disse: tia, vamos fazer então através da internet, eu vou criar a sala de reunião no zoom, vou criar o link e você já avisa pra todo mundo e a gente faz a Renovação virtualmente, porque a gente gostaria de estar presente, porque a gente não queria que a Renovação ficasse no esquecimento de todo mundo, por isso a gente vai estar presente nem que seja virtualmente. E isso pra Deus não interfere em nada, o que importa é a sua fé, é o seu compromisso. Quem rezou a Renovação fui eu, a minha sobrinha trouxe um livrinho da Renovação, até porque o meu tava lá em Recife. E fizemos todo o ritual, a gente rezou se concentrou... A transmissão não estava muito boa, mas o importante era que naquele momento todo mundo tava voltado pra esse momento, que pra gente é muito importante, até porque os meus sobrinhos viveram isso desde pequenos. Eu fiquei um pouco triste porque o Coração de Jesus não estava presente ali na hora e a gente não pôde se confraternizar com família e amigos com os comes e bebes. Não teve o ritual da comida porque só tava eu e Darque mas a gente tomou o café e bolo, e os demais disseram que cada um ia tomar o café do santo cada um em suas casas. Mas pra mim foi um momento importante que eu fiz com muita alegria, me senti assim, cumprindo com o carinho e a devoção de sempre, a Renovação do Coração de Jesus pra mim eu fiz da mesma forma como eu faço todos os anos. Pra mim em termos de devoção, de fé, da importância de realizar aquele ato católico religioso, pra mim não houve assim uma quebra não, no sentimento de fé e de tudo (DONA VERA, 13/01/2021).

Uma das coisas mais comuns no ritual da Renovação é a ornamentação da mesa do santo. Em meio a tantas mudanças no ritual da Renovação, durante a pandemia, essa tradição manteve-se firme, mesmo com a presença geralmente só da

família, é comum a mesa ser arrumada com a toalha reservada para o momento e ornamentada com flores e velas.

#### **4.5. A Renovação ao Sagrado Coração de Jesus e a religiosidade de matriz africana em Juazeiro do Norte-CE**

*“Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo. Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável. E eu! Bofe! Detesto! O que sou? – o que faço, que quero, muito curial. E em cara de todos faço, executado. Eu– não tresmalho!” (Guimarães Rosa, 2019, p.15)*

O catolicismo no Brasil, nos revela uma grande complexidade, não dá para homogeneizá-lo. É preciso entender a história brasileira para explicar não só o catolicismo, mas todas as outras religiões presentes em nosso país, uma vez que esse campo religioso é caracterizado por uma grande diversidade. Porém, é preciso citar que a religião católica foi imposta no Brasil no período de sua colonização.

Sendo assim, as religiões de matrizes africana no Brasil, reconhecem a religião católica como sendo a religião mãe. Foi esse discurso que ouvi de um pai de santo e de uma mãe de santo em Juazeiro, o qual celebram em suas casas a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus.

O catolicismo no Brasil tem como característica muito forte o culto aos santos, esses santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um “poder” especial e sobre-humano, que penetra nos diversos espaços da vida e oferece uma estreita aproximação e familiaridade com seus

devotos. Essa prática também é realizada nos terreiros de matrizes africanas e indígenas.

A temática aqui abordada não tem a intenção de aprofundar e discutir o sincretismo religioso, ou a justaposição religiosa como é elencada por alguns autores. Pois a literatura brasileira, já dispõe de uma vasta pesquisa que versa sobre essa temática. O intuito aqui é apresentar a devoção e a prática da tradição da Renovação ao SCJ que se faz presente nas casas de famílias de religião de matriz africana e indígena em Juazeiro do Norte.

Durante o meu estudo de campo em Juazeiro, deparei-me com essa realidade e, nesse sentindo, farei uma breve descrição sobre essa devoção ao Sagrado Coração de Jesus dentro dos terreiros. Essa prática me chamou muito atenção, principalmente por ver a diversidade de religiões dentro da religião católica, como ela tem essa capacidade de adaptação e ajustamento frente as novas situações.

Na oportunidade conversei com três pessoas, sendo uma mãe de santo, dona Maria das Dores, porém conhecida no seu bairro como Bia de Xangô, o pai João e pai Josué, como são conhecidos na sua religião.

Ao visitar a dona Bia, percebi que ela tem duas casas, uma onde ela mora e outra onde desenvolve sua atividade econômica, onde está na primeira sala da casa os santos da igreja católica, como de costume em muitas casas na região do cariri. No quintal está o barracão da umbanda com os orixás. Ela falou que todo o espaço é considerado sagrado, que não permite desrespeito naquele espaço, seja na sala do santo católico, seja dentro do barracão onde estão os santos da Umbanda.

O respeito que deverá ter em um espaço deverá ter no outro (DONA BIA, 07/12/2020).

Dona Bia falou que tem o Coração de Jesus, mas que cultua os espíritos e que não deixa por nada nesse mundo, assim como também não deixa de ir à igreja, que jamais irá abandonar e nem deixar de fazer a reza do santo dela, porque ela se sente muito bem assim.

Ela reza a Renovação do SCJ há aproximadamente 40 anos, sempre no dia 13 de dezembro, dia de santa Luzia na igreja católica que também é o dia em que é comemorado o aniversário de casamento dela, esse foi o motivo da escolha da data.

Dona Bia é umbandista desde os 12 anos de idade, a sua mãe, seus tios também eram da umbanda e também rezavam a Renovação do SCJ, ela cresceu dentro dessa prática e mantém até hoje.

Perguntei para ela em relação a fé e ela respondeu:

Mulher, a fé eu acho que é o mais de tudo, porque se a gente não tivesse fé não fazia tudo isso. Tenho a minha espiritualidade e tudo, mas eu chego, ajeito as coisinhas dele, depois vou lá acendo as velas, rezo, peço pela família inteira, depois vou pra casa cuidando das minhas coisas, mas primeiro ele, o Coração de Jesus. Porque acima de Deus não tem ninguém, essas ôtas coisas, essas ôtas religião, tudo vem depois de Deus. Que dizer: a de Deus a gente tem que se dedicar mais, porque sem Deus a gente não faz nada (DONA BIA, 07/12/2020).

Pedi que dona Bia me relatasse como era vivenciar essas duas religiões, o catolicismo e a Umbanda. Ela riu, e falou:

Não sei lhe responder, porque amo as duas religiões, e não vivo sem nenhuma. Não deixo nenhuma delas. Olha, eu já passei por muitos problemas de saúde durante muito tempo, inclusive, já fiquei sem andar por mais de um ano, fiquei internada em estado grave e o meu pai de santo fez um “firmamento” para um orixá que se chama Obaluayê, que na religião católica é conhecido como são Lázaro. Aos poucos fui melhorando e voltei a andar. Por isso, tenho esse amor pelas duas religiões. Dizem que um nêgo não pode servir a dois senhô, pode sim (DONA BIA, 07/12/2020).

Conversei com ela sobre esse sincretismo religioso ou justaposição religiosa que seria os santos da igreja católica que são presentes em outras religiões e ela respondeu o seguinte:

Mulher, assim: nosso senhor Jesus Cristo na nossa religião a gente chama de Oxalá, Santa Bárbara, é Yansã, nossa senhora Aparecida é Oxum, cada um santo tem o seu co-dinome, são Sebastião é Oxose, são Cosme e Damião que recebe o mesmo nome, nossa senhora da Conceição que é Iemanjá. Cada um orixá representa um santo (DONA BIA, 07/12/2020).

Perguntei para ela se ela tinha algum santo de devoção dentro da igreja católica, ela respondeu:

A gente gosta de todos, reza para todos, mas sempre tem aquele de devoção no caso para mim é nossa Senhora da Conceição (DONA BIA, 07/12/2020).

Outro entrevistado foi o pai Josué, do terreiro de umbanda Seara Filhos da Luz. Pai Josué é umbandista a oito anos. A sua avó, também era de religiosidade de matriz africana. E vem de tradição de rezar a Renovação ao SCJ, pois a sua mãe reza a Renovação em sua casa.

Na visão dele, em relação as práticas ou cultos católicos dentro da umbanda, tudo isso está interligado, filiado, uma vez que a umbanda é uma religiosidade bem aberta, bem ampla. Portanto, ela agrega muitos saberes e fazeres de diversas outras religiosidades. É uma religião de matriz africana e indígena, mas que possui correntes diferente em cada casa, terreiro, culto e louvação. Tem pessoas que trazem o kardecismo dentro da umbanda, tem outras pessoas que trazem o catolicismo e tem outras que trazem o candomblé, tudo isso bem notório dentro da umbanda. Por isso, ele considera que a umbanda é uma religiosidade que agrega muitas culturas, muitos saberes e fazeres.

No Juazeiro, por ter a cultura das Renovações bem enraizada na sociedade, uma hora ou outra, essa cultura iria se chocar com outras religiosidades presentes. Por isso, muitos pais e mães de santo realizam essa festividade ao SCJ e também o seu culto de umbanda ou candomblé de modo que nenhum invada o espaço do outro, e sim se agreguem.

A Renovação ao SCJ na casa do Josué é celebrada desde quando ele nasceu, inclusive acontece no dia do seu aniversário e ele sempre participou. Até mesmo quando ingressou na umbanda ele continua a participar, pois não há nada que bloqueie ou que fira a religiosidade dele pelo fato de estar presente naquele momento da celebração. Assim como também o catolicismo da mãe dele não é ferido pelo fato dele se fazer presente a celebração. São coisas que se agregam, se complementam.

No trabalho ritualístico da casa dele, o culto aos orixás sincretiza os santos da igreja católica, as festas e louvações da umbanda são geralmente nos dias consagrados aos santos da igreja católica. Por exemplo: dia 20 de janeiro é comemorado o dia de São Sebastião na igreja católica e comemorado dentro da umbanda o dia de Oxosi, o orixá das matas. Dentro da casa dele, há esse sincretismo religioso que acaba agregando os fatores da religião católica dentro do ritual e simbolismo utilizado dentro da umbanda.

A umbanda é algo bem amplo, vai além de uma religião que prega dogmas ou leis universais. A lei universal da umbanda é o respeito a natureza, aos seus ancestrais e guias espirituais que estão presentes em determinados pontos e fatores da natureza. Quando as pessoas entendem que o Deus deles está presente em toda natureza, que ele está em diversos lugares, as pessoas começam a viver em função da preservação dessa natureza no intuito de preservar o seu Deus.



Por exemplo, quando o umbandista entra em uma mata fechada eles saldam a energia ali presente, tem o cuidado em não prejudicar nada que esteja ali, eles têm o maior respeito ao entrar e ao sair, pois ali é o lugar, morada, sagrada. Inclusive nas pessoas, pois elas também são natureza, aprendem que o sagrado está dentro de cada ser humano, e por isso deve ser respeitado, pois entendem que devem respeitar o sagrado que rege cada um de nós. A umbanda é uma religiosidade de respeito mútuo, a todo o sagrado e a todas as fés.

Pedi para ele falar um pouco sobre a sua avó e a relação dela com a umbanda e o catolicismo. Ele então relatou:

Era tão significativo a questão, a maneira como a minha vó lidava com a religiosidade de matriz africana e indígena, com a religiosidade católica que você ficava assim pasmo, porque na mesa do santo que tem em toda casa, na sala do santo, eu lembro que tinha o quadro do Coração de Jesus, um quadro de são Jorge que no sincretismo da umbanda é ogum, nesse quadro de são Jorge tinha uma fitinha vermelha amarrada que eu tenho guardada até hoje, porque a minha vó era filha de ogum, e ela colocou esse quadro de são Jorge e essa fitinha vermelha porque o vermelho é uma das cores que representa o orixá ogum na umbanda. Tinha também o quadro de preto velho e o quadro de uma criança de uma das linhas de trabalho da umbanda. Tudo isso na mesa do santo, na sala do santo. Ela misturava a religião católica com a umbanda. E era tranquilo, ali era feito a leitura no momento de Renovação e em nenhum momento tinha aversão as imagens que estavam ali. Lembro que minha vó costumava fazer almoço no dia da Renovação e a maioria das amigas dela que iam almoçar eram da religião católica fervorosa. E minha vó era aquele pé no catolicismo e o pé na umbanda então ela misturava isso na sala do santo e não tinha problema algum (PAI JOSUÉ, 05/12/2020).

O Josué por valorizar a cultura popular nordestina, por trabalhar com cultura, principalmente a cultura que envolve os ciclos, como o carnavalesco, junino, natalino... e por ver a necessidade de salvaguardar nosso patrimônio histórico e imaterial, provendo recursos humanos para preservar isso, ele certamente, quando estiver na sua casa optará por dar continuidade a celebrar a Renovação ao SCJ, pois é uma maneira de preservar essa manifestação cultural que já vem a mais de um século se mantendo em nossa sociedade. Ele na condição de agente multiplicador dessa cultura, não pode se omitir, uma vez que já participa a tanto tempo dessa tradição religiosa, e precisa passar para as novas gerações, para que essa cultura não venha a se perder com o tempo. Por esse motivo ele pretende perpetuá-la, assim ele nos relatou.

A terceira pessoa com quem conversei foi o pai João, que coordena um terreiro de candomblé e jurema Ilê Axé Ominsensul Talandgy. Ele vem de tradição familiar da

religiosidade de matriz africana e indígena. Sua avó e sua mãe seguem a corrente da umbanda, mas também mantém a tradição de rezar a Renovação ao SCJ.

Falou que desde criança vive dentro dessa religiosidade, porém, sempre teve o convívio com a religião católica. Agora já adulto, estava passando por um problema de saúde, e no dia da procissão de nossa senhora Aparecida, que acontece no dia 12 de outubro, e que ele sempre acompanhou de perto todos os anos, ele fez um pedido, uma promessa. Relatou que se dirigiu a imagem com muita fé enquanto ela passava pela rua. Intercedia tanto a nossa senhora Aparecida, a santa católica, como a mãe Oxum, santa do candomblé, que se ele ficasse bom daquela enfermidade, passaria a rezar a Renovação ao SCJ todos os anos naquela data. Tendo recebido a graça, ele renova essa fé rezando a Renovação ao SCJ em sua casa há aproximadamente quinze anos (Figura 40).

Figura 40: Renovação na casa do pai João



Fonte: Registro da autora (2020)

Pai João, relatou ainda, que não tem como separar a religião espírita da religião católica, pois os negros africanos, quando chegaram ao Brasil, foram catequisados na religião católica, foram obrigados a frequentar a igreja e a rezar a missa, e assim esconder a sua religião de origem. Com isso, veio o sincretismo, pois eles faziam todo aquele ritual, mas no coração deles, prevalecia a fé nos santos da sua religião.

Eles preparavam o altar da igreja dos seus senhores com as imagens dos santos da igreja católica e embaixo da toalha, organizavam o ibá dos orixás. Durante o culto e louvor aos santos da igreja católica, que coincide com a mesma data dos orixás, eles faziam esse sincretismo, uma ligação das suas divindades com as divindades da igreja católica. Os seus ancestrais usaram dessa fé para conseguirem manter firme a sua própria fé.

Pai João narra que esse elo é tão forte que sempre que inicia um noviço, no candomblé que é chamado yaô, ele é levado para fazer uma romaria, quer dizer, ir a determinados pontos para que possam adquirir boas energias, e um desses lugares é sempre a igreja católica, aonde esse noviço vai para pedir as bençãos. Na oportunidade ele reforçou um ditado do padre Cícero, “em cada casa um altar e em cada quintal uma oficina”. Segundo Pai João, o altar da igreja católica está na primeira sala da casa, a chamada sala do santo e no quintal o terreiro dos orixás, que isso é muito presente em Juazeiro, porém, ainda de maneira disfarçada. No caso dele não, ele tem uma fachada, na frente da casa identificando o lugar.

Na casa do pai João, a primeira sala é dedicada aos santos da igreja católica, a chamada sala do santo, lá só são feitos cultos voltado ao catolicismo. Na lateral da casa, está montado o altar da jurema, e no quintal o barracão do candomblé. Ele relatou que todos os anos ao rezar a Renovação, renova a fé naquela santa e na entidade do candomblé a qual ele fez a promessa e foi atendido. A sua fé e devoção é a mesma, tanto para a santa como para a entidade. Porém, sabe que a elevação do SCJ está acima de tudo, pois na representatividade ele é o Deus pleno. E que o momento é de gratidão, devoção e respeito.

Relatou ainda que sempre no dia da Renovação, todas as pessoas do terreiro ajudam nos preparativos e participam da celebração. Ele convida a vizinhança, e quase todos comparecem, mesmo sabendo que ali funciona também um terreiro, isso proporciona a ele uma grande satisfação, pois demonstra respeito e tolerância religiosa.

O pai João é militante do candomblé, relatou que muitas vezes é cobrado por ser defensor da causa e frequentar a igreja católica. Ele disse que não dá para separar, aquilo que os seus ancestrais uniram não tem como separar, se eles unificaram a fé, não será hoje que alguém irá separar.

Perguntei para ele quem é o Sagrado coração de Jesus, e obtive a seguinte resposta:

O Sagrado Coração de Jesus pra mim é como se fosse algo intocável, é a mesma coisa que eu ver Oxalá no candomblé, aquele Deus pleno, aquela força maior, o mais velho. Comparando, é isso. O qual nós temos que reverenciar (PAI JOAO, 27/03/2021).

Diante dessas narrativas fica evidente que nossas crenças imprimem valores a respeito daquilo que acreditamos. Que a nossa fé está relacionada ao sistema de signos demarcada pelas nossas entidades e religiosidades a qual atribuímos sentido. E que a cultura religiosa não é unânime.

#### **4.6. A Renovação ao Sagrado Coração de Jesus ultrapassando o tempo**

Após o padre Cícero, o padre Murilo de Sá Barreto, foi um grande influenciador e incentivador da continuidade da tradição da Renovação ao SCJ em Juazeiro e toda a região do Cariri. Devido o momento pandêmico e por se tratar de uma pessoa já idosa que precisava cumprir as determinações do distanciamento social, tive uma conversa via E-mail com a irmã Annette Dumoulin em 20 de janeiro de 2021, onde ela escreveu:

O padre Murilo, valorizou muito essa prática popular, assim como a missão dos rezadores e rezadeiras. Na festa do Coração de Jesus, ele rezava essa "Renovação" na emissão "Dimensões do cotidiano" da rádio Progresso. Também, na ocasião da Renovação do "Círculo Operário São José".

Sobre essa prática do padre Murilo eu já havia escutado alguns relatos de algumas pessoas entrevistadas, inclusive de algumas rezadeiras como dona Socorro Bezerra e dona Dorinha do Horto. Elas narraram que na segunda sexta feira do mês de junho, dia do Sagrado Coração de Jesus, através das ondas do rádio o qual o padre Murilo tinha um programa, ele convidava a população, aqueles que já rezavam anualmente, e aqueles que não tinham a tradição de rezar a Renovação em suas casas para naquele dia, rezar a Renovação ao SCJ e após a reza incentivava o povo a fazer a partilha do café e da bolacha.

Há décadas era comum os pais incumbirem um dos filhos a dar continuidade a reza da Renovação quando eles viessem a falecer. Quando os filhos não cumpriam o compromisso, iam deixar o quadro do Sagrado Coração de Jesus na sala dos ex-votos<sup>9</sup> no horto, o qual não tive acesso durante a pesquisa que se deu de outubro de 2020 até junho de 2021 pois o lugar, encontrava-se fechado para visita devido a pandemia de covid-19.

Conversei com dois casais que assumiram o compromisso de levar adiante a tradição da Renovação ao sagrado Coração de Jesus a pedido dos pais no leito de morte. Os dois casais desconheciam a história de deixar os quadros no horto, e falaram que mesmo que soubessem disso não teriam coragem de desobedecer a um pedido dos pais.

Continuam a rezar a Renovação na mesma data que já era celebrada enquanto os pais eram vivos, a única alteração é que foram orientados por padres a trocarem a imagem do Sagrado Coração de Jesus por imagens novas e assim assumirem o compromisso como uma nova família a rezar a Renovação. Quer dizer, o compromisso agora é daquela família e não mais dos pais já falecidos.

Essa prática é comum, quando os filhos dão continuidade a celebrar a Renovação, geralmente compram um novo quadro do Sagrado Coração de Jesus, retiraram do quadro antigo o papel com a imagem do santo e colocam atrás do novo quadro, foi o que fez o casal Adriano e Poliana um dos casais entrevistados que deram continuidade a Renovação a pedido da mãe do Adriano. É comum também as famílias fazerem essa troca quando o quadro do SCJ já está muito velho e a família quer trocar por um quadro novo.

O casal Adriano e Poliana compraram quadros novos, mandaram benzer, tiraram a imagem de papel do quadro antigo, colocaram atrás da imagem do quadro novo e colocaram o quadro na parede e mantiveram a data da Renovação. Desta forma, a família assume com o novo quadro do Coração de Jesus o compromisso de rezar anualmente a Renovação e renovar a fé daquela família. Quanto a isso Poliana relatou:

Eu quando mais jovem não via sentido em fazer na minha casa futuramente a Renovação, eu achava bonito aquela tradição, mas como eu nunca fui devota de santo, eu não pensava em fazer. Depois que a gente casou foi que

---

<sup>9</sup> Abreviação latina de ex-voto suscepto ("o voto realizado"). A Sala dos Milagres é um espaço localizado dentro do espaço do museu vivo do padre Cicero no horto onde são deixados objetos e esculturas oferecidos pelos fiéis em pagamento de promessa ou em agradecimento a uma graça alcançada.

Adriano falou: eu vou ficar fazendo a Renovação e eu aceitei. Hoje eu vejo como uma renovação da família, uma renovação da fé todos os anos. É uma forma de tá reunindo a família e os amigos pra mostrar a nossa fé (POLIANA, 20/06/2021).

Perguntei para ela, o que a fez mudar sua concepção, e (re)significar o sentido de Renovação. Ela respondeu que foi por conta da influência do esposo, mas principalmente da mãe dele, que foi quem pediu para eles continuarem a rezar a Renovação. Na verdade, ela pediu para rezar a Renovação no ano que ela estava doente e internada que foi em 2016, mas como ela veio a falecer, eles resolveram dar continuidade ao pedido dela.

Adriano completou a fala dizendo que já tinha em mente continuar rezando a Renovação, caso ela não saísse do hospital com vida, porque a Renovação era algo que tinha um significado muito grande na vida da mãe dele. Mesmo que ela não tivesse feito o pedido, ele continuaria com a mesma data e do jeito que ela gostava de fazer.

Poliana acrescentou que rezou a primeira Renovação após a morte da sogra, mais pelo pedido dela, mas no ano seguinte, quando a sogra já não estava mais presente, eles resolveram rezar e continuar. Aquele foi um momento crucial e decisivo para continuar, pois as palavras que a rezadeira falou no dia da Renovação, mudaram completamente tudo o que ela havia pensado anteriormente. No momento que ela fazia esse relato ela se emocionou bastante, as lágrimas escorreram pelos olhos, a voz ficou trêmula... ela parou por um instante e eu retomei a conversa perguntando se o dia da Renovação é um dia diferente dos outros.

É completamente diferente, porque o dia já amanhece diferente, a gente já amanhece pensando como é que vai ser, é completamente especial esse dia. O coração fica cheio de gratidão por tudo que a gente conseguiu passar, fé, esperança... é uma mistura de sentimentos (POLIANA, 20/06/2021).

Hoje também é comum, vê a Renovação ser rezada por pessoas solteiras que moram sozinhas, coisas que não aconteciam antigamente. Alguns são os filhos que dão continuidade a tradição rezando a Renovação a pedido dos pais que já faleceram. Outros são pessoas solteiras de fato, que não moram mais com os pais, mas que acham importante celebrar a Renovação em sua casa.

Outro fato que também me deparei e que já se tornou comum é a Renovação na casa de pessoas separadas. Antigamente, quando o casal se separava, paravam de rezar a Renovação. Hoje, a igreja já orienta que desde que a pessoa não esteja

em pecado com o sacramento, quer dizer: mantendo um novo relacionamento, ela pode e deve dar continuidade a celebração. A igreja precisa acompanhar as mudanças sociais existentes no mundo. O número de casos de separação aumenta a cada ano, e essas pessoas precisam ser acolhidas pela sua religião.

Na maioria das vezes, quando o casal se separa, geralmente é a mulher que dar continuidade a tradição de rezar a Renovação, uma vez que esta tradição tem uma raiz muito matriarcal, embora criada pelo padre Cicero, mas é a mulher a responsável por todos os preparativos da celebração.

Na oportunidade, conversei com duas pessoas separadas que continuam a rezar a Renovação. Dona Terezinha separada desde 1998, falou que continua a rezar porque não rezava por ele, o ex-marido, nem pelo casamento, reza pela Renovação da fé e pela devoção que ela tem com Coração de Jesus.

Dona Tide, separada desde 2015 contou que quando chegou esse momento da separação, passou por grandes momentos de indecisão, se continuava ou não a rezar a Renovação. Dobrou o joelho, rezou e pediu orientação a Deus. Um certo dia encontrou o padre Aureliano e foi tocada a perguntar para ele sobre como deveria prosseguir. Ele a orientou a continuar rezando a Renovação, porque o esposo dela havia ido embora, mas a fé dela permanecia, assim como também os filhos permaneciam ali.

Outra situação que também me deparei durante a minha pesquisa é a Renovação rezada na casa de casais homoafetivos. Tive a oportunidade de conversar apenas com uma pessoa que vive essa experiência. Porém, aqui nessa pesquisa não irei aprofundar esse assunto por ainda se tratar de um assunto muito polêmico e complexo, que é falar sobre gênero e religião.

Muitas famílias que visitei, tem filho(a)s crianças e adolescentes, conversei com eles para saber a probabilidade da continuidade da tradição da Renovação ao SCJ. Quase todos eles responderam que pretendem continuar a rezar a Renovação quando se tornarem adultos.

João Neto, 10 anos, filho do casal Halano e Gardenia, disse:

Claro que vou dar continuidade, para educar os meus filhos, para eles conhecerem mais sobre Jesus, e para renovar a fé e continuar firme e forte para Jesus (JOÃO NETO, 15/03/2021).

Outro entrevistado foi o João Gabriel, 12 anos, filho do casal Cicero e Cicina que respondeu:

Sim, irei continuar, vou seguir os ensinamentos e a tradição dos meus pais (JOÃO GABRIEL 07/01/2021).

Já Maria Rita, 10 anos, Filha da Senhora Telma e o senhor Davi, respondeu:

Eu pretendo rezar a Renovação quando eu for adulta, porque é uma forma da pessoa se aproximar de Deus e rezar, de comemorar e agradecer a Deus rezando (MARIA RITA, 11/11/2021).

A Maria Eduarda, 11 anos, Filha do Casal Miranda e Corrinha, disse que:

Acho que quando eu crescer vou continuar rezando a Renovação, porque como eu vejo muitas pessoas rezando eu peguei esse costume e quando eu crescer ou vou ter o mesmo costume. Porque eu acho bonito e acredito no santo (MARIA EDUARDA, 14/12/2020).

Já Pedro Lucas, 09 anos, filho do casal Irineu e Janaína, disse:

Quando eu crescer, eu vou rezar a Renovação na minha casa, porque quando a casa da pessoa fica pronta, tem que rezar a Renovação, porque é uma reza sagrada e que todos os anos têm que louvar a Deus e comemorar a Renovação. Eu aprendi isso com minha avó (PEDRO LUCAS, 15/07/2021).

Pedro Lucas costuma sempre acompanhar a avó dele nas celebrações, uma vez que ela é rezadeira de Renovação.

A Maria Joice, 19 anos, filha do casal Cicero e Josilene, inicialmente respondeu que não sabia se iria rezar a Renovação quando fosse mais velha. Salientou que manter a tradição era muito importante, mas pensava em constituir uma família e não sabia qual seria o padrão dessa família. Mas logo em seguida ela falou:

Pensando bem, eu vou fazer sim. Antigamente eu olhava e dizia: é, talvez eu não faça. Porque a gente olha para os mais velhos quando a gente é mais novo e a gente diz: nossa, que ultrapassado, mas quando é depois quando a gente amadurece, quando a gente tá mais velho, a gente começa a entender muitas coisas que as pessoas mais velhas faziam e aí elas se tornam significativas pra gente também (JOICE, 06/12/2020).

Na busca de saber a probabilidade das gerações futuras de dar continuidade a tradição da Renovação conversei com ess(a)es jovens acima mencionados, onde todos eles até o momento expressam o desejo de dar continuidade a tradição, e justificam suas respostas.

Dos entrevistados apenas a jovem adolescente Maria Fernanda, 16 anos, filha do casal Cicero e Cicinha, irmã do jovem João Gabriel mencionado logo acima, foi a exceção. Ela respondeu:



É uma pergunta muito difícil pra mim responder, pois penso diferente dos meus pais (MARIA FERNANDA, 07/01/2021).

Sendo assim baseado na perspectiva de continuidade da tradição por parte dos jovens adolescentes entrevistados a Renovação ao Sagrado coração de Jesus irá perdurar por muito tempo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dificuldade encontrada em obter uma bibliografia mais ampla sobre as Renovações não se tornou um empecilho para a busca e enriquecimento desse trabalho. A falta de conteúdos literários a respeito do tema não torna o trabalho empobrecido, ao contrário, serviu como estímulo para uma busca maior, uma sede de informação, e uma elaboração e desenvolvimento do tema, destacando as narrativas dos sujeitos envolvidos.

Foi através das histórias orais de vida que pude perceber através dos discursos das gerações distintas, a importância e significado dos símbolos considerado sagrado pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, como por exemplo, a vela, a toalha, a sala e até mesmo o próprio café do santo. Foi perceptível também a apropriação de novos elementos ao ritual, principalmente pelo público mais jovem, bem como a percepção e (re)significação do espaço e do ritual.

A falta de uma referência sobre essa prática cultural/religiosa de Juazeiro do Norte, levou-me a ouvir as pessoas, e a partir daí compreender na prática, essa tradição da Renovação ao SCJ como herança deixada de pai para filho, de geração para geração, que ainda hoje é praticada e com grande perspectiva de continuidade em Juazeiro do Norte-CE. Para uns como forma de resistência cultural, para outros como forma de tradição e devoção.

Os resultados obtidos com essa pesquisa, corroboram com o fortalecimento da identidade do povo juazeirense atrelada a prática e devoção ao Sagrado Coração de Jesus, uma vez que o ritual da Renovação surge do desejo das famílias de se doarem e se permitirem ser do Sagrado Coração de Jesus. Deixando claro que essa tradição da celebração é uma extensão da cultura religiosa juazeirense, onde o católico praticante, levará consigo essa prática, pois a fé é algo íntimo, pessoal e particular.

Entronizar o Sagrado Coração de Jesus em sua casa é firmar o compromisso que ele é o rei daquele lugar, que mesmo diante das adversidades encontradas a família permanecerá a renovar sua fé anualmente naquela mesma data. Diante da imagem exposta, os membros da família falam diretamente para o Sagrado Coração de Jesus e o Sagrado Coração de Jesus fala diretamente para eles, especificamente para os membros daquela família, daquele lar. Esse momento é diferente do momento da missa na igreja ele é mais íntimo e particular.

Quando vamos a missa, estamos lá na condição de ouvinte não é necessariamente como participante, falamos que participamos da missa porque estamos lá para assistir, mas só participamos de fato do ritual no momento da comunhão, fora isso, o padre celebra e a gente ouve. Essa participação dentro da missa é diferente da participação com o Sagrado Coração de Jesus nas Renovações, uma vez que entendemos que o sagrado está em nossa casa, e que mantemos uma conversa direta unicamente com ele. Naquele momento, os membros familiares são os protagonistas, juntamente com o Sagrado Coração de Jesus que é o protagonista mor daquele ritual de celebração. Ou seja, é uma relação de intimidade com o Sagrado Coração de Jesus que as vezes dentro da igreja talvez a família não consiga, até mesmo pelo fato de a família não ir junta a igreja.

A Renovação é muito mais do que renovar os laços familiares, ela é uma forma também de renovar os laços sociais, ela não é uma festa comum, é uma festa religiosa que acontece em um determinado espaço em que todas as pessoas presentes comungam ou respeitam essa prática. É através da existência de uma religião que se cria um território e é pelo território que se fortalecem as experiências religiosas coletivas e individuais (ROSENDAHL 2012). Almeida (2010) endossa essa afirmação quando diz que o território é, antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem a sua terra e, simultaneamente, estabelecem uma identidade cultural.

Em meio aos conflitos ideológicos relativos às questões religiosas e políticas que envolvem o cotidiano do povo juazeirense, foi possível perceber a importância das festas da Renovação ao SCJ realizada em cada casa. Esta tradição conserva o sentimento de pertencimento e cria um elo de sustentação da memória daquele grupo. As narrativas das memórias, dos acontecimentos cotidianos do passado e do presente, assim como as festividades religiosas realizadas em torno da fé e devoção ao SCJ dão um suporte cada vez maior à criação e a valorização da identidade cultural do povo juazeirense.

Embora as Renovações sejam uma ação religiosa, hoje elas se apresentam muito voltadas para o lado social, porém não se perdeu o seu sentido principal que é a família se reunir pelo menos uma vez ao ano para renovar sua fé, para pedir e agradecer diante do Sagrado Coração de Jesus. Não houve perda do significado, o que houve foi uma (re)significação, uma transformação da relação familiar com o ritual,

mas a essência não se perdeu. E essas mudanças que aconteceram no ritual de certa forma provoca uma inquietação no imaginário das pessoas.

Se fizermos uma reflexão, talvez pensemos que o padre Cicero, por ser um homem muito moderno ao seu tempo, talvez já previsse que iria chegar esse período tecnológico o qual vivemos, em que a família não tem tempo se quer de sentar-se à mesa para fazer as refeições, muito menos de conversar ou se reunir para rezar um terço ou fazer uma oração como era de costume antigamente.

Assim como o padre Cicero teve a visão com o Sagrado Coração de Jesus, pedindo o para cuidar desse povo, talvez o Sagrado Coração de Jesus o tenha mostrado um meio para que esse povo, mesmo diante de momentos tão difíceis de dispersão e provação, continue e permaneça unidos e reunidos pelo menos uma vez ao ano para rezar e orar. Essa reunião e oração acontece anualmente quando é celebrada a Renovação ao SCJ em cada casa, lar, família.

Percebi que muitas mudanças incorporadas ao ritual, foram inovações por parte das últimas gerações, as famílias mais velhas, em que os donos da casa já são idosos e a festa é organizada pelos filhos, vão introduzindo novos elementos ao ritual, inicialmente contra a vontade dos pais, depois eles passam a aceitar a modificação, até mesmo pelo fato de já não terem mais autonomia dentro da casa. Embora a casa seja deles, mas na velhice é administrada, pelos filhos ou netos.

Se formos observar esses filhos ou netos, muitas vezes também celebram a Renovação em suas casas, mas já com novos ritos, já não tem o trabalho e as vezes até tempo de fazer as comidas artesanalmente, por isso, acabam comprando tudo pronto, industrializado, uma vez que o comércio já oferece esse serviço para facilitar a vida dessas famílias.

Com isso a modernização do ritual acaba sendo quase que impostas as pessoas mais idosas, pois eles já não têm condições de organizar sozinhos aquele momento do ritual da Renovação em suas casas, conforme faziam anteriormente. Assim, delegam esta responsabilidade aos filhos ou netos e estes, já com uma visão mais moderna do que seria esse momento de ritualização, acabam introduzindo elementos como a cajuína, salgados e outras formas de alimentação, assim como também as músicas que não são necessariamente do repertório sacro.

Claro que isso não é unânime dentro do ritual, o oposto também ocorre, vai depender da relação dos filhos ou netos com os idosos e com o ritual. É muito

particular a maneira como cada família vive e sente o ritual, a relação que os membros da família têm com o sagrado é que permite (re)significá-lo ou não.

Na casa da minha mãe, essa alteração e modernização foi acontecendo ainda quando eu era jovem e morava em casa. Quando comecei a trabalhar, convenci minha mãe a oferecer refrigerante ao invés de café, quase todas as casas serviam refrigerante e eu tinha vergonha de chamar meus amigos e oferecer café, então ajudei a comprar o refrigerante. Lembro-me também, que depois que saí de casa, foi ficando escassa as pessoas para fazer os bolos na véspera da Renovação, com isso minha mãe começou a comprar os bolos feitos, e depois passou a comprar o kit Renovação. Hoje ela serve bolo, salgados e refrigerante, mas o café sempre está presente para aqueles que o apreciam.

Existe uma dualidade muito grande quanto a esse contexto das mudanças no ritual, para as pessoas mais velhas essa “modernização” dentro do ritual é vista de maneira negativa, pois, distância do seu verdadeiro significado de Renovação que é aquele deixado pelo padre Cicero. Quanto a partilha, elas defendem a ideia que deverá continuar a ser servido somente o café e a bolacha, porque senão, as pessoas vão para a Renovação para comer e não para rezar.

Para as pessoas mais jovens, as mudanças se fazem necessário para acompanhar a dinâmica da sociedade, os elementos introduzidos ao ritual, são benéficos e irão somar junto ao sagrado, dando-lhe um sentido de valorização e ampliação da ação religiosa. Não são os novos elementos que mudam o verdadeiro sentido da Renovação ao SCJ. Quanto a partilha, a família sempre oferecem o melhor alimento para aqueles amigos que vem participar daquele momento de celebração.

Às vezes, os acréscimos se fazem necessários para tornar o momento mais atrativo e contemporâneo, pois tradição não quer dizer necessariamente permanecer exatamente do jeito velho, mas sim dar continuidade ao costume deixado por outras gerações, tornando-o um produto das relações sociais do momento, pois entendemos que a tradição pode ser atemporal.

A Renovação ao SCJ é uma prática religiosa que tende a permanecer, pois se trata de uma ação devocional muito rica, em que as famílias reúnem familiares e amigos em torno daquela celebração, em algumas casas é lida o evangelho do dia e feito uma reflexão, por isso a Renovação ao SCJ se torna um momento devocional muito importante que congrega as famílias e os amigos.

Portanto, se faz necessário alguns acréscimos, são práticas que vão acontecendo, hoje há uma grande pluralidade de visões, mas precisamos ter abertura para algumas incorporações de orações ao rito da Renovação ao SCJ desde que essas complementações venham enriquecer a vida da família e dar comunidade a tradição, e que não fira o sentimento de fé daqueles presentes no ritual. O problema é quando se impõe ou substitui algo que não é aceito pela assembleia, quando o povo já não se sente participante ou se identificam com o momento.

Percebe-se que enquanto as pessoas se sentirem contempladas com a Renovação ao SCJ, a maneira como ela é apresentada não tem problema. Essas complementações muitas vezes fazem com que as pessoas rezem ainda mais, pois parece unir a fé a vida, e a ligação da fé é com a vida, não existe uma fé desencarnada. Toda fé é encarnada e tem uma expressão social, a fé do sertanejo nordestino é diferente da fé da Amazônia, que é diferente da fé em Roma. Essa fé precisa ser traduzida em ações. São Tiago (2: 14-26) diz que se não tem obra não tem fé, e se essa fé não se traduzir em obras será uma fé morta.

Portanto, entendemos que a vida se desdobra na fé, e que toda essa fé ajuda o sujeito a ser uma pessoa melhor. Essa fé que o sertanejo nordestino traduz na maneira de renovar e agradecer ao Sagrado Coração de Jesus.

A imagem do Sagrado Coração de Jesus tem um dia de exaltação durante o ano, tem o dia da celebração que é o momento do ritual da Renovação, porém, existe todo um contexto em torno dele que dura os 365 dias do ano até o próximo ritual, que vai desde o seu lugar na casa, até os preparativos para a próxima festa, que se inicia todos os anos logo após a reza da Renovação ao SCJ.

Foi procurando observar e analisar os pontos comuns e particulares de cada fala, de cada ação, que que cheguei a essas considerações sobre a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus em Juazeiro do Norte-CE, que a Renovação ao SCJ se trata de uma ação social e religiosa dinâmica, um culto sagrado onde há uma participação recíproca do homem com o santo; da participação e dedicação da família e da comunidade, fortalecendo os laços de amizade e solidariedade. Que a celebração não está associada a condição financeira da família, mas sim a sua tradição. Que é um evento que dá sentido à vida e mesmo que esteja ligado ao profano não perde sua originalidade.

A Renovação ao SCJ alimenta esse sentido religioso, esse sentido de uma identidade do sertão ligado ao aspecto religioso. Embora seja praticada nos terreiros,

e em outras religiões, mas ela ainda é uma tradição católica popular, pois essa identidade está associada ao povo nordestino, principalmente ao devoto do padre Cicero.

Foi perceptível que ao longo do tempo embora elementos novos tenham sido introduzidos ao ritual, mas há uma permanência da fé daquele devoto que tem Deus e que busca nele a solução de seus diversos problemas, como a doença, a seca... e que essa prática foi herança deixada pelo padre Cicero.

O Juazeiro do Norte é o lugar do padre Cicero, é ali que ele sempre esteve desde que se tornou padre, foi ali que ele fez as primeiras missas, foi ali onde se deu o milagre. Portanto, há de certa forma por parte do povo praticante dessa fé e devoção, a vontade de continuar e permanecer com essa identidade, essa figura religiosa que é o padre Cicero. Inclusive a cidade gira em torno dessa grande marca icónica.

## ENCERRAMENTO

Não posso dizer que foi fácil, no caminho eu encontrei muitos percalços que tive a coragem de enfrentar e por ter conseguido contornar, almejando realizar o meu sonho tão buscado é que hoje deixo esse legado dessa fé tão forte que tenho no Deus que me ilumina e que tornou essa menina em uma grande mulher.

Finalizo o meu trabalho com a canção “BENÇA” de Composição de Dann Costara e Zé Neto, interpretada na voz de Juliette Freire em setembro de 2021.

*Quem perguntar por mim  
Diga que tô por aí  
Quem perguntar por mim  
Diga que tô por aqui*

*Agora, se foi fácil, foi não  
Rapadura é doce, mas não é mole, não  
Na estrada a gente pena, a gente sofre  
Mas a gente ama*

*Não me arrependo de nada, não  
Porque foi tudo de coração  
Na vida a gente colhe o que planta*

*Quem perguntar por mim  
Diga que tô por aí  
Quem perguntar por mim  
Diga que tô por aqui*

*Mas é que eu venho lá do sertão  
O coco é seco demais, irmão  
E o preconceito eu só engulo com farinha*

*Não tenho medo de escuridão  
Eu sou fogueira de São João  
Trago no peito a oração de mainha  
Bença?*



## REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Karen. **Em defesa de Deus**: o que a religião realmente significa. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cicero**: A Terra da Mãe de Deus. Fortaleza: Imeph, 2014.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. 214<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ave Maria, 2019.
- BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>. Acesso em: 15 dez. 2019.
- \_\_\_\_\_. **Histórico**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte/historico>. Acesso em: 15 dez. 2019.
- \_\_\_\_\_. **Panorama das cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte/panorama>. Acesso: 16 dez. 2019.
- CARNEIRINHO, Fábio. **Pra Chegar Até Aqui**. [Compositor e intérprete]: Fábio Carneirinho. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o0wfvD5p24w>. Acesso em: 2 out. 2021.
- CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**: segunda parte: o pensamento mítico I Ernst Cassirer. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CAVA, Ralph Della, R. **Milagre em Joaseiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2014.
- CLAVAL, Paul. Etnografias-Conclusão. **Espaço e Cultura**, n. 7, p. 69-74, jan./jun. 1999. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6995>. Acesso em: 4 out. 2020.
- CORALINA, Cora. **Eu sou aquela mulher**. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/eu-sou-aquela-mulher/>. Acesso em: 23 agos. 2021
- CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, n. 29, p. 7-21, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3528/2454>. Acesso em: 12 jun. 2021.

\_\_\_\_\_; ROZENDAHL, Zeny. Geografia cultural: uma antologia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia cultural**: apresentando uma antologia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

COULANGES, Fustel. **A cidade antiga**. São Paulo: Martins fontes, 1998.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIOCESE OLIVEIRA. **Livreto novena do Sagrado Coração de Jesus**. Disponível em: [https://www.dioceseoliveira.org.br/wp-content/uploads/celebrar/partilhar/Livreto\\_Junho%202020\\_social.pdf](https://www.dioceseoliveira.org.br/wp-content/uploads/celebrar/partilhar/Livreto_Junho%202020_social.pdf). Acesso em: 25 maio 2021.

DUARTE, Francisca Eugenia Gomes; ELLIOTT, Ariluci Goes; SANTOS, Francisca Pereira dos. As manifestações festivas religiosas do sítio Minguiriba-Crato-CE. **Inf. Prof.**, v. 8, n. 2, p. 64 – 84, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/37171>. Acesso em: 26 fev. 2020.

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ENCONTRO UNIVERSITÁRIO DA UFC NO CARIRI, 3., 2011, Juazeiro do Norte-CE. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.], 2011. Tema: HERANÇA MUSICAL DOS CANTORES DE RENOVAÇÃO DE JUAZEIRO DO NORTE. Disponível em: [file:///C:/Users/MARI/Downloads/156-2549-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/MARI/Downloads/156-2549-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 19 set. 2020.

FEITOSA, Eliana Aparecida Silva Santos. **Identidade e cultura**: estudo etnogeográfico da Comunidade Tradicional do Moinho em Alto Paraíso de Goiás. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade De Brasília (Unb), Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31493>. Acesso em: 5 jun. 2020.

FIDELIS, Luiz. **Renovação**. [Compositor e intérprete]: Luiz Fidelis. [S. l.: s. n.], 1990. Disco de vinil.

FIGUEIREDO, José Nilton. **A (Con)sagração da vida**: Formação das Comunidades de Pequenos Agricultores da Chapada do Araripe. Crato: Província, 2002.

FREIRE, Juliette. **Bença**. Compositor: Dann Costara e Zé Neto. Intérprete: Juliette Freire. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zWquMejH\\_pA](https://www.youtube.com/watch?v=zWquMejH_pA). Acesso em: 2 out. 2021.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, p. 109-122, 1997.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/CMZhfgQZbFHBdTjg9fFWpkd/?lang=pt>. Acesso em: 29 jun. 2020.

GIL FILHO, Silvio Fausto. Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (Org.). **Da percepção e Cognição à Representação**: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007. Disponível em: <https://www.neer.com.br/anais/NEER-1/mesas/sylvio-gil.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2020.

\_\_\_\_\_. GIL, Antônio Carlos. Identidade religiosa e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. In: ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. L. (Org). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, pp. 39-55.

GUILOUSKI, Borres; COSTA, Diná Raquel D. da. Ritos e rituais. In: II JOINTH Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades, 2012. **Anais...** Paraná: PUCPR, 2012, p. 91-109. Disponível em: <https://silo.tips/download/ritos-e-rituais-borres-guilouski-dina-raquel-d-da-costa-palavras-chave-rituais-t>. Acesso em: 12 jun. 2020.

HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, 8 fev. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em: 17 ago. 2020.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, p. 16-46, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 12 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLZER, Werther. Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Edição Comemorativa, p. 137-174, 1993-2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142>. Acesso em: 18 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Lugar. **GEOgraphia**, v. 1, n. 47, p. 131-134, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/40757/23468>. Acesso em: 11 set. 2020.

\_\_\_\_\_. O lugar na geografia Humanista. **Território**, ano IV, p. 67-78, 1999. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142>. Acesso em: 19 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, v. 10, n. 17, p. 19-29, p. 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3232/2746>. Acesso em: 11 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território meio ambiente. **Território**, ano II, n. 3, p. 77-85, 1997. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/uma-discussao-fenomenologicasobre-os-conceitos-de-paisagem-e-lugar-territorio-e-meio-ambiente/4767792/>. Acesso em: 9 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **A geografia humanista: sua trajetória de 1950 – 1990**. Londrina: Eduel, 2016.

JESUS, Frei Salvador do Coração de. **A grande promessa do sacratíssimo coração de Jesus**. São Paulo: Loyola, 2007.

KURY, Adriano da Gama. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LIMA, Antonio Balbino Marçal (org.). **Ensaio sobre fenomenologia**. Ilhéus: Editus, 2014.

LOPES, André Camargo. Os espaços da fé: um estudo sobre o campo religioso na perspectiva da religiosidade popular. **Mediações**, v. 13, n.1-2, p. 231-259, Jan/Jun e Jul/dez. 2008. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3303>. Acesso em: 10 set. 2020.

MARANDOLA JR, Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em place and placelessness, de Edward Relph. **Revista Geografia**, v. 41, n. 01, p. 5-15, jul. 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/11876>. Acesso em: 23 mar. 2020.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, n. 13, p. 35-46, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7424>. Acesso em: 16 set. 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NETO, Lira. **Padre Cicero: poder, fé e guerra no sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Lugar como representação das existências. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Org.). **Maneiras de ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre; Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 83-89.

OLIVEIRA, Amália Xavier. **O padre Cicero que eu conheci**. Fortaleza: Premium, 2001.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro; ROCHA, Marcos da Silva; ARAGÃO, Raimundo Freitas. **Paisagem de gigantes**: totemismo, turismo e geopolítica da visibilidade. Curitiba: CRV, 2020.

OLIVEIRA, Karla Fernanda de Lima. **O Ritual de Renovação do Sagrado Coração de Jesus (1970 – 2009)**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) - Universidade Regional do Cariri - URCA, Crato, 2010.

OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de. **Ser-Tão Romeiro**: a memória hierofânica do catolicismo popular sertanejo e sua espacialização em Juazeiro Do Norte – CE. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9621>. Acesso em: 29 ago. 2020.

PAULA, Fernanda Cristina. Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia. **GeoTextos**, v. 7, n. 1, jul. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/5271>. Acesso em: 11 nov. 2020.

PEIRANO, Marisa. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. Resenha: Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial, de Marcelo Lopes de Souza. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 4, n. 2, p. 325-330, 2013. Disponível em: [http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/view/152/2014v4n2\\_SPereira](http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/view/152/2014v4n2_SPereira). Acesso em: 9 jun. 2020.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; CORREIA, Idalécia Soares; OLIVEIRA, Anelito Pereira de. Geografia fenomenológica: espaço e percepção. **Caminhos de Geografia**, v. 11, n. 35, p. 173-178, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277177839\\_Geografia\\_fenomenologica\\_es\\_paco\\_e\\_percepcao\\_-\\_PHENOMENOLOGICAL\\_GEOGRAPHY\\_SPACE\\_AND\\_PERCEPTION](https://www.researchgate.net/publication/277177839_Geografia_fenomenologica_es_paco_e_percepcao_-_PHENOMENOLOGICAL_GEOGRAPHY_SPACE_AND_PERCEPTION). Acesso em: 23 mar. 2020.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PONTES, Emilio Tarlis Mendes. Fé e pragmatismo no sertão. **MERCATOR**, v. 13, n. 2, p. 155-168, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/BTQrHWRFjNT4Z3nzdBVPqTk/?lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2020.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p.1-25, 1979. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14763/11395>. Acesso em: 1 jul. 2020.

RENOVAÇÃO: **ENSINAMENTO DO PADRE CÍCERO DE AMOR AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS**. [S. l.], 2021. Disponível em:

[https://www.maedasdoreljuazeiro.com/backend/\\_lib/file/doc\\_anexos/renovacao\\_sagraco\\_coracao\\_basilica\\_2020.pdf](https://www.maedasdoreljuazeiro.com/backend/_lib/file/doc_anexos/renovacao_sagraco_coracao_basilica_2020.pdf). Acesso em: 20 out. 2021.

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RAEGA**, v. 3, n. 13, p. 19-27, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/7670>. Acesso em: 8 dez. 2021.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia e religião. **Boletim Gaúcho**, n. 20, p. 3-193, 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38184/24567>. Acesso em: 21 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. História, Teoria e Método em Geografia da Religião. **Espaço e cultura**, n. 31, p. 24-39, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6121>. Acesso em: 21 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Uma procissão na Geografia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

SANTOS, Maria Daniele Cruz dos. **Mapa autoral**. Dados IBGE, 2020.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. **Espaço e cultura**, v. 2, n. 2, p. 19-54, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/128130038/Carl-Sauer-Morfologia-Da-Paisagem>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SILVA, Adnilson Almeida. **Territorialidades e identidade do coletivo kawahib da terra indígena uru-eu-wau-wau em Rondônia: "orevaki are"** (reencontro) dos "marcadores territoriais. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://rioterra.org.br/pt/wp-content/uploads/2011/07/adnilsonkawahibufpr2010.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

SILVA, Dilara Bezerra. **Turismo religioso em Juazeiro do Norte: análise da estrutura e serviços turísticos no dia de aniversário do falecimento do Padre Cícero**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Turismo) - Centro de Ensino Superior do Ceará, Faculdade Cearense, Fortaleza, 2013.

SILVA, Marcia Alves Soares da. **O eu, o outro e o(s) nós: Geografia das emoções à luz da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da igreja messiânica mundial**. Tese (Doutorado em geografia) – Faculdade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://docplayer.com.br/207120067-Universidade-federal-do-parana-marcia-alves-soares-da-silva.html>. Acesso em: 12 out. 2021.

SILVA, Francisco Marciano Alencar. **Mapa autoral**. Dados IBGE, 2010.

SÓTHER, Vicente. **Consagração solene do lar do Sagrado Coração de Jesus**. 11. Ed – Autoridade Eclesiástica, 1919.

SUESS, Rodrigo Capelle. Geografia Humanista e a Geografia Cultural: encontros e desencontros! a insurgência de um novo horizonte? **Élisée**, v. 6, n. 2, p. 94-115, 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/6999>. Acesso em: 14 set. 2020.

TUAN, Yi-Fu **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

\_\_\_\_\_. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150>. Acesso em: 23 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Paisagens do medo**. São Paulo: Unesp, 2005.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

## ANEXOS

### ANEXO A - Oração da Renovação e os Cânticos

#### Fórmula da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus

Dignai-vos visitar esta menção Senhor Jesus em companhia de tua doce mãe e comule seus ditosos habitantes com as graças prometidas às famílias especialmente consagradas ao teu divino coração. Tu mesmo ó amantíssimo Salvador do mundo com intuito de misericórdia, solicitastes dos homens por intermédio da tua serva Margarida Maria a homenagem solene de universal amor ao teu coração que tanto amou aos homens e pelos quais és tão um pouco amado. Por isto toda esta família acudindo pressurosa a teu chamado em desagravo do abandono e da apostasia de tantas almas proclama-te o Coração Sagrado amável soberano dela e consagra-te de um modo absoluto as alegrias, os trabalhos, tristezas, o presente e o futuro deste lar de hoje para sempre inteiramente teu. Abençoa pois os presentes, abençoa também os que por vontade do céu, arrebatou a morte, abençoa Jesus os ausentes, estabelece nesta casa que de hoje em diante é toda tua. “Coração amante, o domínio da tua caridade infunde em todos os seus membros o espírito da fé de santidade e de pureza faze que estas almas te pertençam unicamente e desapegadas do mundo e de suas loucas vaidades.

Abre-nos Senhor; a chaga sagrada do teu piedoso coração e como em arca de salvação guarda-nos e todos nele que somos teus para todos sempre. Reine sempre amado bendito e glorificado entre nós o coração vitorioso de Jesus. Assim seja.

Não devendo faltar ninguém no lar querido em hora tão solene e feliz evoquemos a presença e lembrança dos mortos muito amados e dos ausentes desta família cristã, rezando por eles um Pai Nosso, e uma Ave Maria.

#### Oração

Glória ao sagrado Coração de Jesus cuja misericórdia foi infinita com os servos felizes deste lá: escolhendo-os entre milhares como herança de amor santuário de reparação pela ingratidão humana. Com quanta confusão Senhor Jesus esta porção do teu rebanho fiel aceita a honra insigne de te ver presidi-la, adora-te em silêncio regozija-se ao ver-te partilhar sob os mesmos tetos as fadigas, os trabalhos e também os castos gozos destes filhos teus. Ah! Não somos dignos é verdade, que tu entres nesta humilde morada, porém dissestes uma palavra revelando no teu coração Santíssimo nossas almas tiveram sede de ti acharam as águas que jorram até a vida eterna em teu lado chagado ó Bom Jesus! Por isso contritos cheios de confiança viemos entregar-nos a ti que és a vida imortal. Permanece entre nós Coração Sagrado! Sentimos vivas ânsias de amar-te e de fazer amar, és as sarças ardentes que há de abrasar o mundo para regenerá-lo. Há! sim que esta casa seja o refúgio tão meigo como de Betânia onde encontres aconchego nas almas amigas que escolheram a melhor parte na intimidade virtuosa do teu coração. Seja este Salvador



o asilo nobre, porém carinhoso do Egito no desterro dos teus inimigos. Vem, Senhor Jesus, vem! Pois nesta casa como em Nazaré ama-se com entranhável amor a Virgem Maria esta mãe tão terna que tu mesmo nos deste, vem encher com tua presença deliciosa os vácuos que a morte e a desgraça fizeram entre nós, ah! Se tu amigo fidelíssimo, houvesses estado entre nós em nossas horas de luta como se teriam suavizado as nossas lágrimas quanto bálsamo de paz teríamos sentido naquelas feridas secretas que só tu conheces! Vem! Porque se aproxima talvez para nós a tarde angustiosa de novos pesares, declina o dia fugaz de nossa juventude e de nossas ilusões, fica conosco porque anoitece: o mundo perverso quer envolver-nos nas trevas de suas criminosas negações, Nós te queremos porque só tu és o caminho, a verdade e a vida! exclama Jesus, como outrora: É preciso que desde hoje me dês hospedagem em tua casa, sim, Senhor estabelece aqui o teu tabernáculo, a cuja sombra vivemos em tua companhia nós te proclamamos nosso Rei, porque não queremos Ter outro rei no seio de nossa família senão tu somente!

Seja sempre amado bendito glorificado neste lar o coração triunfante de Jesus. Venha a nós o seu Reino! Assim seja.

### **Fórmula da consagração das famílias ao sacratíssimo Coração de Jesus**

Sacratíssimo Coração de Jesus, Vós manifestastes à bem-aventurada Margarida Maria, o desejo de reinar sobre as famílias e nós viemos hoje proclamar o vosso absoluto domínio sobre a nossa. Queremos viver de ora em diante a vossa vida; queremos que no seio de nossa família floresçam as virtudes as quais prometestes a paz: queremos afastar para longe de nós o espírito mundano que vos condenastes. Vós reinareis em nossa inteligência pela simplicidade de nossa fé em nosso coração pelo amor de vós só, no qual por vós e cuja chama conservamos sempre viva pela recepção frequente da divino eucaristia. Dignai-vos coração divino presidir as nossas reuniões abençoar os nossos negócios espirituais e temporais afastar os pesares, santificar as alegrias e consolar-nos em nossas aflições. E se alguma vez onde um de nós cair na infelicidade de vos ofender, lembrai-lhe ó Coração de Jesus que para com o pecador penitente estás cheio de bondade e misericórdia.

E quando soar a hora da separação e a morte trouxer o luto ao seio de nossa família, nós todos os que se forem e os que ficarem nos sujeitaremos aos vossos eternos decretos servinos-a de consolo, pensar que virá um dia em que toda a nossa família, reunida no céu, poderá cantar eternamente a vossa glória aos nossos benefícios. Digne-vos o coração imaculado de Maria. Digne-vos o glorioso patriarca São José, ofereço-vos esta consagração e conservar viva em nós a sua lembrança todos os dias de nossas vidas. Viva o Coração de Jesus o nosso rei e o nosso pai! Viva.

### **Consagração ao Imaculado Coração de Maria**

S. Puríssimo no Coração de Maria, pela graça de Deus, fonte inexaurível de bondade, de doçura, de amor e de misericórdia! Vós amastes a Deus, mas que os serafins, Coração imaculado da Mãe de Jesus, que tão vivamente sentistes as nossas misérias e tanto sofrestes pela nossa salvação que pelo Nosso amor mereceste o respeito e amor, o reconhecimento e confiança de todos os homens, dignai-vos receber benignamente a nossa consagração.

M – Oh! Senhora minha. Oh! Minha mãe eu me ofereço todo a vós; em prova de minha devoção para convosco vos consagro neste dia os meus olhos, os meus ouvidos, a minha boca, o meu coração, e inteiramente todo o meu ser: E porque assim sou vosso; Oh! Incomparável Mãe guardai-me e defendei-me como coisa e propriedade vossa. Amém.

S.- Oh! Maria, Mãe de Deus e nossa mãe Santíssima, abençoai estes meninos que vos são consagrados. Guardai-vos com cuidado maternal para que nenhum deles se perca. Defendei-os contra as ciladas do demônio e contra os escândalos do mundo para que sejam sempre humildes, mansos e puros. Oh! Mãe Nossa, Mãe de misericórdia rogai por nós, e depois deste desterro mostrar-nos o Jesus, bendito fruto do vosso ventre.

M – Oh! Clemente, Oh! Piedosa, Oh! Doce sempre virgem Maria. Amém.

### **Oração de Consagração a Nossa Senhora**

Oh, Minha Senhora e também minha mãe  
 Eu me ofereço inteiramente, todo a vós  
 E em prova da minha devoção, eu hoje vos dou meu coração  
 Consagro a vós meus olhos, meus ouvidos, minha boca  
 Tudo o que sou, desejo que a vós pertença  
 Incomparável mãe, guardai-me e defendei-me  
 Como filho e propriedade vossa, amém

### **Cânticos ou Benditos**

#### **A nós Descei**

A nós desceis, Divina Luz  
 A nós desceis, Divina Luz  
 Em nossas almas acendei  
 O amor, o amor de Jesus  
 O amor, o amor de Jesus  
 Vinde pai dos pobres  
 Doador dos dons  
 Luz dos corações  
 Luz dos corações

### **Coração Santo**

Coração Santo, tu reinarás; tu nosso encanto, sempre serás!  
 Coração Santo, tu reinarás; tu nosso encanto, sempre serás!  
 Jesus amável, Jesus piedoso,  
 Pai amoroso, fragua de amor!  
 Aos Teus pés venho, se Tu me deixas,  
 Sentidas queixas, humilde expor!  
 Divino Peito, que amor inflama  
 Em viva chama, de Eterna Luz!  
 Porque até em sempre, reconcentrada  
 Não adorada, Doce Jesus!  
 Correi, cristãos, vinde adorar,  
 Vinde louvar, O Bom Jesus!  
 Com grande ardor, rendei-lhes preitos  
 Com os eleitos, na Eterna Luz!  
 Divino Sol, espanca a treva,  
 Que já longeva, o mundo envolve;  
 Aos pecadores, aos ignorantes,  
 Que andam errantes, teus olhos volve!  
 Estende às almas, teu suave fogo,  
 E tudo logo, se inflamará!  
 Mais tempo a terra, no mal sumida,  
 Empedernida, não ficará!  
 Por estas chamas, de Amor benditas,  
 Nunca permitas, ao mal reinar!  
 Ao Brasil chegue, tua caridade,  
 Que ele em verdade, te saiba amar!  
 Divino Peito, onde se inflama,  
 A doce chama, da caridade;  
 Não a conserves, reconcentrada,  
 Mas dilatada, na Cristandade!

### **Achei Jesus**

Achei Jesus nos braços de maria  
 Achei meu Deus, achei meu salvador  
 Achei a graça, a paz e a alegria  
 Achei meu Deus e meu consolador

Oh! Meus Jesus, tesouro de minh'alma  
 Oh! Quantos bens, sobre mim derramais  
 Vós sois na vida e o céu de quem vos ama  
 Eu vos achei e não vos deixo mais

Achei Jesus no Santo Sacramento  
Seu Coração, achei-o em seu altar  
Achei da vida o imortal sustento  
Com que me hei sempre te renovar

Achei Jesus a fonte soberana  
De todo bem de toda perfeição  
Sou mais feliz que a samaritana  
Meu bom Jesus deu-me seu coração

Oh! Meu Jesus, tesouro de minh'alma  
Oh! Quantos bens, sobre mim derramais  
Vós sois na vida e o céu de quem vos ama  
Eu vos achei não vos deixo mais.

Achei Jesus a fonte soberana  
De todo bem de toda perfeição  
Sou mais feliz que a samaritana  
Meu bom Jesus deu-me seu coração

Oh! Meu Jesus, tesouro de minh'alma  
Oh! Quantos bens, sobre mim derramais  
Vós sois na vida e o céu de quem vos ama  
Eu vos achei não vos deixo mais.

### **Mas puro que as estrelas**

Mais puro que as estrelas,  
Mais claro que o claro dia,  
É fonte de graça cheia  
O Coração de Maria.

"Rezai e fazei penitência,  
Que no mundo haverá alegria"  
Foi esta a grande promessa  
Do Coração de Maria.

### **Maria de Nazaré**

Maria de Nazaré, maria me cativou  
Fez mais forte a minha fé  
E por filho me adotou

Às vezes eu paro e fico a pensar  
 E sem perceber, me vejo a rezar  
 E meu coração se põe a cantar  
 Pra vigem de Nazaré  
 Menina que Deus amou e escolheu  
 Pra mãe de Jesus, o filho de Deus  
 Maria que o povo inteiro elegeu  
 Senhora e mãe do céu  
 Maria que eu quero bem, Maria do puro amor  
 Igual a você, ninguém  
 Mãe pura do meu senhor  
 Em cada mulher que a terra criou  
 Um traço de Deus maria deixou  
 Um sonho de mãe Maria plantou  
 Pro mundo encontrar a paz  
 Maria que fez o Cristo falar  
 Maria que fez Jesus caminhar  
 Maria que só viveu pra seu Deus  
 Maria do povo meu

### **Padre Cicero**

Salve meu Padrinho Cicero  
 Lá em seu trono de glória (bis)

No céu tão esplendente  
 Junto com nossa senhora (bis)

Meu padrinho as nossas vozes  
 Entoando esses louvores (bis)  
 Rogai por nós lá no céu  
 A santa virgem mãe das dores (bis)

Lembrai-vos meu padrinho Cicero  
 Que somos vossos romeiros (bis)  
 Abençoi nossa terra  
 Vosso santo Juazeiro (bis)

### **Padre Cicero**

Meu padrinho quantas saudades o senhor deixou entre nós,  
 Hoje vivo em nossa luta, dai mais força a nossa voz.  
 Patriarca do Juazeiro, conselheiro do sertão.

Meu padrinho quantas saudades o senhor deixou entre nós,  
Hoje vivo em nossa luta, dai mais força a nossa voz.

### **Derrama ó Senhor**

Esta casa será abençoada/ pois o Senhor vai derramar o seu amor  
Derrama ó senhor (2 vezes) derrama sobre ela o seu amor (bis)  
Esta família será abençoada...  
Os convidados serão abençoados...  
As crianças serão abençoadas...  
Obrigado meu Senhor (bis) obrigado pelo seu imenso amor.

### **Jesus é o nome**

Jesus é o nome que tem mais encanto,  
Um nome mais santo que este não há.  
Ergamos um viva, um viva a Jesus.

**OBSERVAÇÃO:** geralmente os cânticos mais extensos são entoados apenas uma ou duas estrofes.

**ANEXO B - Acervo de fotos da pesquisa**

**Algumas entrevistas**











A partilha





A Renovação e a sala do santo



